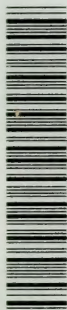


CARLOS MALHEIRO DIAS

Da Academia Brasileira de Letras
e da Academia de Ciências de Lisboa



3 1761 06184942 8

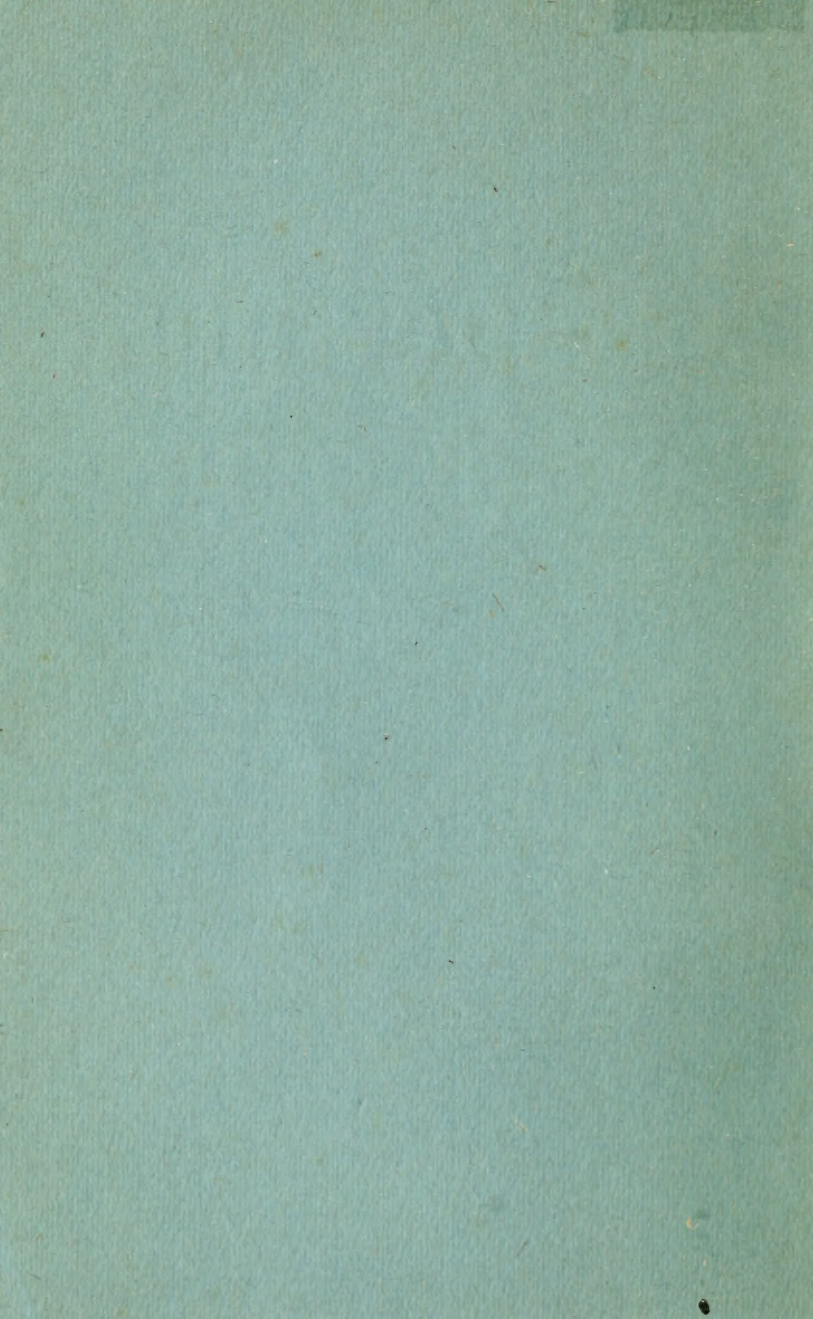
Esperança e a Morte

PER ORDEM PAVENS



LISBOA
PORTUGAL BRASIL—LIMITADA
SOCIÉDADÉ EDITORA
58-60, RUA GARRETT—RUA DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES



A Esperança e a Morte

Imp. Libanio da Silva — Trav. do Fala-Só, 24 — Lisboa

CARLOS MALHEIRO DIAS

Da Academia Brasileira de Letras
e da Academia de Ciências de Lisboa

A Esperança e a Morte

PER ORBEM PVGENS



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL—LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58-60, RUA GARRETT—RUA DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

CARLOS MALHEIRO DIAS
INSTITUTO DE PESQUISAS E
DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM

A Esperança
e a Morte



LIBRARY
AUG 22 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

O supplicio da esperança

Pousando o jornal em que acabo de ler a noticia das primeiras propostas de paz da Alemanha, recordo-me do conto celebre de Villiers d'Isle Adam. Elle parece-me exprimir o estado de alma da Europa neste dramatico instante em que se propaga, de lar em lar, de trincheira em trincheira, a palavra *Paz*.

Aquelles que, perante a maior hora de anciedade que jámais viveu o mundo, se sentem capazes de combinar palavras com a cadencia rythmica do estylo, é que não comprehendem o bruxolear indeciso desta aurora da Aleluia, despontando sobre o cahos sangrento da guerra, quando ainda não expirou o terror pathetico da tenebrosa sexta-feira da paixão humana, que dura ha vinte e oito mezes.

A minha memoria relê o conto terrível d'Isle Adam: o misero judeu enterrado vivo na cella

de pedra, com a visão dilacerante das torturas que o esperam e do auto de fé em que as suas carnes vão converter-se em torresmos, calcinadas pelas labaredas ardentes da fogueira. Mas, eis que, de repente, na treva do carcere, uma restea de luz, como um sorriso de esperança, deslisa. O desgraçado treme. É uma allucinação? Rasteja, estende a mão convulsa. A porta está entreaberta. Com um silencio de verme, de rastros nas lages, aproxima-se mais, empurra a porta de ferrô, como um morto que levantasse a tampa do sepulchro. A porta cede á pressão tímida da mão tremula. As lagrimas descem-lhe pelas faces. Latejam-lhe as fontes. Empurra-a mais, ainda mais. Os gonzos deixam escapar um grasnido de ferro, que ecoa aos ouvidos do prisioneiro como o bramido estri-dente de uma fera. Aterrada, a misera creatura humana recúa para o seu covil de pedra. Todo o esqueleto lhe treme no amago das carnes. Batem-lhe os dentes. Inunda-lhe a fronte um suor frio, como o que escorre das paredes salitrosas do carcere subterraneo. A porta continúa aberta. Foi, talvez, uma allucinação. Ninguém ouviu o bramido alarmante dos gonzos. O corredor, illuminado pela luz vermelha de uma tocha, está deserto. Não apparecem os carcereiros nem os verdugos. Nenhum rumor de sandalias nas lages, sob as abobadas sonoras. Ao fundo,

o clarão lacrimal da tocha deixa avistar os primeiros degrãos de pedra de uma escada de sepulchro. Ninguém! E outra vez a esperança sacode e movimenta o verme humano. Eil-o de novo a caminho pelo corredor da catacumba, deslizando com a lentidão do panico. Ultrapassa o clarão denunciador da tocha, attinge o primeiro degrão da escada barbara. Espia. Ninguém. Sempre ninguém. O verme cria coragem, exhala um suspiro de allivio, sobe a escada mergulhada em uma treva propícia e emerge, lívido, offegante, em um novo corredor, mais amplo, illuminado pelo pingo de luz de outra tocha solitaria, cravada num espigão de ferro. E o verme levanta-se, readquire, fortalecido pela esperança, a postura vertical de um homem. Caminha encostado á parede, apalpando a pedra com as mãos; e, de repente, estaca, transido do pavor da sua desmedida alegria. É que lá ao longe, na parede de pedra, se desenha a voluta romanica de uma porta chapeada de bronze, encimada pelas insignias da Inquisição, e essa porta, como a do seu carcere, está entreaberta! Avança, tacteando as pedras, como um ebrio, alcança a porta, empurra-a... O céu de uma noite de verão, recamada de astros, surge ante os seus olhos attonitos. O desgraçado cae de joelhos, ergue as mãos para as luzes celestes das estrellas, com a face inundada

de lagrimas. Nesse instante, porém, quando supõe ter alcançado a liberdade, o vulto de um dominicano ergue-se diante d'elle, uma pesada mão, dura como uma algema de bronze, agarra-o pelo braço, e uma voz soturna lhe diz: — «Volta para o teu carcere»!

Como o judeu do conto tragico de Villiers d'Isle Adam, a Europa está soffrendo nesta hora pathetica o supplicio da esperança. São milhões de sêres humanos, os martyrisados da guerra, que soffrem a crudelíssima anciedade da expectativa. A Europa está de oratorio. O tempo parece suspenso. É como se o globo terrestre se houvesse immobilizado, transgredindo as leis da mechanica celeste. A immensa, a transbordante, mas silenciosa aspiração de paz que agita todas as almas, enfim desabafa num unisono formidavel de suspiros. O sussurro da esperança parece o rumorejo de um mar. As lagrimas correm dos olhos das mães. Os donos do mundo vão falar. Não perturbemos com o zunido das palavras inuteis a religiosa grandeza desta hora formidavel. Calemo-nos. Descubramo-nos.

Na Europa, como o judeu do conto de Villiers d'Isle Adam, milhões de mãos supplicantes se erguem. Atrás dessa esperança está postado o negro vulto implacavel, que fará recaír as mãos anciadas e cuja voz inexoravel trovejará, como a do dominicano: — «Volta para a guerra»!

Savoir!

«L'humanité sortira de cette guerre de quelques années absolument identique à ce qu'elle était en la commençant; on reprendra les vieilles traditions, les vieilles croyances à des choses que l'on sait fausses et au non desquelles on fait plus de mal que de bien.»

Felix le Dantec.

Já o livre pensador tinha sido enterrado com as cerimoniaes religiosas a que a familia christã submetteu a passividade do seu cadaver, quando foi posta á venda a ultima obra do professor da Faculdade de Sciencias da Universidade de Paris e que dignamente supporta o titulo suggestivo e exigente de *Savoir*.

O conceito pessimista, que escolho para thema das despreziosas considerações que me inspirou a leitura da obra truculenta e sombria do pensador de *La Science de la Vie*, é como o alicerce sobre que se levanta e equilibra o pesado edificio da sua argumentação laborosa. Este livro, em que Dantec procurou

abranger, subordinados ao seu methodo scientifico, os mais grandiosos e perturbadores problemas sociaes, realiza a condensação das suas theorias materialistas, applicadas na analyse da moral nas relações com a guerra. O materialista, que tão ardentemente se empenhara em convencer a humanidade sua contemporanea de que a origem de todos os males humanos provém de se haver convencionalmente creado uma moral contraria á evidencia scientifica, já não existe. O insondavel mysterio da morte, onde porventura se occultam as decisivas respostas ás ávidas interrogações que atormentam o pensamento humano, terá já, talvez, esclarecido o investigador taciturno. Mas os que não compareceram ainda no mundo invisivel ou não principiaram a dissolver-se na materia universal, os sobreviventes a quem elle legou as doutrinas que constituíram o objecto de longas e solitarias locubrações, não podem eximir-se ao trabalho de discutil-as e analysal-as. Essa tarefa não deve ser tida na conta de um vulgar recreio litterario ou philosophico, mas representa obrigação de quantos não se desinteressam totalmente dos destinos de sua especie.

Perante o incommensuravel sacrificio da guerra, á vista da gigantesca ara de holocausto alagada pelo sangue de tantos povos, na presença deste monstruoso fratricidio em massa, cada

homem tem o dever de interrogar o futuro e de procurar indagar, embora para sua illusoria tranquillidade, para que metamorphoses beneficas ou estereis anniquilamentos pende, em sua cega marcha catastrophica, esta tragedia de que são ensanguentadas protagonistas as nações mais civilizadas do planeta e cujas organizações sociaes se desenvolveram sob a influencia das mesmas concepções originaes de moral.

Este livro, que Dantec, já moribundo, atirou para o meio dos homens e que se destinava a illuminar-lhes o caminho que conduz á verdade, não será mais uma vã e enganadara utopia, ou, pelo menos, não virá aggravar os tormentos em que se debate o inquieto espirito do rei da criação? O archote com que o philosopho da Sorbonne pretendia illuminar as trevas expelle uma densa fumarada e a sua chamma, envolta nesse negro fumo, é bem vacillante e frõuxa. . . Entretanto, eis um livro nobre, como os dos velhos tempos em que só escreviam os sabios e os genios, livro concebido e realizado por um cerebro de primeira grandesa, que consumiu os ultimos clarões da privilegiada intelligencia a prescrutar nos tumultosos e sinistros panoramas da guerra os itinerarios confusos da verdade. Esta mascula leitura repousa-nos da vacuidade cerebral da pedantesca philosophia jornalistica, da vulgaridade e dos lugares communs da rhe-

torica. É uma voz que desce das alturas intellectuaes e que contrasta com o coaxar atroador que se levanta dos charcos.

Este livro, que infundirá tormentosas duvidas em tantos espiritos e que tão grandemente poderá concorrer para a diffusão do scepticismo nas novas gerações, é o testamento desolador de um philosopho. Felix le Dantec interpella os seus contemporaneos, exhortando-os a repudiam a mentira perniciosa de que a humanidade se tornou escrava e á qual attribue o desencadeamento dos pavores infernaes desta guerra de bestas-feras, em que o troglodita resurgiu de sob o humus millenario da civilização, brandindo na mão simiesca o machado de silex. Escripta em uma linguagem dorida e altiva, de tão amargo queixume e de tão rudes imprecações, tão succumbida de esperança e tão arida de idéalismo, esta obra certamente inspirará uma instinctiva desconfiança em todos os que, diariamente, podem constatar o nobre esforço das artes e das letras em procurar convencer-nos das sublimes compensações moraes em que se estão convertendo tanta dôr, tanto horror e tanta miseria heroicamente supportados pelos povos. Mas, muitos outros leitores se deixarão enlear e persuadir pela argumentação tenaz do pensador e no intimo de innumeraveis consciencias ha de gerar-se a duvida angustiosa, para-

lysadora dos surtos redemptores da fé, e milhares de vozes interiores, em tenebrosos soliloquios, perguntarão se a realidade não é aquelle punhado de cinzas, maculadas de sangue, que elle nos aponta com a descarnada mão de moribundo, já sentado á borda do sepulchro.

Alguns dos aphorismos brutaes com que os theoristas germanicos da violencia indignaram a nossa deliquescencia sentimental, elle os renova, não para crear novos hunos inexoraveis e obtusos, doceis á voz autoritaria de Attila (instrumentos de conquista de que usaram todas as nações no seu periodo de expansão e na sua phase guerreira), mas para collocar a nossa illusão, a que elle chama a nossa hypocrisia, em frente do espelho implacavel da verdade. Assim, elle mostra-nos que a força e o interesse se antecipam a tudo; que as considerações sobre o bem e o mal, sobre o dever e o direito, são ainda o alimento quotidiano para os fracos que a verdade assusta; que o papel da mentira nesta guerra é por tal geito evidente que seria pueril insistir na sua demonstração; que esta guerra, que arruinará a Europa por longo prazo e destruirá tantos milhões de vidas, com excepção de algumas partilhas de territorios (talvez ephemeras) e da demonstração (talvez egualmente ephemera) de que uma guerra européa é um horror inominavel, não terá servido para coisa al-

guma . . . Na opinião de Dantec, a guerra actual elucidou os menos intelligentes sobre o verdadeiro valor dos princípios em nome dos quaes os homens se exterminam ha tantos seculos, mas desgraçadamente, desde que a paz se pactue e firme, depressa regressaremos ás antigas crenças, esquecidos das lições do pavoroso cataclysmo que revelou a fallencia da moral e poz a descoberto o peito canceroso da hypocrisia. O apostolo irreductivel do materialismo só na subversão do mysticismo vê o salvamento da humanidade illudida. O methodo scientifico opõe o seu *veto* a certas concepções que contradizem as verdades estabelecidas. Estão nesse caso as noções de liberdade, de virtude, de culpabilidade, de recompensa e de castigo . . .

A's vezes com piedade, de outras com furor, elle sacode a dolorosa victima da illusão, o homem-martyr, e diz-lhe com um laconismo terrivel: «Quando o canhão fala, a moral cala-se» . . . «O bom direito está perpetuamente ao lado do vencedor» . . . «A humanidade sanciona sempre os direitos daquelles que a dominaram pela força» . . . «O mais forte, esse será o eleito de Deus, até que lhe chegue a vez de ser derrotado por um novo favorito da Divindade» . . .

O illudido estremece, perplexo, suggestionado pela casuistica do apostolo, e este então, apon-

tando o quadro sinistro, o cemiterio da guerra, onde milhões de vivos se occupam a cavar as proprias tumbas, diz-lhe: «*Dans cette immense boucherie qui étonne l'humanité, nous remarquons principalement deux choses: les bel-ligérants, ayant dit que la parole est au ca-non, ne s'occupent plus de la morale, en dehors des chancelleries dont le rôle est de donner une couleur morale aux actions dictées par le seul intérêt...*»

Uma obra com esta substancia philosophica precisa de ser dissecada pela critica. Na hora em que a humanidade se immola em holocausto propiciatorio ao Direito e á Justiça e se sacrifica abnegadamente pelo bem futuro da sua descendencia, importa sobremaneira não deixar alastrar nas consciencias a duvida sobre os beneficios que advirão desse sacrificio redemptor.

Evidentemente as sociedades humanas são governadas por principios convencionaes e é certo que muitas dessas concepções contrariam a verdade scientifica no que ella tem de particularmente materialista. Nunca será possivel ao biologo encontrar sob o raio visual do microscopio, na analyse das celulas, os germens do Bem e do Mal. Mas uma argumentação que se baseie nesse phenomeno não póde deixar de considerar-se precaria, pois a prova mais conclusiva da logica (para não dizer da equidade)

dessas convenções reside na possibilidade humana em concebê-las e na sua disposição em acatá-las. O que *existe* no campo espiritualista é tanto uma realidade como o que *existe* no campo materialista. Essas duas realidades revelam-se de forma diferente. Eis tudo, presumo eu. O que distingue essas duas realidades é o facto de uma ser verificável e ser a outra apenas sensível. Toda a discussão em volta deste problema, ao qual Dantec trouxe, sob a aparência de novos argumentos, nada mais do que engenhosas applicações da sciencia á dialectica, parece-me absolutamente estéril. É incontestável que o mobil de todos os conflictos é o interesse, mas ha interesses de tal modo generosos na sua acção reflexa e por tal forma amplos no seu objectivo, que seria absurdo condemná-los só porque elles revestem um aspecto utilitario. Essa condemnação é tanto mais para estranhar num scienista, habituado a considerar a materia submettida á mesma lei das necessidades organicas de reparação e subsistencia. Não é possível deixar de concordar que os complexissimos organismos economicos que são as nações modernas não se batem e sacrificam apenas na defesa de princípios platonicos e como paladinas da moral, mas o que ha a discutir é se, na defesa dos seus interesses ameaçados essas nações não servem instinctiva ou delibe-

radamente a evolução das sociedades humanas para uma maior perfeição e um mais justo equilibrio entre o bem e o mal. Porque não admitir, em face da evidencia, que á evolução social preside o mesmo princípio activo que promove a evolução das especies? O que é, porém, intuitivo é que o progresso social não obedece ás mesmas leis do progresso scientifico. A sciencia (que beneficia da organização social, productora e condensadora de forças) caminha aos saltos, galgando ás vezes, em uma só hora de inspiração genial, distancias prodigiosas, refazendo-se e aperfeiçoando-se incessantemente. A moral social, essa está adstricta á dupla acção multiseccular dos habitos e das conveniencias. As leis moraes no decorrer do tempo transformam-se em costumes, que evoluem. Não é possível affirmar sem injustiça que a concepção social da guerra não tenha evoluido, se não nos processos, porque ella é por natureza crudelissima, mas nos seus objectivos.

No actual momento o programma da guerra que a grande colligação move aos Imperios Centraes, é nitidamente um programma de reivindicções moraes, em que se sobrepuzaram aos interesses de alguns povos os da humanidade. A Inglaterra foi a primeira a confessar que não entrara na guerra só para defender o direito violado na invasão da Belgica, mas para pre-

servar os interesses ameaçados do povo inglez e impedir que a victoria da Allemanha fizesse regressar, pelo menos temporariamente, as sociedades humanas ao jugo de um militarismo autocratico e oppressor, apoiado na força e extraindo da força um exorbitante poder malefico e aggressivo. Presumivelmente, depois da guerra, subsistirão as mesmas crenças moraes que presidiram á evolução dos povos empenhados na lucta fratricida e as mesmas idéas convencionaes de direito e de justiça, mas esses principios, pelos quaes se immolaram milhões de creaturas, ficarão mais consolidados, corresponderão melhor á realidade. A guerra, hoje, é contra a *Guerra*, e tanto basta para alliviar a consciencia humana do remorso oppressivo e da dôr desalentadora de se haverem manchado as mãos no sangue, de se terem executado hecatombes, de se haverem padecido os mais cruciantes martyrios sem uma compensação benefica, capaz de redimir e resgatar esses pavorosos attentados.

Applicando ao estudo da organização social o seu predilecto methodo de uma philosophia biologica, Dantec pretende que a desventura em que se debatem os homens provém de uma moral contra a natureza, e que o unico meio de garantir a humanidade futura contra as funestas consequencias dessa concepção monstruosa seria o de substituir o criterio scientifico ao ve-

tusto criterio metaphisico. Demolir o preconceito. Entregar o sceptro á verdade. As descobertas scientificas contradizem os principios sobre que repousa, desde seculos, a sociedade humana, e que a guerra actual reduziu a pó (?), demonstrando que nas grandes occasiões o mundo inteiro se inclina perante o direito. . . do mais forte. Todavia, isso não prova a iniquidade ou a inefficacia do direito, mas apenas que a sua supremacia, proclamada no campo moral, ainda não é uma realidade absoluta, mas apenas em estado de aspiração.

Dantec acredita de boa fé poder demonstrarnos a contradição flagrante e irreductivel entre as verdades scientificas indiscutíveis e os *immortales principios*, em nome dos quaes uma sociedade sem entranhas chafurda no sangue e supplicia tantos innocentes.

Por maiores esforços que tenha experimentado para me subtraír á impressão desoladora que me empolgou desde as primeiras paginas de *Savoir*, a sua leitura deixou-me convencido de que, tocando com o dedo as grandes chagas secretas da humanidade, o sabio não tinha descoberto para ellas o balsamo curativo.

O audacioso theorema de Dantec é visivelmente falso, supponho eu, para quantos possam analysal-o emancipados da obcessão sectaria, e contém o germen da maior das iniquidades,

porque o conhecimento scientifico em que se baseia a sua doutrina nunca poderá ser commum a toda a humanidade, e consequentemente elle privaria de uma consciencia moral a grande maioria do genero humano. Para a sua orgulhosa intelligencia, deslumbrada pelos esplendores da sciencia, a concepção da Divindade é um artificio incomprehensível, e por isso indigno de dominar a existencia das modernas sociedades humanas e de presidir á sua evolução.

Mas, exactamente a crença iguala todos os homens perante a entidade divina, emquanto que a comprehensão das leis scientificas é privilegio, apenas, das *élites* intellectuaes, e por isso mesmo representa uma concepção anti-igualitaria. A Sciencia não é uma capacidade universal como a Crença, e não vejo em que pudesse adiantar-nos a substituição do dogma divino pelo dogma scientifico, com a criação de um Vaticano de sabios, tanto mais que com essa organização néo theocratica é de presumir que nada beneficiaria a sciencia.

Em seus calculos, o philosopho não contou com essa imponderavel evidencia que nelle proprio fulgurava, e que se chama a intelligencia humana, que sempre acaba por encaminhar a especie para a luz. *Ce qui donne le mieux l'idée de l'infini c'est la bêtise humaine* — escreveu um dia Renan. O autor de *Savoir* parece só ter

ouvido sobre a guerra as vozes desorientadas, desautorizadas e inconscientes dos que, não tendo podido ou sabido, ou querido comprehender o alcance e o significado moral do sacrificio humano empenhado na guerra, glorificaram a guerra e o dever de morrer, attribuiram sacrilegamente á guerra a capacidade de ennobrecer, purificar e elevar o homem, quando nesta guerra hedionda e já anachronica só dignamente participam os *inimigos da guerra*, e o proprio soldado não é mais o magarefe profissional contratado para abater homens no matadouro das batalhas, mas o cidadão que, heroicamente, se vota ao sacrificio que lhe exige o bem da collectividade e das gerações futuras. É precisamente isto que transfigura os exercitos em legiões aureoladas. Cada vez mais o soldado deixará de ser o homem que se disciplina para trucidar, mas para impedir as mortandades. Os exercitos garantem a fortaleza do direito e da justiça. São os seus amparos e a sua energia, os seus defensores e não os seus violadores.

É preciso que, de uma vez para sempre, aquelles que, com direito ou sem elle, manejam uma penna, aquelles que influem de qualquer modo na opinião, como seus especuladores ou como seus guias, aquelles que semeiam as idéas proprias ou alheias nos bons ou nos maus terrenos, deixem de elevar a guerra ás alturas de

uma divindade benéfica, encarnadora da justiça ou defensora do direito, que cessem de attribuir á guerra a virtude de melhorar e dignificar os homens, que desistam da execranda cumplicidade com o mais hediondo depoimento da animalidade humana, em que a besta irrompe do semi-deus em allucinados delirios. É necessario que todo o genero humano excre a guerra, amaldiçõe a guerra, abomine a guerra. É preciso que nenhum homem, em nenhuma nação da terra, espere da guerra mais do que ella é capaz de dar: podridão. É indispensavel que este sacrificio gigantesco, que este Mar Vermelho de sangue humano e este Mar Salgado de pranto humano, que estas ruinas, estas hecatombes, estas cathedraes de pedra despedaçadas e estes corpos humanos dilacerados, estes morticinios gigantescoes a que se entregam as nações, estes montões de esqueletos partidos, não sirvam de material para a erecção ignominiosa do templo da guerra.

É preciso que cada um de nós pense e acredite que estamos assistindo a uma guerra contra a *Guerra*, que todos, com a mesma concordancia vehemente, façamos votos para que a guerra saia para sempre vilipendiada, desmoralizada e temida deste conflicto apavorante, desta carnificina nauseabunda. Seria o mais insensato dos absurdos que a America jurista, pacifista e

longínqua interviesse na lucta titanica das nações suas antepassadas para consagrar na guerra a suprema seleccionadora do Bem e do Mal, a unica dirimidora dos conflictos entre a iniquidade e o direito, entre a justiça e o crime.

A circulação destes sentimentos e destas opiniões, que tanto reduziram já os poderes soberanos da Hypocrisia, e tanto concorrem, pois, para a reabilitação da Verdade, demonstra que Dantec condemnou precipitadamente as concepções sociaes da moral, e não fez justiça aos instinctos superiores da especie. As mãos crispadas dos moribundos rasgaram os véos espessos da Mentira. Quando se escutam as vozes daquelles que regressam dos morticínios como no livro doloroso de Henri Barbusse, adquire-se a convicção confortadora de que o philosopho pessimista e misantropo se enganou e que a Verdade não se afogará no sangue. Contra as mentiras dos que sustentam a necessidade hedionda da guerra e trajam a Morte como uma figura de gala, como uma especie de deusa-harpia, agglomera-se o depoimento unanime dos homens clarividentes a quem será confiada a tarefa gloriosa de modelar a vida futura da humanidade, e que voltam do inferno das batalhas com a mesma amargura pungente com que, pelas planícies soturnas, Dante regressava dos círculos infernaes em companhia de Virgílio.

Over the Top

É difficil traduzir literalmente o titulo do livro do «private» Empey. «Over the Top» é uma phrase terrível na linguagem de trincheiras : nada menos que a voz de commando para o soldado saltar dos abrigos e atacar o inimigo. Seria, talvez, possível traduzil-a «Sobre o parapeito», mas prejudicando-a na concisão sonora e no pittoresco, tão certo é que cada língua possui sua alma e que as palavras têm a sua physionomia especial, e tão extremamente delicada, que se altera na versão ainda a mais meticulosa.

«Over the Top» — o livro do dia nos Estados Unidos — é a narrativa de um voluntario «yankee», que serviu, durante dois annos, na secção de metralhadoras do 167º regimento de infantaria do exercito britannico e perdeu na guerra o braço direito. Dirá o leitor com um bocejo, que «Over the Top» não passa do titulo novo de uma obra já centenas de vezes escripta e reedi-

tada desde 1914: mais um livro da série dos descriptivos da guerra, e de que «Le Feu», de Barbusse, passa por ser a suprema agua forte, composta e gravada com o talento vigoroso e impressionante de um Gustavo Doré da palavra.

Não ha nada mais embaraçoso do que falar de um livro sobre o qual não conhecemos outra opinião, quer seja para nos apoiarmos n'ella, quer seja para refutal-a. De um livro ou de outra qualquer coisa, porque noventa e cinco por cento do que hoje se escreve no mundo são variações, commentarios, interpretações ou refutações ao que já está escripto... e melhor escripto.

Este livro, de um simples soldado, está, porem, á margem de tudo o que se tem escripto sobre a guerra e constitue uma das mais elucidativas demonstrações do character do grande povo anglo-saxonio da America, creador, no curto espaço de um seculo, de uma das mais vivazes, activas e originaes civilizações modernas: aquella, talvez, que revela maiores possibilidades intrínsecas de evolução para um regimen de equidade social.

Debalde se procurará em «Over the Top» um vestígio, embora tenuíssimo, de emphase, ou sequer a preocupação «literaria» de pintar os panoramas sinistros da moderna batalha das ca-

vernas. A belleza inexcedível do livro do voluntario Empey consiste em que elle não nos dá a versão da guerra vista pelo Homem, mas nos mostra o Homem através da guerra.

Isto bastaria para fixar-lhe a inconfundível originalidade. O que nelle avulta de esplendidamente emocionante não é o estylo, não é a arte de escrever, mas a forma formidavel de sinceridade e de simplicidade.

Um escriptor de raça latina—digamos, mesmo, um escriptor europeu — para escrever um livro identico precisaria de crear um protagonista ficticio, symbolo da innocencia, e dar-lhe o dom da palavra, fazendo-o falar a linguagem da candura, que Doistoiowsky emprestou a algumas das suas personagens.

Imagine-se um homem mantendo em harmonioso equilibrio o sentimento da realidade indispensavel a um ente superior. Este exemplar varonil, dotado com uma compleição moral e physica capaz de resistir ás maiores calamidades e defrontar os maiores horrores sem cambalear de medo, tem uma alma sensível de «baby», uma consciencia nitidamente instruida do altruismo, e o formidavel optimismo de quem confia na resistente solidez dos seus nervos de aço e na victoria poetica do Bem.

É este homem bom, alegre e robusto que, logo depois do afundamento do «Lusitania»,

vai bater-se na Europa com candida bravura, sem outro interesse que não seja o de defender uma causa honrada e justa, e que, cometendo este desvario ideologo, não abdica do bom senso utilitario e encara o seu sublime sacrificio sem a menor exaltação romanesca. Este homem tão lucidamente visionario; este campeão da innocencia; este martyr voluntario de um dever que só lhe é imposto pela consciencia, fóra da pressão das leis, é, porventura, um exemplar anticipado do homem futuro?

Parece que não, pois que é perfeitamente comprehensivel aos seus contemporaneos, e nos Estados Unidos se admite como cabendo nos limites da maxima verosemelhança um homem desta especie singular.

Herdeiros excessivamente enfatuados da civilização greco-latina, nós valorizamos espantosamente a palavra, convertemoz em obra de arte muitos dos aspectos vulgares da vida e architectamos magestosas tragedias com simples incidentes familiares. Este norte-americano, pelo contrario, compraz-se em fazer entrar no quadro das coisas naturaes (como realidade que é), uma tragedia estupenda e em apresentar a uma suave luz invernall, sem recorrer ao artificialismo dos estridentes arcos voltaicos da rhetorica, os grandiosos sentimentos com que adornamos os heroes antigos e da cavallaria medie-

val. Com a estrutura do «Over the Top» e as unicas modificações indumentarias consequentes da transposição da acção para o seculo XIV ou XVI, um Alexandre Dumas ou um Walter Scott fariam do soldado Empey uma especie de Galaaz. Ora, este Galaaz americano do seculo XX, tão heroico como os antigos paladinos, apresenta-se-nos como um «simples» mortal, que «simplesmente» cumpriu um «simples» dever.

Se a confrontamos com a restante literatura da guerra, tão dramatizada de horror e tão inçada de divagações philosophicas, «Over the Top» dá a impressão de uma epopéa interpretada por um humorista ou composta por uma criança. Em todo o caso, uma epopea. Com a leitura desta obra assistimos a um dos espectaculos mais emocionantes da tragedia européa, e que não seduzira ainda a literatura mais ou menos jornalística ou esthetica, convencional e declamadora da guerra. Vemos o Homem fragil rindo á beira da morte, sentado, com a alegria da juventude na borda do sepulchro. Este livro, simultaneamente macabro e humorístico, revela-nos no soldado um ente até agora obscuro, que arrosta os maximos horrores com uma coragem tanto mais imponente quanto é uma coragem adquirida, sobreposta ao instincto de conservação, despida dos europeis postiços com que a ornamentam os costureiros do estylo: toda a

«rue de la Paix» da phraseologia literaria. «Over the Top», apesar da sua voluntaria simplicidade, é a apologia épica da energia humana. Mostranos o homem civilizado — sub-conscientemente recordado da infancia longínqua, vivida nas furnas do terciario, em lucta com a fauna das primeiras idades — acceitando resignadamente a vida immunda das trincheiras, não se deixando abater pela dor e pelo horror, experimentando a sua resistencia formidavel ás mais indescriptiveis vicissitudes.

Devorado pelos parasitas, vivendo na convivencia dos ratos, entre o cheiro nauseabundo das exalações amoniacaes, putridas e cadavericas, perante o espectaculo repugnante da carnificina, habitando em buracos lamacentos, com agua até aos joelhos, dormindo na palha e no esterco, poderíamos esperar ver o Homem transmudado num repulsivo e sanguinoso. Porém, o Homem sublimemente resiste e não se animaliza neste meio degradante de matadouro e estabulo. Por baixo dos farrapos enlameados, dentro do seu bello corpo mortal e corruptivel, a luz idealista, embora sacudida pelos impetuosos vendavaes, cyclones e tufões do horror, não se apaga.

*

A lucta implacavel entre Tommy e Fritz é-nos apresentada em «Over the Top», nos intervalos

em que o Homem renasce dos delirios da Fera acalmada, como um espectáculo deploravel, como uma fatalidade contristadora. Empey esforça-se constantemente em salvar do conflicto aterrorador a dignidade humana e o sonho persistente de uma fraternidade vindoura e triumphante. Não nos descreve fratricidas, mas homens temporariamente submettidos a um officio cruel. O seu optimismo insubmisso consegue encontrar, na presença da hecatombe, os pretextos para uma apotheose da bondade humana: diamante bruto, que a civilização ha de acabar por desagregar da ganga e lapidar em mil facetas radiosas. O seu empenho parece ser o de rehabilitar o soldado da opinião que o apresenta como um algoz, insensibilizado pela sua profissão de magarefe. Elle limpa os rostos maculados de lama e sangue e mostra-nos que são rostos humanos. Debaixo das fardas sordidas desvenda-nos bellas esculpturas humanas, eburneos torsos de Apollo, maravilhosamente esculpidos para os amplexos do amor.

Empey não embelleza a guerra. Ha uma palavra que não se encontra no seu livro. E' a palavra «Gloria». Á sua intelligencia lucida e sensata não escapa, talvez, que a grande tragedia guerreira é o formidavel panno de theatro que encobre os conflictos inexoraveis do interesse ameaçado, as competições da hegemonia com-

mercial, as necessidades inflexíveis de robustecer o Estado pela defesa das classes poderosas. Mas elle bate-se contra uma concepção política, dentro da qual se tornou possível trucidar mulheres e crianças innocentes. Isso lhe basta. Elle sabe que a grande tarefa civilizadora consistirá em extirpar da natureza humana as ultimas escorias da bestialidade ancestral, e deixa-nos perceber e reconhecer que os monstros não estão nas trincheiras, comidos pela sarna e pelos piolhos, infectados pelos ratos e dilacerados pela metralha, mas na rectaguarda, nas grandes cidades ruidosas, laboratorios da hypocrisia e da iniquidade.

Ali, nas trincheiras, está Tommy em face de Fritz, armados um contra o outro. Empey descreve a lucta travada entre Fritz e Tommy.

*

Reconheço que o heroe de «Over the Top», tal como eu o interpreto neste despretençioso ensaio, não é sufficientemente comprehensivel desligado da sua alegria, do humorismo jovial que tornou «Yank» o camarada tão querido dos Tommies. O bom humor é o «pannache» do seu heroismo. A philosophia deste singular chronista da guerra está toda na sua ironia, attenuada de sentimento, e onde não ha sombra de maligni-

Não é a ironia latina, gêmea da sátira, mas a de um observador naturalista. Empey tem o «humour» peculiar da sua raça, um humorismo da escola de Mark Twain, a menos a preocupação da subtilidade literaria. Muitas vezes, mesmo, o seu humorismo resulta do contraste entre a naturalidade e a dramaticidade. É o humorismo do imprevisto. Numa madrugada plumbea de inverno, ao lusco-fusco de uma desbotada aurora, Empey, que passara a noite de sentinella, com agua pelo joelho, sente que um frio glacial, precursor da morte, o invade e progressivamente lhe ascende dos quadris e o paralisa. Empey lembra-se, então, do estado natal e da família. Encosta-se á trincheira e escreve a lapis, á luz difusa da aurora, a carta de despedida á irmã, na previsão do desfecho fatal. A seu lado um Tommy está recolhido na mesma occupação sombria. Pelo menos, elle assim supõe, e afflige-o aquelle outro moribundo que, como elle, deve estar redigindo o supremo adeus aos entes queridos. Mas, de repente, Tommy pára de escrever, queda perplexo. Empey dispõe-se já a animar o camarada com uma palavra amiga, quando Tommy se resolve a confiar-lhe o motivo da sua perplexidade: — «Como se escreve *conflagração*?

Aquella pueril preocupação ortographica em frente da morte, ao mesmo tempo que anota a

meticulosidade britannica, reconduz brusca-mente a scena tragica a um humorismo realista. O livro está cheio destes episodios ingenuos, que nos trazem á memoria passagens de Dickens. Que admira? Os exercitos são compostos pela flor da mocidade, e onde ha mocidade ha alegria, mesmo em frente da morte.

Empey empenha-se em apagar os equivocos seculares que crearam entre o inglez e o americano uma desconfiança recíproca. Mas para fazer admirar e estimar o bravo e honesto Tommy, não o elogia. Explica-o. Mostra-o como elle é, com o seu character retraído, os seus preconceitos tradicionaes, o seu culto da lealdade e a sua boa educação de «gentleman». Tommy, por exemplo, denomina pulgas todos os parasitas da trincheira. A sua boa educação não lhe permite admittir que um «gentleman», mesmo cohabitando com os ratos num buraco, que parece uma sentina, possa alimentar com o seu nobre sangue outros repulsivos parasitas. Tommy não comprehende as liberdades americanas. Mesmo debaixo de fogo, Tommy não perde a linha. Um bom Tommy nunca passará em primeiro lugar por um sitio perigoso... Neste particular, Empey aproveitou e applicou sempre as lições da boa educação de Tommy. Certo, no tratamento de «Yank», que lhe dão os Tommies, desponta a altivez britannica, mas Empey

é o primeiro a rir como um camarada, e consola-se da intenção maliciosa da alcunha, prestigiando o nome de «Yank», tornando-o synonymo de bonhomia indulgente, de sensata alegria e immaculada honra. Quando, nos caixotes de munições, nos canhões, nas metralhadoras, nos automoveis blindados, nos carros sanitarios, lê o U. S. A., isso alegra «Yank». Não era, pois, elle só que ajudava Tommy a bater Fritz. Lá ao longe, na grande Patria, as fabricas trabalhavam, como elle, para vingar as crianças e as mulheres do *Lusitania*...

É no dictionario, publicado em appendice ao volume, e que abrange as phrases mais caracteristicas e a giria da trincheira, que a ironia jovial de «Yank» se espraia com uma maior incontinencia. «Aprés la guerre» é uma phrase franceza que Tommy traduz por «Paraíso»... «Granada de mão» é um engenho infernal destinado a ser arremessado á cabeça teimosa de Fritz. O seu principal defeito é o de explodir muitas vezes antes de deixar a mão de Tommy... «Trincheirite» é a doença contraída na trincheira com saudades de casa e quando Tommy recebe cartas dos amigos que estão enriquecendo na fabricaçao de munições... «Parapeito» é a parte superior da trincheira, que Tommy constantemente está edificando e Fritz constantemente destruindo... «Convales-

«cença» são as seis semanas concedidas a Tommy ferido para se restabelecer e durante as quaes o governo pensa para onde deve mandar outra vez Tommy para ser de novo ferido... «Vagas de assalto» são os pelotões de soldados que se precipitam das trincheiras contra o inimigo. São numeradas : primeira vaga, segunda vaga, etc. Tommy gostaria de pertencer sempre á decima vaga... «Trincheira» é um buraco cheio de agua, de ratos e tambem de homens, que Tommy adopta como residencia em França. De vez em quando, Tommy põe a cabeça de fóra para admirar o panorama. Se é feliz, sobrevive para contar aos amigos o que viu . .

«Yank» é expansivo : qualidade propria da sua raça, e gosta de trocar impressões com os prisioneiros. Uma manhã, depois de um *raid*, os Tommies conduzem ás trincheiras uma duzia de captivos, aprisionados no fundo de buracos bombardeados durante quarenta e oito horas successivas. Fritz apparece ensanguentado, faminto e exausto. Compadecidos, os Tommies offerecem *rhum* aos adversarios extenuados, que se mantiveram durante dois dias no seu posto debaixo de uma rajada ininterrupta de metralha. Um dos captivos, depois de tragar o *rhum*, dirige-se aos Tommies, em inglez : «Agradeço o vosso *rhum*, e ainda mais a vossa grandeza de alma.»

«Yank» elogia a phrase e trava uma conversa com Fritz.

— Onde aprendeste o inglez ?

— Estive muitos annos em Nova York. Conheço os Estados Unidos melhor do que tu.

«Yank» sabe que Fritz é teimoso e deixa-na orgulhosa illusão de que conhece melhor do que elle a sua propria patria.

— Estive tambem em Londres e causa-me pena saber que essa bella cidade foi destruída pelos Zeppelins.

Aqui, «Yank» protesta e affirma que Londres está intacta. Fritz sorri. Viu num cinema as ruinas de Londres. . . Contra isso, «Yank» nada tem que objectar. A teimosia proverbial de Fritz resistirá a todos os protestos. Empey resolve mudar de conversa e interroga Fritz sobre a organização dos atiradores de trincheira, cujas pontarias têm causado pesadas perdas aos bravos Tommies.

— Ah! — responde Fritz com um sorriso de malicia — é que o governo dá-lhes um marco por cada soldado attingido, cinco marcos por cada official. . e trinta dias de prisão por cada coronel ou general abatido.

«Yank» não comprehende as causas daquella conversão de recompensas em castigo, e Fritz explica :

— O estado-maior entende que, se acabar-

mos com todos os coroneis e generaes inglezes, não haverá mais quem commetta os erros que nos são tão proveitosos!

Nem tudo, porém, é assim risonho em «Over the Top». Quando as ardentes tempestades de metralha de Fritz abatem sobre as trincheiras dos Tommies, como Henrique IV, que tremia sobre o arção da sella ao começar a batalha, as pernas dos heroicos Tommies «começam a bater o compasso do «Sweet Home», e Empey murmura: «Para que sahi eu de Ottawa»? Não é um homem de romance, que se vangloria de uma ficticia coragem. É um homem de verdade, que ri e chora, soffre e se compadece e nunca se desvaira. Mas este heroe humano, que estremece até ao esqueleto sob o rebentar das granadas, quando, no hospital, o medico lhe declara que é indispensavel a amputação, faz-se photographar, jovlalmente, pela ultima vez, com o seu braço ferido e o trophéo de um capacete allemão na cabeça, numa attitude de estatua sobre o pedestal, e escreve na photographia «Sinto-me aniquilado? Não!»

É o grito alegre da alma, vencedora do corpo, triumphando da misería phisica, e com esse grito, ao mesmo tempo infantil e magestoso, elle faz a apotheose da especie humana.

O elogio de Lenine

Uma das mais galantes figuras de gentleman e que melhor interpretavam a nobre elegancia da coragem franceza perante a orgia sanguinaria do Terror, é a do tão formoso como famoso duque de Lauzun. Quando o ajudante do carrasco foi chamal-o ao carcere de Santa Pelagia para o curto passeio á guilhotina, encontrou-o sentado á mesa sordida da prisão, saboreando uma duzia de ostras de Marennes, regadas com certo vinho branco de Graves. «Cidadão — diz-lhe o fidalgo — dá-me licença para acabar». E enchendo um copo de vinho, offereceu-o ao sinistro funcionario da Republica. «Bebe. Deves precisar de coragem nesse officio».

A apologia do tragico delirio em que degenerou a Revolução Russa é, igualmente, uma tarefa que reclama coragem. Por isso eu admirei o palido moço anarchista que, sem precisar

do copo de vinho branco de Lauzun, durante uma hora, no Centro Libertario, fez o elogio de Lenine em uma linguagem theatral, se bem que de uma contextura de ideas frequentemente pueril.

Mais uma vez me foi dado assistir ao arrebatamento rethorico em que é fecunda a *vis* latina da nossa ativa estirpe, mas com a particularidade inedita de que o rhetor anarquista estygmatizava a escolastica dos improvisadores e repetidores de phrases e se arremessava, indignado, com os bellos olhos lampejando, a boca em fremito, as mãos crispadas, contra «os leprosos da rhetorica verbal e escripta», que ameaçavam contaminar a humanidade com todos os erros da sua enfatuada ignorancia.

Na pequena tribuna, amarrotando na mão nervosa os apontamentos (que, aliás, nunca precisou de consultar no decurso do seu discurso inflammado), o orador começou por explicar com nitidez a importancia pernicioso (segundo o seu ponto de vista) de algumas palavras com que a humanidade se entretém ha longos seculos, pelas quaes tantas ondas de sangue se têm vertido em propiciatorios holocaustos, e que não passam de meras palavras, convencionaes associações phoneticas, de significação indecisa e variavel: Direito, Justiça, Patria, Honra, Dever, Autoridade...

A voz que declamava essas atemorizantes theorias era uma bella voz de vibrantes accordes, com inflexões que enthusiasmariam Talma ou João Caetano. A belleza da voz resgatava a demencia das idéas. Eu sorria, animado pelo exordio, e resolvido a divertir-me prodigiosamente com o «Elogio de Lenine», onde o moço utopista, discípulo de Marx, repetiria toda a perturbadora theoria, esperança suprema dos opprimidos, e de que o mesmo Lenine está, neste proprio instante, provando a inanidade manifesta e a illusão aterradora. Mas a minha humildade de servo obediente da autoridade, a minha escravidão aos preconceitos, o meu illuminismo de crente, educado hereditariamente, de geração em geração, desde a idade romana, no culto da Lei: tudo o que constitue a minha palida individualidade moral e intellectual se contraíu, receiosa e perplexa, perante o respeito religioso do auditorio, na contemplação daquelles rostos proletarios vincados pelo esgotamento muscular do trabalho, daquellas bocas exangues e amargas, daquelles olhares onde se misturavam clares ferozes e a doçura de um mysticismo candido, que por vezes se humedecia de lagrimas — pois é o homem a unica féra que chora. Era a acção contagiosa e imperativa da Fé que se exercia sobre mim, naquella atmosphaera impregnada pelo fluído hypnotico do orador e pela

exaltação communicativa das victimas da illusão anarchista, ao mesmo tempo dignas de terror e de lastima.

Não occultarei que, certamente influenciado por essa suggestão collectiva, eu applaudi algumas vezes o apologista louco de Lenine, como quando elle affirmava que as palavras têm morto mais gente do que as balas e condemnava com desdenhoso sarcasmo a vacuidade rethorica de quasi tudo o que o «analphabetismo jornalístico» vem dizendo sobre os heroes pathologicos, de origem tartara e semita, da babelica orgia russa. Os acontecimentos historicos só se vêem bem de longe. Um homem colado ao flanco de uma montanha não vê a montanha. Reconheço que é quasi absolutamente impra icavel julgarmos equitativamente a Revolução Russa, obsediados pelas nossas tradicionaes e archaicas concepções da sociedade e do estado. Tanto valeria submeter ao criterio fanatico e intolerante de um tribunal de inquisição, do tempo do cardeal Ximenes, um delicto por abuso de liberdade de imprensa. Estou convencido de que as tenebrosas massas do proletariado russo, embriagadas de utopias e tambem de sangue, entontecidas pela liberdade e tambem pela fome, devem cuspir com desprezo sobre a logomachia da imprensa universal, para ellas inintelligível. A civilização occidental deixou de entender a

Russia. Mesmo a Russia maximalista não existe mais no mappa político da Europa. É uma sociedade tão dessemelhante das suas vizinhas que antes parece localizada em outro planeta. Até aqui, o meu pacifismo burguez, respeitador da Lei e amigo da Ordem, concordava com o orador arrebatado do Centro Libertario.

A communa maximalista tem conservado na sua expansão uma logica inflexível: a logica dos vendavaes. Sempre a technica da demolição foi a opposta da construcção. O que nos parece desvario é a rigorosa seqüencia na applicação de uma doutrina que pulveriza o imponente edificio de um passado, que é, ainda para nós, o presente. Não me repugnava acceitar como perfeitamente admissível que a obra de Lenine e dos seus allucinados sequazes tivesse podido realizar-se sem o desvio sequer de um milimetro provocado pelo iman da corrupção allemã. A Allemanha limitara-se a lançar o ácido corrosivo na retorta da revolução. O acido exercera a acção que lhe era propria. Que fascinação poderiam exercer os trinta dinheiros de Judas (embora accrescidos dos juros accumulados em mil oitocentos e oitenta e cinco annos) sobre Lenine, que suspendera a cobrança dos impostos, que aniquilara o potentíssimo organismo do Estado e desmoronara o templo do capital? Devo confessar que, neste ponto, a defesa

produzida pelo exaltado moço me satisfez plenamente, de tal modo os seus argumentos foram habilmente concatenados até attingir o corollario de que o jornalista cognomina de traiçãotudo aquillo que, excedendo os limites da sua compreensão, contraria a intolerancia ideológica e estreita do seu ponto de vista ou do seu interesse. Lenine não era, sequer, um chefe de doutrina, mas apenas o discípulo fanatico de uma theoria que distribuira ao proletariado a missão apocalyptica de impôr um termo á serie gigantesca das guerras e das luctas fratricidas, iniciadas nas idades remotas pelo avoengo troglodyta. Certo, o orador excedia-se quando affirmava que «Lenine era tanto um traidor aos alliados, como os martyres christãos haviam sido traidores ao estado romano», mas esses excessos eram perfeitamente admissiveis na eloquencia de um semi-louco. A verdade era que a Revolução Russa se organizara e deflagrara sem a presença e sem a collaboração do tenebroso Lenine. Logo, na hora do parto, ella expellira dos flancos dilacerados e sangrentos o Pacifismo. Quando Lenine, acudindo, através da Allemanha (que se apressara a abrir a jaula ás feras, enxotando-as para o circo), chegou a Petrogrado, encontrou a revolução dos anarchistas empolgada pelos burguezes tradicionalistas do Governo Provisorio, e desde a pri-

meira hora elle reclama perante o Soviet a es-
tricta applicação dos principios proclamados em
20 de maio de 1915 pelo partido maximalista,
em Berne. Kerensky, como os restantes minis-
tros, sabem qual é o aterrador programma de
Lenine. Da tribuna do Soviet, diante do atten-
to auditorio de soldados pacifistas e de opera-
rios marxistas, Lenine expuzera os seus metho-
dos vandalicos e defendera as suas doutrinas
draconianas: paz immediata, denuncia dos tra-
tados, confisco da propriedade, distribuição das
terras aos servos da gleba, extincção de toda a
hierarchia, socialização do Estado, entrega do
poder á Communa. O aéropago revolucionario
discutia com o anarchista, fascinado pelas suas
desvairadas theorias. Perguntavam-lhe quaes
os processos de executar o programma formi-
davel da humanidade nova. Lenine respondia
com o gesto do ceifador: o mesmo gesto de
Tarquino, repetido monotonamente por todos
os destruidores de imperios e todos os refor-
madores de sociedades, desde Attila a Robes-
pierre. Por algum tempo, Kerensky interceptara
o caminho a Lenine, dando a impressão ao ve-
lho mundo de que, contra a hydra, se erguia a
clava de um Hercules. Mas o Hercules russo
era apenas, como se viu, um idéologo. Falta-
ram-lhe, na hora suprema, a vocação do mando
e a inflexibilidade do dominador. O mysticismo

politico da raça fel-o perder a consciencia das realidades. Então Lenine triumphara, porque Lenine era o unico dos chefes que interpretava a revolução com fidelidade. A revolução fôra deflagrada pela plebe faminta e pela soldadesca martyrisada. Para governar, Kerensky tinha de domar a anarchia das multidões desencadeadas e de subjugar a indisciplina do exercito. Pelo contrario, Lenine governaria lisonjeando as utopias da plebe anarchica e desmobilizando o exercito desmoralizado.

Não tardou, porém, que o orador, depois de um libello impiedoso contra Kerensky, contra o qual apanhara da lama todas as calumnias, mostrando-o ao auditorio como um megalomano nevropatha, obsediado por uma ambição napoleonica, e que se alimentava de pecegos, dormia no leito de parada de Alexandre II e despachava os negocios do estado no salão de malachite dos czars, enveredou para a ferocidade sectaria e attingiu os paramos do delírio. Reivindicando com altivo orgulho para o operariado o direito de prestar a Lenine as homenagens devidas aos grandes vultos da Humanidade, elle estygmatisava o espanto indignado da imprensa burgueza. «Nada de mais absurdo do que a surpresa dos folicularios! — dizia o palido e arrebatado tribuno, com os bellos olhos relampagueando — Nós atravessamos, emfim, os porti-

cos da éra nova. Nossos irmãos russos demoliram as muralhas de bronze. As democracias reaes e republicanas, as autocracias da burguezia e da nobreza, declararam que faziam a guerra para fundar a paz. Nós nos antecipamos. Em logar de conquistarmos a paz com a guerra, venceremos a guerra com a paz. Accusam os chefes do maximalismo de serem instrumentos passivos da Allemanha, mas elles obrigaram a correr durante dois mezes os chancelleres de Berlim e de Viena, como embaixadores de nações vencidas, para uma cidadella da Polonia, tratando-os de igual para igual, para, no fim, lhes infligirem a affronta da recusa da sua assignatura num tratado de espoliação. Accusam os maximalistas de não haverem podido evitar as mortandades. E por que preço obteve a sciencia cirurgica os seus milagres actuaes? Alguem já se lembrou de compor a estatistica das mortandades da experiencia medica?»

O auditorio applaudia, com um enthusiasmo phrenetico. Mãos callejadas no convivio das machinas agitavam-se no ar. O orador, estimulado pelos applausos da ignorancia, proseguiu, offegante:

« — Os burguezes que nos accusam esquecem o preço sangrento por que a burguezia conseguiu, na Revolução Franceza, esbulhar os fi-

dalgos e substituír-se a elles ! A revolução dos libertarios reduziu a pó a rhetorica dos jornalistas e lançou o descredito sobre os declamadores dos parlamentos. A paz somos nós que vamos implantal-a e que vamos impol-a, lançando contra os exercitos da espada o exercito da charrua e do martello. A doutrina dos «vis traidores» converterá o mundo e será, na historia dos povos, um novo christianismo. Em menos de um anno, a Revolução Russa fez mais pela redempção do genero humano do que as democracias da Europa em um seculo. Lenine, que os jornalistas cobrem de injurias, é abençoado por milhões de corações humildes. O seu pacifismo é mais corajoso que o heroismo dos maiores guerreiros. Quasi sozinho, elle tem luctado contra os imperios e as republicas. A grande familia operaria, a tribu immensa dos opprimidos e dos espoliados, principia a levantar ao redemptor da Humanidade, ao destruídor da guerra, o altar da idolatria. Mutilada, sangrada, empobrecida, injuriada, a Russia está governando o mundo. O seu delírio fecundo obriga os chefes dos imperios a modificar os programmas de conquistas. Lenine alterou, com o dedo, no quadrante do tempo, os destinos do mundo. Foi a Russia revolucionaria que impoz as bases da paz sem anexações e sem indemnizações. É ella com a sua franqueza omnipotente, semeando

os germens da dissolução salvadora, que está arremessando os estados para a paz. O que o chefe da christandade foi impotente para conseguir sob a invocação da Divindade, Lenine está fazendo, arruinando o programma ambicioso do imperialismo, lançando aos abysmos as soberbas das hegeimonias e descobrindo os sudarios que occultavam a hypocrisia das nações. Nós, os anarchistas, conduzimos hoje o mundo, collocando as nações entre a Scylla maximalista e a Caribides autocratica. Ou por nós, ou pela Allemanha. Eis o dilema perante o qual puzemos o mundo!»

Eu sorria, ante esses desvarios. A era nova deixava-me irreductivel, vociferando contra ella, no intimo da minha consciencia, negando a pés juntos que Oulianof, o idéologo calvo e implacavel do Instituto Smolny, mais conhecido por Lenine, tivesse encontrado a formula do elixir da humana felicidade, ateando no mundo a demencia do anarchismo e enlouquecendo o genero humano. Mas não sou um sectario. Respeito os direitos imprescriptiveis do futuro. Sei que todo o passado humano é um fragmento de minuto no tempo e um punhado de cinza na immensidade. Mas sei tambem que nada se faz atropeladamente e que Julio Cesar está mais perto de George Washington do que o presidente Wilson está de Lenine.

Os applausos estrugiam na sala e o orador, com as mãos crispadas e os olhos flammejantes, bello e louco como o anjo do exterminio, continuava a apologia de Lenine. Agora, porem, elle apparecia-me como um instrumento da Eterna Mentira, occultando ao auditorio que a fraternidade anarchista liquidara no banditismo; escondendo que o tartaro Lenine, acolytado pelo semita Trotzky, dispunha dos destinos de cento e oitenta milhões de sêres humanos; não confessando que a Russia faminta se contorcia nos paroxysmos da agonia e que ainda uma vez o ensaio tragico da Liberdade se fazia com os carceres atulhados de prisioneiros. O que o pallido orador anarchista não dizia (talvez por não haver recorrido aos seus apontamentos), é que, em nome da fraternidade universal, a Guarda Vermelha trucidava, incendiava e violava, indo de provincia em provincia estrangulando, com as mãos ensanguentadas, as aspirações de independencia, e que nunca se vira sobre a terra, desde os delirios de Ninive e Babylonia e da Roma neroniana, nem mesmo no fanatismo medieval e no desvairamento jacobino, uma maior oppressão do poder, um mais furibundo despotismo. O que o apologista de Lenine não revelava aos operarios era que o maximalismo não pudera realizar senão o programma da destruição dentro da fórmula anar-

chista, demonstrando a incapacidade manifesta de se obter d'essa fórmula theorica um systema de ordem, em que as liberdades se equilibrem sem lesão dos direitos communs, sem a oppressão visivel do mando, pelo consenso colectivo das multidões. A experiencia anarchista, realizada n'um gigantesco organismo politico, depauperara-o, sangrara-o e exaurira-o até á medulla, despejando-lhe as arterias e paralyzando-lhe o funcionamento das grandes visceras. A vida que ainda se observa na Russia é a dos cadaveres: a decomposição organica, a obra sinistra das larvas, o pululamento da fauna sarcophagiana, a tarefa voraz das necrophoras da revolução, que só terminará quando as myriades do «tenebrio obscuras» — as legiões germanicas! — vierem descarnar e limpar a ossada da Russia.

Era, pois, certo, que aquelle apostolo do Futuro já encobria a verdade, como os politicos e os diplomatas do Passado! Senti crescer dentro de mim, contra elle, uma onda de indignação. Aquelle moço anarchista commettia o mesmo crime da Falsidade, que apontava como tendo carcomido o organismo da sociedade antiga. Ergui-me, n'um impeto irreprimivel... Mas, então, quando ia pedir a palavra, a minha coragem esmoreceu perante o assombro indignado dos illudidos. E então vi n'aquelles olhos

que me fitavam a mesma chamma de allucinação que devia fuzilar nas pupilas das multidões desvairadas que assaltaram o Palacio de Inverno e trucidaram, martyrizaram e violaram as mulheres visionarias do Batalhão da Morte e a flôr de mocidade dos cadetes: ultima guarda fiel do idealista Kerensky, o mallogrado Bonaparte russo. Então comprehendí a inutilidade de fazer ouvir a Verdade á ignorancia fanatica e encarei de relance os terriveis perigos que ameaçam as democracias no seu progresso incessante e imprudente para a submissão ante a plebe, e acudiram-me ao pensamento as palavras memoraveis de Washington quando, ao abandonar o poder, dirigiu ao povo americano a famosa mensagem, recommendando-lhe que se acautelasse contra o «espírito de innovação». O grande vidente, que assistira de longe aos delirios da Revolução Franceza, previa, certamente, o futuro, a dissolução das nacionalidades, despenhadas nos abysmos da anarchia, arrastadas pela demencia tenebrosa das multidões...

Invadido por uma sensação indescrivel de medo, recuei lentamente para a porta, descí as escadas como um fugitivo. Anoitecera. Já se apregoavam os jornaes da noite, annunciando a marcha fulminante dos allemães, que iam reduzir ao captiveiro a Babel dos libertarios.

A lucta dos Titans e dos Olympicos

A offensiva desencadeada pelos exercitos germanicos infunde um justificado terror.

Não quero referir-me ao terror physico, suplantado pela coragem, mas a um terror de natureza exclusivamente moral, que não se revela na convulsão ateada pelo systema nervoso, mas que paira acima do instincto organico. Terror ante o formidavel depoimento da barbaridade ancestral, perseverante da raça em que se fundiram os vandalos de Alarico e os hunos de Attila ; terror ante o perigo revelado dessa ferocidade anachronica, implantada no coração da Europa, entre o mysticismo slavo, saturado de nihilismo asiatico, e o idealismo latino, nascido do consorcio plastico e esthetico das civilizações mediterraneas.

Por maior serenidade que a imparcial soberania da razão exerça sobre o sentimento, não

é possível encarar, sem profundo abalo, o espectáculo grandiosamente insano da formidável aggressão dos germanos contra os povos do occidente europeu, que esperemos ali encontrará, de novo, os seus Campos Catalonicos. Por menos que se esteja impregnado de humanismo classico, a imaginação é conduzida irremediavelmente a evocar as formidaveis irrupções dos barbaros, a rememorar as narrativas dos generaes e dos historiadores romanos, diante desse oceano rugidor de guerreiros, cujas vagas galgam as planicies do Somme e da Champagne.

O assumpto tornou-se difficil de tratar porque o desmoralizaram a emphatica rhetorica e as imprecações gongoricas dos profissionaes e especuladores da germanophobia. Não me parece, porém, que sejam necessarios dotes invulgares de eloquencia e especiaes talentos dialecticos para apresentar em toda a sua aterradora veracidade a truculencia barbara, que, em dezeseite seculos de contacto com a civilização greco-latina, não foi ainda possível expulsar da alma teutonica, analysada por Tacito com um tão estupendo poder de synthese no seu «De situ, moribus et populis germaniæ».

As minhas inclinações mentaes são, cada vez mais, para falar a linguagem nua e fria da razão, de preferencia á linguagem insinuante e

atrahente da imaginação. Prefiro dirigir-me ao raciocínio clarividente do que á cega paixão; e ousar esperar que mesmo aquelles a quem soarem mal as minhas invectivas façam a justiça de não me suporem convertido ao demagogismo intellectual, que é a mais impura e perniciosa de todas as demagogias.

Muito certamente, qualquer allemão rebaterá a minha these com a invocação da radiosa dynastia dos grandes idealistas, dos grandes esthetas e dos grandes genios emocionaes da arte allemã, e terei de reconhecer que nada encontro de barbaro na inspiração sublime de um Gœthe ou de um Beethoven.

Mas os meus argumentos não podem quebrar-se com excepções ou exemplos individuaes, porque elles abrangem a collectividade e o espirito ancestral, subconsciente, que a anima. O que eu sustento — perante a torrente caudalosa de guerreiros, inebriados pelo fanatismo da illusoria victoria, destituídos da consciencia de autonomia e de livre arbitrio que conserva o «cidadão» no fôro intimo de cada soldado francez ou inglez, e que se arremessam á carnificina com o furor redivivo dos antepassados, sem o temor civilizado da morte e a magua do sangue derramado — é que a multidão germanica, a raça germanica, apenas convencionalmente christã, conservou inveterada a furia

destruidora e a vocação bellica, consignada na etymologia do seu nome, e que eram attributos do barbaro do periodo classico, adorador de Thor : o Hercules-Marte dos teutões.

Desperta pelo formidavel traumatismo desta guerra gigantesca, acordou em sobressalto e em delirio essa crudelissima alma rudimentar, adormecida no berço da civilização, domesticada em quinze seculos de convivio com as idéas juridicas e as concepções estheticas e philosophicas oriundas dos povos mediterraneos.

Os proprios adversarios que enfrentam as legiões enfurecidas dos germanos ficam boquiabertos e não podem calar o espanto que ellas lhes infundem. Nas graves reflexões a que os convida o espectaculo sinistro da maior tragedia a que serviu de palco o planeta, elles intercalam a expansão desse espanto, quasi piedoso, peran e a allucinação com que os soldados da Allemanha, de officiaes á frente, se precipitam contra as guelas dos canhões.

Nenhum monarcha ou general de uma nação e de um exercito de homens livres poderia conceber um plano de guerra que exigisse esses colossaes holocaustos, executados a frio, com a espectacular e impassibilidade com que os delineou e os mandou executar o Wotan dos exercitos teutonicos, o guerreiro corpulento e

de cabeça quadrada, que em sua mão despotica brande o bastão de marechal, coroado de louros pelas Parcas Germanicas. Comparado ao heroismo do soldado inglez e do soldado francez, que acceitam a guerra como um sacrificio de honra e que a praticam no cumprimento de um dever, o heroismo allemão caracteriza-se pela impetuosidade terrificante. As tropas allemãs não avançam como multidões de homens, mas como manadas de bufalos, de cabeça baixa, convictas de que nada resistirá ao seu embate potentissimo. O fogo da artilheria, as tempestades de ferro candente não as detêm no impulso suicida com que ellas se precipitam para o Walhalla da theogonia germanica. Na sua bravura ha qualquer coisa de estupidez. Seria deshonesto amesquinhar-se a coragem intrepida, mas o modo de exprimir essa intrepidez conserva um aspecto barbaro de instinctos desencadeados, em que se entrevêm os hirsutos avoengos da éra das cavernas, armados com o machado de silex, e os furibundos monstros de Attila, vestidos de ferro e pelles. De longe, esses exercitos de ataque «cheiram a feras», como os guerreiros de Annibal. São as victimas de Molloch que caem no campo allemão, emquanto do lado opposto são, sem rhetorica, as victimas do Dever.

A propria sciencia assume, animada por essa

recondita alma barbara, fascinada pelo «colossal», aspectos aterrorizadores. São elles que navegam pelos espaços aéreos, acima das nuvens, nos «gigantescos» zeppelins, para atacar e destruir cidades inermes, e pelos abysmos oceanicos, nos «gigantescos» submarinos para afundar pacificos vapores de commercio e paquetes de passageiros; elles que inventam os gazes asphixiantes, os liquidos inflammaveis, os obuzes lacrimogenios. São elles, enfim, que constroem nas forjas de Thor o canhão colossal para bombardear a «fortaleza» de Paris! Toda a lithurgia e a «mise-en-scène» do terror allemão tem as proporções peculiares á sua mythologia de monstros e gigantes empenhados em colericos e inexoraveis conflictos ou em proezas fabulosas.

Elles são os redivivos Titans da theogonia grega, divindades imperfeitas que precederam os Olympicos e luctaram contra elles pela soberania do mundo. Vencidos, os Titans foram fulminados por Zeus e precipitados no Tartaro, ficando na memoria dos homens como o symbolo da audacia orgulhosa e brutal, punida por uma quéda estrondosa.

Esperemos que, mais uma vez, os Olympicos abatam e fulminem os modernos Titans.

Mocidade de França

«Ne pas croire que faire la guerre en soi amuse personne ; — ne pas croire á tous les bougonnements qu'on profère contre le malheur des temps : ils n'ont aucune influence sur la conduite á tenir et que l'on tient -- Le devoir étant la simplicité même, nul ne songe á ne pas le faire tout entier.»

(De uma carta do tenente Étévé ao seu amigo e antigo camarada, o jornalista Ed. Ramond.)

Poucos dias antes do inicio da offensiva alemã, quebrada contra os peitos valorosos da mocidade de França e de Inglaterra, o jornalista francez Ed. Ramond — actualmente no Brasil como secretario de Paulo Prado — trouxe-me para ler as cartas emocionantes do tenente Marcel Étévé, morto numa trincheira da Picardia, em 20 de julho de 1916, e publicadas pela casa Hachette com um prefacio do sr. Paul Dupuy.

Visivelmente, a mão do joven camarada do

heroe tremia ao entregar-me o volume, como se, verdadeiramente, elle fôra a urna onde para sempre repousassem as sagradas cinzas de um nobre coração e de um luminoso cerebro.

Havia poucas semanas, conversamos, com irreprimivel e compartilhada ternura, sobre a nova geração franceza, que saira das universidades e das escolas superiores para as trincheiras e que está avivando com o generoso sangue a listra vermelha da bandeira gloriosa da Revolução, para que, nunca perdendo o brilho estridente, ella sempre possa ser avistada dos confins do mundo, em meio do lume dos incendios e da fumarada dos canhoneios, como o signo perpetuo da Liberdade.

O livro do normalista Êtévê foi para mim o prolongamento dessa conversa. E' de um longo dialogo com um morto que acabo de sair para escrever com supersticioso respeito este mesquinho artigo de jornal: modesta grinalda de desbotadas flores de rhetorica, mas embebidas de emoção, que deponho no grandioso e imaginario mausoléu onde repousam os restos mortaes, dilacerados pela metralha, da mocidade de França, sacrificada em holocausto á patria.

O livro do juvenil tenente Marcel Êtévê não é uma obra premeditadamente literaria, á semelhança do «Feu», de Barbusse, ou sequer um diario de guerra como «Le Tube 1233», do

artilheiro Paul Lintier, que na ultima pagina, escripta na vespera da morte, inscrevia, como uma exhortação amorosa á coragem, os versos celebres do poeta predileto :

«Gémir, pleurer, prier est également lâche
Fais énergiquement ta longue et lourde tâche,
Puis, après, comme moi, souffre et meurs sans parler.»

Este livro, que faz sorrir de enlevo pela contemplação de uma alma formosa, e faz chorar de dôr pela perda de uma existencia fadada a tão nobres destinos e que apenas abrija o seu calice para que logo a fatalidade o enchesse de amargura, é uma singela compilação de cartas escriptas á mãe do heroe e aos amigos mais intimos, que não haviam sido ainda tragados pelas fauces hiantes do Moloch sanguinario. O que ha, pois, a admirar neste livro é um character e não um estylo, se bem que, quem o escreveu fosse um normalista, de cerebro alimentado de humanismo o mais transcendental. Sua belleza é toda interior e subjectiva. São as confissões de um coração, e que nos collocam na intimidade sentimental e idéologica de um dos mais puros exemplares da mocidade de França.

Ignoro como serão os moços allemães, saturados de «kultura» e que, a estas horas, o marechal von Hindenburg faz massacrar com insensibilidade feroz por uma causa abominavel,

nas frentes de batalha do Somme e da Flandres, mas é positivo que elles se não parecem com estes formosos Hamlets vingadores da França, pois que se tivessem a sua delicada e idealista contextura moral nunca esta guerra monstruosa haveria abalado os alicerces das nações e aberto as arterias a tantos povos innocentes.

De ha muito que a mocidade de França estava sendo accusada dos peiores vicios que podem atacar a juventude. Uma lenda perversa e profanadora apontava-a como gangrenada por uma amoralidade incuravel. O materialismo inutilizara-a para as grandes acções viris. Emquanto os universitarios allemães locupletavam de sciencia exata a espessa massa cerebral, a mocidade franceza exauria-se no tango, no amor, na morphina, na cocaina e no ether, até estheticamente depauperada por uma arte decadente e morbida. Era a juventude idolatra dos bailados russos, da Duncan, da pintura futurista e cubista, incapaz de se medir na arena com a sanidade e a musculatura germanicas. Foi preciso a guerra para que essa juventude calumniada mostrasse ao mundo, no peito ensanguentado, o seu coração puro; e viram-se então os morbidos dansarinos de tango, trocada a jaqueta cintada pelo uniforme do «poilu», passarem, sem outras alternativas, do rythmo da

dança para a cadencia gymnastica da carga, e os Guynemer elevaram-se no espaço, suplantando os rigidos musculos germanicos com os elasticos nervos gaulezes. Se não fosse irreverencia invocar a elegancia perante a morte, qualificariamos de «chic» essa aristocratica valentia dos sublimes «petits crevés» parisienses, diante de cuja bravura Cyrano derrubaria, reverente e encantado, o seu feltro de plumas.

Mas nem todos esses heroes imberbes dançavam o tango; e as cartas de Marcel Êtévê mostram-nos, com o mais enternecedor dos depoimentos, a mocidade franceza no que ella tem de mais delicado e de mais nobre. Este improvisado official de 23 annos, saído da Escola Normal, que na vespera da morte, na lugubre trincheira que ia ser a ante-camara do seu tumulo, entremeava a leitura do «Rei Lear» com a das cartas de mamã, é o exemplar symbolico dessa juventude fascinada pela belleza, apaixonada pelas artes e pelas letras, amorosa e sensivel, annunciadora da era pacifica, mas que soubera guardar incorruptivel, sob um involucro de fememil doçura, a dignidade varonil e a coragem leonina da raça.

Ha, sobretudo, neste caso pessoal de Êtévê, uma circumstancia de sobremaneira emocionante. Orphão de pai, aos sete annos, elle fôra creado, educado e quasi instruido pela mãe.

Esta alma formosa modelara-se pelas mãos amorosas de uma mulher. Êtévé era a obra exclusiva da mãe franceza, quanto um homem pôde ser, sem sacrificio de sua personalidade e de todas as influencias que para ella concorrem, o producto moral de uma vontade alheia, amavelmente imperiosa, como é a vontade materna. Professora, dotada de uma intelligencia que prolongava os limites da sua cultura, ella dedicara a vida a crear o «homem ideal», com a mesma sublime serenidade de dever com que elle sacrificou — chegada a hora tragica — a propria vida á patria. Creado num ambiente superiormente intellectual e escolastico, tendo tido a ventura de encontrar na mãe uma camarada de mentalidade ao nivel da sua, o tenente Marcel Êtévé poudé conservar na intima e amorosa correspondencia que dos quartéis, dos acampamentos e da frente da batalha mantinha com «chère maman», a limpida espontaneidade de um espirito de letrado, exercitado na dialectica, com todas as curiosidades mentaes que são o apanagio das élites intellectuaes. A' sua ternura filial e á ironia tão franceza e tão juvenil que frequentemente alegra as suas cartas, elle accrescenta a analyse dos seus pensamentos e dos seus sentimentos e o habito inveterado de raciocinar, deste modo nos consentindo prescrutar a quantidade e a qualidade

de character, não só delie, como da mocidade do seu tempo, de que Êtêvé é um expoente moral.

Este espiritualista, que morreu soberbamente como um heroe, até ao ultimo sopro de vida manteve, intacta, a sua bondade nativa, a ternura feminina do seu coração. Isolado com a companhia de seu commando numa posição conquistada ao inimigo, que estabelecera uma cortina de fogo intransponivel na sua rectaguarda, o joven official tinha a nitida consciencia de que ia morrer. Já ferido no hombro e ensanguentado, continuava a commandar. Nesse supremo momento, um camarada diz-lhe: «Se dentro de cinco minutos não somos soccorridos, estamos mortos; e não me parece que o possamos ser. Adeus!» Êtêvé respondeu: «Sei perfeitamente, mas calemo-nos para não desanimar os rapazes. Adeus!» Minutos depois, uma bala trespassava-lhe o craneo.

O normalista guardou, até ao derradeiro instante, como observa o illustre commentador da sua vida breve e das suas cartas, o claro raciocinio, a lucidez mental, a dignidade heroica e a piedade enternecida. Morreu estheticamente como um artista, tendo cumprido o seu dever, até ao supremo sacrificio, sem se carpir, e sem abjurar da soberania mental que governou todos os seus actos. Êtêvé fizera virilmente a

guerra desprovido das qualidades tradicionaes do soldado, como, aliás quasi todos os seus camaradas, reconhecendo a inefficacia de quaesquer tentativas para improvisar uma mentalidade «ad usum militas», para o que lhe faltava a capacidade cega e inexoravel de odiar, e reivindicava sobriamente, sem rhetorica, mas com altiva convicção, «o direito de ser resolutamente pacifista» depois da guerra. Este pacifismo do intellectual não transigia, porém, perante a honra.

Longe levaria o estudo minucioso desta nobre alma de um joven francez, profusamente revelada nas confissões da sua correspondencia mais intima. Na ultima carta que Êtévé escreve á mãe, precisamente na vespera da morte, elle conclue, dizendo : «Espérons, et aimons nous fort, fort . . .» Como elle, como a mocidade de França, tenhamos esperança ; e com o mesmo amor que elle votava a «sa chère maman», amemos a França, no seu sacrificio, no seu heroismo e na sua gloria.

À baioneta!

Nas planícies húmidas da Flandres, entre Armentières e as ruínas de La Bassée, cêrca da fronteira da Belgica, ás margens do Lys e do Lawe, sob o trovão perenne da artilheria, os soldados trigueiros de Portugal acampavam desde o mez de maio de 1917.

Tinha sido confiada á sua bravura a honra de guardar um dos postos mais perigosos da muralha viva da Liberdade.

A terra é monotona e fria, sulcada de canaes silenciosos. Para os soldados do paiz das montanhas, do sol e do vinho, essa chan e brumosa região flamenga, infiltrada de agua, com povoações cujos nomes soam estranhamente a ouvidos latinos — Steenwerck, Erquinghen, Vierbouck, Godewaersvelde, Ploegosteert. . . — é uma planície de melancolia, desdobrada sob um céu soturno. O sol parece uma longinqua

aranha vermelha occulta na teia espessa das neblinas. Durante o inverno, a neve quasi soterra nos seus abrigos e cavernas os soldados trigueiros do paiz das oliveiras e das romarias. E os dias e os mezes passam, na lenta, tormentosa expectativa da batalha futura, em que, das trincheiras, batidas pela metralha incandescente, se levantarão os heroes ao encontro da morte, tal como no dia do Juizo Final se erguerão os mortos das sepulturas para responder no tribunal de Deus. Durante um anno, para que nas imaginações se vã creando, progressivamente, a visão terrificante da peleja formidanda, da batalha-cataclismo, os canhões do inimigo trovejam, e detrás das sébes de arame farpado e electrizado, onde apodrecem cadaveres de bruços, o inimigo arremessa e vomita intermittentemente gazes delecterios, jactos de liquidos inflammados, torpedos aéreos e granadas de mão sobre as tocas onde vivem de atalaia os descendentes dos «carvoeiros» heroicos de Wagran e dos fuzileiros inquebrantaveis do Bussaco. A' noite, nos céos espessos de humidade e treva, os soldados de Portugal contemplam as luzes lethaes com que se inflammam os obuzes lacrimogenios e escutam o zunido aspero dos aviões, recordando os fogos de artificio das romarias da Aparecida, do Senhor de Mattosinhos, das Senhoras do

Sameiro e dos Remedios. Na rectaguarda, nos campos de concentração, para além da 5.^a linha, trinam guitarras e violas, successoras das de Alcacer Kibir; e a terra flamenga, que já ouviu as pragas hespanholas dos arcabuzeiros do Duque d'Alba, ouve as trovas dos soldados portuguezes, netos daquelles outros soldados que, em Bayonne, a Imperatriz Josephina vinha ouvir cantar para a varanda. Os dias passam; e cada vez, das terras longinquas do sol, novos regimentos de soldados trigueiros, com officiaes tão juvenis como os recrutas, chegam ás linhas de batalha, ao palco sinistro da tragedia, para onde a Liberdade convocou a flôr da mocidade, afim de renovar-se sobre a terra, pelo sacrificio cruento, o culto da coragem e do ideal. O exercito do sacrificio agglomera-se na sombria terra estrangeira; e, cada dia que passa, a expectativa vai-se tornando, na convivencia do troar e rugir dos canhões, mais intensamente dramatica, pois cada segundo que decorre aproxima os vivos da morte. São sessenta mil homens exercitados para matar, arrancados dos campos, das officinas e das escolas para a missão terrivelmente sublime de combater, em terra alheia, por um alto e resplandescente Ideal. Já a morte ceifou nas fileiras os primeiros condemnados do holocausto. Já ao pé das covas dos vivos se abriram campas

para os mortos. Já o quente sangue portuguez tingiu a fria terra da Flandres. Mas são apenas, ainda, escaramuças de trincheira, ensaios preparatorios de futuros ataques, exercicios macabros, obedecendo á tatica diabolica de manter o adversario na tensão permanente e depauperante da expectativa. De vez em quando, os allemães experimentam os seus aparelhos de supplicio, os seus geysers de fogo, as suas nuvens suffocantes, uma nova granada para derruir trincheiras e sepultar homens vivos, um novo shrapnell para dilacerar carne humana. E o pequeno exercito portuguez, tiritando de frio e não de medo, entre as neves do inverno flamengo, espera a investida futura, inevitavel, fatal. Á bravura desse pequeno exercito, a pequena grande Patria confiara a sua honra. Aquelles soldados são as sentinelas de uma gloriosa historia de oito seculos.

Mas, seriam ainda os mesmos de quem Napoleão, á volta de Wagram, dizia, em Fontainebleau, diante dos marechaes do Imperio, ao conde de Ega: «Senhor conde, estou contente com os vossos portuguezes. Combateram com admiravel valentia nesta guerra e decerto não ha melhores soldados do que elles!» Seriam ainda os mesmos de quem o grande Ney, durante a marcha de Smolensko para Borodino, dizia ao Imperador, que se mostrava surpre-

hendido de vêr marchar os portuguezes á frente dos soldados francezes : «*Sire*, quem os seguir não se desviará nunca do caminho da honra.»

O dia, emfim, chega, em que o exercito portuguez da Flandres vai responder ás interrogações dos incredulos. Desde o dia 21 de março, quando o marechal von Hindenburg, repetindo mentalmente as palavras de Cesar junto ao Rubicon, atira ao rio Somme o gladio destruidor que brilhara ao sol de Tannenberg, que os soldados de Portugal aguardam o assalto das massas germanicas. Diante da avalanche irresistivel das legiões cinzentas, as tropas inglezas e as tropas francezas tinham recuado, dando tempo a que amortecesse o impeto formidavel do furacão humano, precedido por toneladas de aço e ferro, projectadas por milhares de guelias de canhão. Por um momento detido na sua marcha a fundo, o cyclone humano projectara-se lateralmente. O ribombar do canhão aproxima-se. As primeiras rajadas de fogo começaram a calcinar os parapeitos das trincheiras portuguezas. A terra fumegava e tremia. Cem, depois quinhentos, depois mil canhões trovejaram. Os ares toldavam-se de fumo e de gazes asphyxiantes. Durante quarenta e oito horas, ininterruptamente, sobre a 1.^a, a 2.^a, a 3.^a linhas da defesa, explodiram os obuzes e as

granadas, varrendo as sébes de arame, demolindo os taludes das trincheiras, desmoronando os abrigos.

Com as horridas mascaras afiveladas, os soldados portuguezes. negros de fumo e de pólvora, esperam entre as ruinas, sob as explosões, a hora suprema, que ia soar. Elles sabem, cada um na medida da sua intelligencia lucida ou ingenua que, naquelle momento, elles são os depositarios da honra da Patria, e que naquella planicie flamenga, longe da terra natal, é a honra e a gloria de Portugal que vão jogar-se. E porque, quanto mais pequena é a Patria, maior tem de sêr o patriota, cada um daquelles soldados trigueiros se considera um gigante. A onda de assolação cresce sobre elles, cinzenta, envolta em fumo, precedida e coroada de chammas. Então, passo a passo, rugindo como leões, vendendo caro ao inimigo, para as tumbas dos seus mortos, cada palmo de terra, os netos dos heroes de Wagran e da campanha da Russia, sublimemente se immolaram. A bravura lusitana, a mesma do Campo de Ourique, do Salado e de Aljubarrota, a mesma que abriu em Ceuta as portas da Africa heretica a Portugal, e em Gôa as portas da Ásia opulenta; essa bravura, mixto de allucinação impetuosa e de resistencia estoica, impulsiva e tenaz, impavida e resoluta, que foi

o espanto de Wellington e o enlevo de Napoleão ; essa bravura indeclinavel e inextinguivel, que tem resistido a todos os infortunios historicos — eil-a de novo, intacta, erguida ante o furor teutonico !

É o correspondente de guerra do *Daily Express*, na frente da batalha, Sr. Percival Philipps, que por estas sobrias palavras nos revela essa pagina soberba de heroismo : «*Os portuguezes foram obrigados a abandonar a artilheria, devido á impossibilidade de fazer avançar os cavallos através da cortina de fogo das baterias inimigas. Apesar de tudo, os serventes, semi-exhaustos, conseguiram retirar e levar as culatras das peças. A infantaria manteve-se com toda a energia nas proximidades de la Contoure, até as 2 horas da tarde, tendo pedido munições que lhe não foram remettidas. Os valentes soldados portuguezes resolveram, porém, sustentar as suas posições, até que as baionetas allemãs, superiores em numero, d'ali os desalojaram. É esta a primeira vez que os allemães atacam á baioneta.*»

Sem munições ! Desalojados á baioneta ! Como, nesta rapida scena, narrada pelo telegrapho, se sente e se revêem as características essenciaes dessa tradicional bravura da raça, que fez da coragem um ponto de honra, e a

cujo idealismo bellicoso e intemerato se devem as tres epopéas militares da Asia, da Africa e da America!

Sintamo-nos orgulhosos. Esses martyres da honra verteram o seu sangue para que cada portuguez, em qualquer parte do mundo em que se encontre, possa erguer alto a cabeça: ao nivel dos grandes povos. Levantemol-a, pois, agradecendo a esses heroes o terem-nos restituído, em face do mundo, a consciencia plena da nossa gloria passada e a confiança audaz no nosso futuro!

A Phenix Polaca

Tinha a phenix da lenda as proporções magostas da aguia e quando, depois de seculos de vida, sentia aproximar-se o termo da longa existencia, a ave maravilhosa construia um ninho de ramos e rezinas odoriferas, exposto aos raios incendiarios do sol e nelle se consumia, devorada pelas chammas. Das suas cinzas, porém, uma nova phenix, de resplandecente plumagem, nascia, que transportava no bico, para Heliopolis, e depunha sobre o altar radioso do sol os despojos paternos.

Como a phenix da lenda, a aguia branca da Polonia renasce do incendio da guerra, distende entre as labaredas os alvos remigios e reergue para o sol da liberdade a cabeça coroadada.

Cumpre-se a prophecia do canto patriotico de Sowinski, chamado a *Marselheza polaca*, e que serviu de hymno á revolução heroicamente infeliz de 1830. Falta, apenas, o Chopin

da victoria, capaz de entoar o cantico do triumpho em compassos de uma grandeza emocionante comparavel á paixão pathetica e arrebatadora da *Polonnaise* . . . A's nações da Europa unem-se as nações da America e sellam o pacto de restaurar a soberania da nação martyr, da nobre víctima da tyrannia, dessa cavalleiresca e desventurada Polonia, que, ha seculo e meio, soffre, perante a universal inércia, o supplicio que hoje levanta meio mundo em armas contra a Prussia liberticida. Cento e cinquenta annos de captiveiro ; cento e cinquenta annos de tortura : mutilada, desmembrada, esquarterjada, caminhando pela historia algemada e sangrenta, sem encontrar piedade e ajuda na familia egoista das patrias ! E é só agora, quando se alvoroçam, se compadecem, se indignam e enfurecem ao escutar os gemidos pungentes da Belgica, os gritos dilacerantes da Servia, os brados angustiosos do Montenegro, que as chancellarias da Europa sentem os remorsos do grande crime impune, consummado sem seus solemnes protestos : aquelle hediondo assassinio de uma nação trucidada e retalhada viva á luz da historia, no mesmo seculo que gerava em seus flancos fecundos a Revolução Franceza !

A Polonia, cuja existencia a juventude actual quasi ignorava antes da guerra, foi desde 1830

até 1864, o assumpto que mais inspirou a oratoria e a literatura, a poesia e a eloquência. A Polonia foi o grande thema sentimental do romantismo, em concorrência ao do amor. No Brasil, em Portugal, na Italia, na França, na Inglaterra, cada vate dedicou uma ode, pelo menos, á Polonia, e todos os oradores do tempo se exercitaram nas universidades exaltando o heroismo da patria de Kosciusko e cobrindo de anathemas a impassibilidade de algoz de Sebastiani: o autor da famosa e sinistra proclamação: «reina a paz em Varsovia». Essa paz de cemiterio, essa paz de patíbulo e de carcere fez estremecer de piedade e de indignação os avós românticos dos utilitarios homens de hoje. Quasi um seculo passou sobre essa crise sentimental, em que o *Livro dos Peregrinos*, de Michiewicz, era o livro de cabeceira dos patriotas e poetas. Muitos dos homens que em 1830 choraram a desventura polaca e estreitaram nos braços os pallidos exilados, attingiram postos eminentes na política, foram ministros e embaixadores, mas a Polonia continuou captiva, arrastando as suas dramaticas cadeias por todo o seculo XIX, entrando no seculo XX com as algemas nos pulsos, como uma nação escrava entre as nações livres. A civilização extinguiu a tortura e a escravatura, mas a Polonia continuava a ser torturada e es-

crava, e o mundo tinha se de tal modo acostumado a ouvir o tinido das suas correntes e o incessante gemer da sua dôr, que nem mesmo os poetas e os tribunos se condoiam da sua desventura, e ella permanecia captiva quando os estadistas e os diplomatas — cuja missão fôra sempre a de procurar evitar as guerras prejudiciaes e promover as guerras lucrativas — creavam as nações independentes da Grecia, da Servia, da Bulgaria, da Romania, do Montenegro e da Albania. Entretanto, a Polonia, nação veneravel, que já no seculo XII dava assumpto ao arcebispo de Cracovia para escrever em latim a sua historia gloriosa, fôra um dos rijos baluartes da Europa, uma das suas firmes fronteiras, que do Baltico ao Mar Negro traçava a linha divisoria entre a civilização christã e os barbaros. Ella desempenhara através da Idade Média e da Renascença o papel cavalheiresco de uma paladina, oppondo ao tropel asiatico e ao janízaro sarraceno as lanças e os gladios dos seus cavalleiros, e ainda em pleno seculo XVII — no seculo de Luiz XIV e de Corneille! — são os exercitos polacos, sob o commando do heroico e magnanimo Sobieski, que libertam Vienna cercada pelos turcos. Como se comprehende que tamanho attentado se consumma sobre nação de tão fulgurante passado, de tão gloriosas tradições,

de tão alta cultura e de tão nobre raça, perante a indiferença criminosa das outras nações, e que tenha sido preciso um seculo e meio para instruir o processo do monstruoso crime politico e lavrar a sentença que manda restaurar a nação dilacerada e dar liberdade á captiva? Muito grande deve ter sido — embora o neguem os scepticos — a mudança operada pela guerra e pela catechização wilsoniana na consciencia dos estadistas para que esta solemne reparação appareça como primeira resolução do programma de reconstituição do mappa da Europa, architectado pelo consorcio de nações que se batem pela liberdade dos povos! Haverá quem diga que, neste caso, a reparação da iniquidade se ajusta á conveniencia de não consentir que os imperios germanicos procurem compensações ao estrondoso malogro dos seus planos hegemonicos no occidente, attraíndo para a esphera da sua influencia uma Polonia illusoriamente restaurada por sua iniciativa e de accordo com os seus interesses de domínio, gravitando como um pallido satellite em volta de Berlim e de Vienna. Mas o facto de existir uma tão visivel correspondencia entre o interesse e a justiça não pode offuscar a belleza generosa desse acto de contricção pelo passado e de reparação do maior crime politico da historia moderna. A solemníssima declara-

ção redigida pelas potencias alliadas na conferencia de Versailles de 3 de junho, e pela qual, de perfeito accordo, reconhecem como condição ao restabelecimento do direito na Europa, a restauração de uma Polonia independente, implica a confissão de que a Europa vivia, de ha muito, divorciada do direito, e é preciso acceital-a como o mais firme penhor da reabilitação da politica internacional, como o signal redemptor de uma nova era historica. A esta luz de ideal que, como os primeiros clarões de uma aurora, começa a illuminar os tetricos campos de batalha, divisam-se os designios da Providencia premiando a coragem e a esperança polacas. Nenhuma resolução mais adequada, no seu significado symbolico, podiam ter tomado os povos *que dão nesta hora o seu sangue pela independencia das nações*, para testemunhar os seus designios magnanimos, do que o do resgate da Polonia martyrizada, prototypo das patrias escravizadas pelo despotismo iniquo da força. A Polonia offerece ao mundo o mais imponente exemplo historico da sobrevivencia do sentimento de patria, resistindo aos esforços gigantescos de anniquilamento postos em pratica por tres grandes imperios, que não conseguiram extinguir no organismo retalhado e suppliciado a alma que o animava; alma que nunca succumbiu ante as ameaças atterradoras

do patíbulo, do carcere, do exílio e do confisco, alma que nunca cessou de debater-se sob as garras que a dilaceravam e nunca deixou de exhalar, através da mordança, o seu gemido de fé. Cento e quarenta e seis annos durou esse inenarravel supplicio, desde o dia em que as duas aguias bicephalas da Russia e da Austria, acamaradadas com a aguia rapace da Prussia, se precipitaram, vorazes, contra ella. Vinte annos depois, em 1793, quando a França, alagada de sangue, entre gritos de dor e de terror, dava á luz a Liberdade, a infeliz Polonia era, pela segunda vez, assaltada, despojada e ferida. As mesmas aguias famintas arrancavam-lhe a Lithuania e parte dos territorios comprehendidos entre o Vistula e o Baltico. O que ficava da grande Polonia de outr'ora, suzerana da Prussia e vencedora dos turcos, constituia apenas um tronco mutilado. Foi esse resto de uma patria que serviu de ultimo repasto ás aguias insaciaveis, em represalia da revolta commandada por o idealista Kosciusko, o antigo ajudante de campo de Washington, companheiro de Lafayette nas campanhas de libertação dos Estados Unidos. A Polonia desapparecera como Estado. O grão-ducado de Varsovia, creado por Napoleão sob o imperio dos beijos da bella Waleska, não sobreviveu aos tratados de 1815, que epilogramam a epopéa

e o transformaram num reino fantasma, vassallo da Russia, governado por delegados do czar, que o tirannizaram com uma tão asiatica impiedade, no afan colerico de exterminar aquella alma impavida, obstinada em palpitar num corpo mutilado, que em 1830 a nação prisioneira insurgiu-se contra os seus algozes e carcereiros, num desvario de desespero que tocou o delirio do heroismo. Resolvidos a morrer ou a vencer, os polacos combateram sublimemente em Chlopicki, em Grochow, em Ostrolenka. Mas das steppas russas acudiram os enxames dos cossacos, brandindo os chicotes e as lanças. O sangue correu a borbotões. As masmorras atulharam-se de patriotas. Os confiscos e os desterros attingiram proporções inauditas. A lingua polaca foi prohibida mesmo nas orações. Nem Deus podia ouvir a lingua condemnada!

Um tamanho apparato de horror não obteve domar aquella alma inquebrantavel, aquella alma-phenix, que sempre parecia renascer das proprias cinzas. Em 1863, os captivos tentaram de novo despedaçar as algemas. Outra vez os cutelos, as lanças e os chicotes dos cossacos molharam-se no sangue dos martyres. Como em 1830, a Europa permanecera espectadora impassivei do supplicio, e os homens de Estado acreditaram que definitivamente se extin-

guira a voz de angustia que repercutia na Europa havia um seculo. A voz, porém, convertida em gemido, não se calara. Debil, embora, clamava sempre justiça!

É essa voz dilacerante que as nações aliadas, finalmente, ouviram entre o troar dos canhoneios; voz da Polonia martyr, voz de Deus, que hoje repercute em todas as almas purificadas pelo sacrificio da guerra; voz de dôr e de milagre, que enche o mundo tocado pela graça divina e o convoca para o dia do Juizo Final, em que as nações mortas resuscitarão dos seus tumulos, como as aves maravilhosas da lenda resuscitavam das cinzas dos ninhos incendiados.

Do Monroismo ao Wilsonismo

As palavras memoraveis dirigidas pelo presidente Wilson aos jornalistas mexicanos, por occasião de sua actual visita aos Estados Unidos, constituem, muito mais do que uma ultima interpretação evolutiva da doutrina de Monroe, um novo programma que se entremostra capaz de servir de alicerce á imponente architectura da sociedade das nações, edificada pelos estadistas humanitarios no limiar de uma era nova. Esse programma representa uma outra applicação da doutrina wilsoniana, cuja experiencia deverá presumivelmente realizar-se no continente americano para exemplo das suas viabilidade e efficacia.

Actualmente em pleno dominio das suas idéas, tendo já obtido o milagre de submeter ao serviço do seu generoso idealismo todas as formidaveis forças utilitarias, financeiras, economicas e industriaes dos Estados Unidos, o presi-

dente Wilson não é mais, como nos primeiros annos da guerra, um doutrinario ensaiando um accordo entre a moral e a politica, experimentando dominar a crudelissima razão da força (unica conhecida na natureza) pela reverencia á Justiça e ao Direito, procurando com ansiedade resolver a guerra sem declarar-lhe guerra, salvar a democracia sem ter de transfundir-lhe o sangue vigoroso da juventude de sua patria. Esse doutrinariosmo, essa ideologia, que só despertavam sorrisos e irritações na velha Europa bellicosa, de que se riam os marechaes prussianos e em que não confiavam os estadistas britannicos, encontrou, quasi repentinamente, o seu modo pratico de expressão, de persuasão e de applicação.

O presidente Wilson, que os politicos europeus, tornados scepticos pela experiencia, encaravam sem dissimulação como um visionario transviado na chimera de applicar um criterio quasi religioso de moral puritana aos furiosos conflictos dos povos, conseguiu, surprehendentemente, tornar-se o interprete de uma indefinida aspiração universal e lançar o mundo em um novo caminho. Como isso aconteceu todos, com mais ou menos lucidez de comprehensão, o vimos, pois que somos os contemporaneos desse milagre. Todos pudémos acompanhar a evolução do estadista — duplamente imbuido e

impregnado de dogmatismo universitario e religioso — desde a neutralidade exemplarmente monroista, pretendendo conciliar o egoismo nacional com o altruismo, até ás famosas encyclicas de 2 de abril, de 4 de dezembro e a resposta ao Papa, com que a humanidade se certificou de que existia um outro Papa em Washington.

Elle proprio, falando aos jornalistas mexicanos no seu estylo persuasivo de pastor-anglicano, confessou os laboriosos tramites dessa evolução até a nebulosa chimera adquirir o aspecto objectivo de uma realidade. «Uma das maiores difficuldades que experimentei durante os tres primeiros annos da guerra — disse o presidente Wilson — quando nella ainda não haviam ingressado os Estados Unidos, foi a de fazer acreditar ás chancelarias das nações europeas que os Estados Unidos nada queriam e que, se na guerra entrassem, não seria para della obterem nada de substancial, nenhum territorio, nenhum commercio, nem outra qualquer compensação equivalente. Em varias dessas chancelarias havia homens que me conheciam pessoalmente e esses, estou convencido, faziam justiça á minha sinceridade, quando lhes assegurava que nossos objectivos eram desinteressados. Pensavam, porem, que taes affirmações provinham de um homem afastado das

fontes usuaes da experiencia e que externava concepções puramente idealistas meditadas no silencio do seu gabinete.»

Ninguem mais autorizado para proferir estas elucidativas palavras de que o presidente Wilson, mas quando mesmo elle as não houvesse pronunciado outra não podia ser a convicção de quantos presenciaram o combate emocionante entre um idéal politico recém-nascido e o conjunto formidavel de dogmas politicos accumulados através da crudelissima experiencia dos seculos. A Europa, modelada pela guerra, mãe de uma civilização que a guerra implantara e que nascera dos flancos sangrentos de espantosas convulsões sociaes, de prolongadas lutas de competição entre os povos, cujas bandeiras foram tintas no sangue fumegante das batalhas, não comprehendia a viabilidade de uma doutrina que substituia os moveis instinctivos, naturaes, do progresso humano, caracterizadamente fundados no egoismo e na selecção, na combatividade e na força, por uma imponente concepção idéalista, de ordem artificial, como a Religião e a Lei, que viria substituir a dinamica do instincto na marcha evolutiva da humanidade. Para o pensamento europeu, o homem, como parte integrante de uma natureza essencialmente seleccionadora, não poderia nunca libertar-se da fatalidade ancestral que o

submettia á luta perenne dentro da propria especie.

Contra o idéologo de Washington, interprete de uma concepção «americana», que testemunhava a originalidade inconfundivel de um novo mundo social, erguia-se tambem a enclausurante muralha da doutrina de Monroe, originariamente concebida como defesa contra a influencia reaccionaria da Santa Alliança, e que manietava os Estados Unidos, algemando-os a um isolamento egoista. Não se entendia a legitimidade da intervenção de um paiz, que proclamara o proposito de viver só para elle, no gigantesco conflicto europeu. Com que direito a patria de Monroe interviria numa luta travada em outro continente que não o americano, quando o seu povo jurara obediencia á formula : «A America para os americanos»? Foi, pois, necessario ao presidente Wilson desacreditar gradativamente essa doutrina archaica e paralyzadora ; demonstrar, por uma série de experiencias concludentes, que ella contrariava substancialmente o character internacionalista da sociedade politica contemporanea ; patentear que o isolamento continental era apenas uma concepção geographica, e que a luta travada na Europa entre dois idéaes adversos tão vitalmente interessava as democracias da America como as do continente europeu.

A sua laboriosa tarefa consistiu, principalmente, em convencer o mundo de que não sómente interesses economicos estavam em jogo no tremendo pugilato das nações da Europa, mas tambem e sobretudo os interesses sociaes e moraes de uma civilização que evoluirá no sentido da Liberdade e na consolidação do imperio do Direito e da Justiça. Coube ao presidente Wilson illuminar as proprias consciencias dos estadistas europeus, imprimindo aos seus programmas de guerra esse mesmo mysticismo politico que empolgava o antigo reitor da Universidade de Princeton. A subordinação, pelo menos apparente, desses estadistas de escola tradicional á concepção idealista de Wilson (que representa na esphera politica internacional uma revolução de consequencias tão vastas como a da revolução russa na esphera social) distribuiu á America um papel de preponderancia incalculavel da nova éra que a paz vindoura iniciará no mundo.

Depois da victoria do idéologo, que inaugurou nas assembléas politicas, com as mensagens lidas no Capitolio de Washington, uma oratoria que até ahí echoara apenas nos pulpitos e nas cathedraes, nos santuarios e nas universidades, o mundo é forçado a reconhecer a logica inquebrantavel dessa evolução de um ideal até á perda do character utopico e acqui-

sição de condições de praticabilidade politica. Hoje, todos podem pensar que um povo que ergueu á entrada do seu maior porto de mar (por onde recebeu as ondas vivificantes do sangue e da cultura européa) esse outro colosso de Rhodes que é a estatua gigantesca da Liberdade, não podia assistir indifferente á trucidação da liberdade na Europa. Tudo parece facil depois de realizado porque o homem está preparado a acceitar o bem e o mal como condições naturaes da sua existencia e nada ha que menos dure do que a admiração humana. Todavia, a obra do presidente Wilson representa um dos mais extraordinarios e transcendentés acontecimentos da historia, tanto em relação ao presente (sumula do passado) como em relação ao porvir.

O visionário evidenciou-se um admiravel propagandista do ideal e um estrategista surpreendente nas batalhas das idéas. Ao mesmo tempo que teve de incutir confiança á Europa, foi-lhe necessario minar os alicerces de uma theoria tão cara á nação americana.

Tem-se visto na historia grandes estadistas e guerreiros manejarem ao serviço de seus planos de supremacia e conquista immensas forças sociaes, mas é a primeira vez que se contempla um idealista convencendo da sua nobre e generosa chimera toda uma nação utilitaria, na propria hora em que ella se encontrava ele-

vada á condição de maxima potencia financeira e industrial do mundo.

Para chegar a esse resultado estupendo, o presidente Wilson procedeu com um tacto inexcedível, evitando sempre contrariar o que sabia serem os seculares sentimentos do povo americano. E' assim que, falando ainda não ha muitos mezes á «American Federation of Labor», elle dizia: «Não sou contra os sentimentos dos pacifistas, mas contra a sua cegueira. O meu coração está com elles, mas a minha razão os desaprova. Anhele pela paz, mas sei, hoje, qual é o processo de obtel-a, e elles não.» A sua autoridade para assim se exprimir era incontestavel porque, durante tres annos, o presidente Wilson procurara visivelmente diversas soluções para a catastrophe e só gradualmente, de experiencia em experiencia, se fôra divorciando do seu empirismo pacifista e do seu theorismo juridico até adoptar deliberadamente (já então com uma audacia bem yankee) a sua formula de conquistar a paz pela guerra. Chegado a esse momento psychologico, o presidente Wilson já conseguira empenhar no retumbante conflicto europeu — cujos echos alcançavam a America — a honra e o coração do povo norte-americano. Contra o brio dos Estados Unidos já a Allemanha attentara demasiadamente para crear uma atmospherá de antipa-

thia, que se avolumára desde o torpedeamento do «Lusitania». Os povos democraticos têm, como as aristocracias, os seus pontos de honra. Um povo que tanto elevou a mulher e a envolveu de tantas garantias, homenagens e privilegios, não podia olhar com insensibilidade os morticínios de mulheres e crianças que comportava a inexoravel lei da guerra allemã. Mais do que uma nação tradicionalmente guerreira, ao pacifismo tradicional da burguezia e do proletariado norte-americano repugnavam as ferocidades com que a Allemanha aperfeiçoara a sua apavorante machina de guerra. Foi a esse cavalheirismo burguez, mixto de altruismo e de virtudes domesticas, que o presidente Wilson se dirigiu particularmente nos seus appellos e exhortações. O entusiasmo idéalista propagara-se á mocidade universitaria. Quasi de repente, a poderosa nação utilitaria foi contaminada pelo idéalismo. E' que o presidente Wilson distribuiu um magestoso papel historico aos Estados Unidos e os apontara como «a esperança e a energia suprema do mundo». E' para honrar essas palavras que toda a vigorosa juventude dos Estados Unidos marcha ao som do «The Star spangled Banner» para os campos de batalha, onde se está decidindo, a par da victoria da Democracia, o advento da energica e juvenil America no dominio moral do mundo.

A doutrina wilsoniana

Procurei descrever o modo porque a guerra influiu no doutrinário jurídico do Presidente Wilson até á condução dos Estados Unidos para a peleja européa, entremostrando o sentido moral dessa evolução na procura de uma formula de concordia universal, garantidora de uma paz permanente na Terra.

Designando como «americana» essa concepção pacifica e reivindicando para o continente americano a gloria de ser seu principal architecto, não podia olvidar o sequito de precursores que desde as mais remotas paragens da latinidade, quando Cicero compunha o hemistichio celebre «Cedant arma togae», até ao tsar pacifista, que a guerra devia derrubar do throno e rebaixar das pompas asiaticas do Kremlin para um presidio siberiano, enalteceram a supremacia do direito, amaldiçoaram a guerra, proferiram contra ella sentenças irrevoc-

gaveis, pesquisaram, estudaram, architectaram processos de substituir á arena de matança a magestade do pretorio para a solução dos pleitos entre nações.

Certamente, não foi na America que nasceu o primeiro sonhador da paz, mas coube á America, mercê de um conjunto de circumstancias venturosas, encontrar as forças materiaes e as poderosas suggestões idéalistas que transformassem a utopia em uma aspiração exequivel. Na memoria que o Visconde de Grey redigiu sobre o projecto da Liga das Nações e divulgada telegraphicamente pelo «Foreign Office», o antigo ministro das relações exteriores do Imperio Britannico — depois de mostrar que desde o estalar dá catastrophe, as nações da Europa não tiveram treguas para desviar suas concentradas attenções dos arduos problemas da sua preservação, — reconhece a sorte afortunada que concedeu ao Presidente Wilson e ao povo americano «as vantagens de poderem, durante mais de dois annos, observar a guerra na posição de neutros, aliviados da anciedade dolorosa e do intenso esforço que absorveram os pensamentos e as energias dos belligerantes, reflectir sobre o que se passava e d'ahi tirar as conclusões».

Chegara a vez dos grandes povos livres da America, alimentados desde a infancia pelo

pensamento europeu, pensarem pela Europa, velarem pela sua civilização periclitante e pelas suas desgraças confrangedoras. Dir-se-ha que as idéas do presidente Wilson nada possuem de original para os que convivem na intimidade das theorias dos sociologos e das concepções idéalistas dos juristas. Mas o que pôde não ser, e innegavelmente não é, original na esphera do direito, indubitavelmente é inédito na esphera da politica ; e é essa gloria de haver, a primeira, reverenciado a paz como a divindade tutellar da civilização e de haver pugnado por ella nas suas chancellarias, apresentando-a como o principio em volta do qual gravitará um novo cyclo da Historia da humanidade, que será, por consenso unanime dos povos conferida á America, onde o Brasil representa, por excellencia, o exemplo de uma politica internacional presidida pela concepção juridica da arbitragem.

Não deve perder-se de vista que as duas raças civilizadoras que habitam a America: a anglo-saxonia ao norte, a latina no centro e no sul, simultaneamente clamaram contra as violações do direito postergado e polluido, condemnaram com a mesma vehemencia a arrogancia da força, soltaram um mesmo grito glorificador da paz e tiveram o mesmo gesto coroador da justiça.

O presidente Wilson, representante do espirito puritano dos fundadores dos Estados Unidos, redigia em um estylo quasi religioso as suas encyclicas de estadista togado. O senador Ruy Barbosa, representante do espirito ampliador da latinidade, imprimia á sua conferencia de Buenos Aires a magestade de um estylo grandioso, tão caracteristico da eloquencia romana.

Mas a prova incontraditavel da procedencia americana da concepção politica da Liga das Nações, reconhecida pelo visconde de Grey, encontramol-a nas palavras endereçadas pelo presidente Wilson aos jornalistas mexicanos: palavras que serviram de thema a estes comentarios superficiaes.

«Ha algum tempo, como naturalmente sabeis — disse o presidente Wilson — tive occasião de propor uma especie de accordo pan-americano. Havia eu percebido que uma das difficuldades das nossas passadas relações com a America Latina provinha de que esta famosa doutrina de Monroe tinha sido adoptada sem o vosso consentimento, sem o consentimento de nenhum dos paizes da America Central, nem da America do Sul. Não vos perguntámos se vos era agradavel que vos servissemos de «irmão maior»: dissemos apenas que tal iam ser. Ora, isso estava muito bem na parte concernente a dar-vos protecção

contra qualquer aggressão que porventura partisse do outro lado do mar, mas não havia na nossa declaração coisa alguma que vos protegesse de uma aggressão que partisse de nós mesmos. D'ahi ter eu tão repetidamente percebido em representantes de paizes da America Central e da America do Sul uma apprehensão de que a protecção que nós mesmos arrogámos, pudesse ser em nosso proprio beneficio e interesse e não interesse dos nossos vizinhos. Por isso pensei em propor um accordo em que todos dessemos reciprocas garantias. Tenhamos uma garantia commum de que todos assignaremos uma declaração de independencia politica e integridade territorial. Accordemos que se qualquer de nós, inclusive os Estados Unidos, violar a independencia politica ou a integridade territorial de qualquer dos outros paizes, todos elles se atirarão sobre o violador. A alguns menos inclinados do que outros a entrarem neste accordo fiz ver que o facto de nós entrarmos num accordo por effeito do qual vós sereis protegidos contra nós equivalia já a dar garantias por parte dos Estados Unidos. Ora, essa é a classe de accordo que terá de ser base da futura vida das nações do mundo, meus senhores. Toda a familia das nações terá que garantir a cada nação de per si de que nenhum paiz violará a sua independencia politica ou a

sua integridade territorial. Essa é a base, a única base concebível, da futura paz do mundo, e tenho que confessar ter sido ambição minha fazer que os Estados dos dois continentes da America apontassem ao resto do mundo o caminho para chegar a uma base de paz.»

Nesta allocução, o presidente Wilson compoz a trama sobre a qual os historiadores haverão de desenhar o juizo da posteridade ácerca da metamorphose operada no mundo sob o influxo da guerra e a acção que nella desempenharam as duas maiores democracias americanas.

Deverá ou não chamar-se uma simples coincidencia ao facto de vermos associados na mesma causa os povos de origem anglo-saxonia e lusitana, cujas antigas metropoles foram na Europa, desde o seculo XIV, alliadas ininterruptas, combatendo, hombro a hombro, em Aljubarrota e no Bussaco, ou poderá concluir-se a existencia de imponderaveis influencias da tradição no encadeamento dos successos historicos?

Independente disso, nenhuma nação americana, tanto como o Brasil, pela orientação tradicional da sua politica pacifista, oriunda da extensão gigantesca do seu territorio, estava nos casos de participar activamente na victoria dos principios idéalistas enunciados pelo presidente

Wilson, de tal modo a doutrina wilsoniana concorda com os principios adoptados pela chancellaria brasileira nas suas relações continentaes.

Para aquelles que se acostumaram a decifrar as attitudes politicas das nações na phase discreta das preparações dos grandes entendimentos, o Brasil esta realizando no sul do continente, em intima communhão de vistas com os Estados Unidos, essa politica de attracção e de confiança, de altruismo e de concordia que tornará possivel a inauguração, na America, de uma imponente experiencia, ou antes de um modelo experimental da Liga das Nações, como epilogo logico da politica do pan-americanismo e que, actuando pelo exemplo, alastre pelo mundo, inaugurando um novo periodo historico sob a hegemonia moral da concepção americana, em cujo monumental edificio juridico se esculpirá o mandamento «Si vis pacem, para pacem».

A Moral e a Guerra

Com a morte de Grasset, a França acaba de perder no breve espaço de um anno o segundo dos seus grandes polemistas philosophicos. Grasset, o espiritualista, foi fazer companhia no mundo das sombras a Le Dantec, o materialista.

Ambos estes luctadores de idéas, que tantas vezes se mediram na arena da philosophia, dedicaram os ultimos pensamentos a um mesmo e grandioso assumpto, de todos o mais palpitante e o mais á altura do momento dramatico que estamos vivendo : as relações da moral com a guerra. Pouco antes de morrer, o sombrio auctor da doutrina «L'égoisme, seule base de toute société», atirava á publicidade a sua obra «Savoir», cuja desalentadora substancia já tentei analysar.

Foi no ardente combate á these do materialista que se empenhou o derradeiro clarão in-

tellectual do espiritualista Grasset. O professor de biologia da Sorbonne já não pode, porém, replicar ao professor da faculdade de medicina de Montpellier. Quando o primeiro artigo dessa mallograda polemica appareceu em «La Grande Revue», Felix Le Dantec entrava na agonia, mas já então se haviam proferido no capitolio de Washington e na faculdade de Direito de Buenos Ayres retumbantes palavras que valiam pelo protesto da joven America contra a these do taciturno apostolo do «Savoir» e que provavam não só a sobrevivencia da moral, mas denunciavam a sua supremacia sobre as reclamações arrogantes da força. A America, para onde presumivelmente se trasladára o centro motôr da evolução social, já solemnemente fizera ouvir as vozes dos thaumaturgos em meio dos trovões das batalhas. O presidente Wilson já collocara as forças viris dos Estados-Unidos perante os passos do aterrador Wotan germanico. O conselheiro Ruy Barbosa já lançara o seu anathema á philosophia truculenta dos von Bernhardt, Treitschke e Clausewitz.

Ambos tinham exaltado a moral e em nome da moral haviam contribuido para desencadear no mundo as forças invenciveis contra as quaes será impotente a organização guerreira da Europa Central, fundada na idolatria do direito do

mais forte. Dantec morreu no erro em que fôra despenhado pela soberba desvairadora da sciencia, obsediado pela convicção de que o homem não podia ser objecto de uma biologia humana, distincta da biologia universal, pois que o philosopho o encarava subordinado ás mesmas leis invariaveis que regem a existencia material de todos os sêres. Grasset morre com a fé intacta, senão augmentada, no seu ideal, tendo já podido vêr as bandeiras das estrellas, os estandartes ornados de signos celestes, ondear nos mares e nas terras da Europa.

Para bem se comprehender a importancia desse prélio de idéas, tão emocionante como as pelejas em que se atacam os exercitos, será necessario recapitular em resumo as duas théses de Dantec e Grasset.

Felix Le Dantec falou em nome da sciencia positiva e pretendeu impôr como uma verdade scientifica a falencia da moral decretada pela guerra. O professor da Sorbonne analysando a falta de resistencia da moral ante a formidavel aggressão contra os chamados «direitos», concluia pela sua ruina.

Indubitavelmente, atrozes e numerosas tem sido as infracções á lei moral durante a guerra, e ellas se encontram patenteadas em condenações admiraveis tanto no libello memoravel do embaixador do Brasil ás festas commemo-

rativas da independencia argentina, como nas representações do presidente Wilson ao congresso dos Estados-Unidos. Mas não são essas infracções da moral que Dantec estygmatisa. Esses delictos elle os não considera como prevaricações puniveis, mas como provas irrecusaveis da falencia da propria lei moral, denunciadoras do artificio e illusão dessa lei, venerada pela pueril credulidade humana. Em sua opinião a guerra demonstrou a caducidade, a ruina, a inanidade e o absurdo da moral. Na catastrophe aterradora que convulsiona as nações até os alicerces, o moribundo só viu, allucinatoriamente, as demonstrações irrefutaveis das suas doutrinas. A guerra revelara a falencia de todos os antigos principios e de todas as ficções idéalistas. A guerra destruiu, finalmente, o velho código moral. Esta é a thèse de Dantec, exposta com argumentos impressionantes dentro da disciplina rigorosa de uma logica sectaria. O philosopho materialista parte da convicção de que o estudo dos homens, como o de todos os restantes sêres vivos, pertence ao dominio exclusivo da biologia: e a biologia, sciencia objectiva, não nos ensina senão a lucta e a selecção derivante da lucta. A unica definição que a biologia comporta sobre o direito do individuo é o reconhecimento de que «o direito de cada um corresponde

á sua capacidade de prejudicar o seu semelhante.»

E' por uma successão de habitos inveterados e transmittidos que elle explica o nascimento das noções absolutas do «bem», do «mal», e da «justiça». Pesquisando a fonte dos sentimentos os mais sublimes encontra-se sempre «uma convenção social baseada sobre o interesse individual», e isso parece a Dantec naturalissimo pois que a vida é uma lucta e o egoismo é inseparavel do nosso instincto de conservação. De ilações em ilações, o materialista conclue que o direito da força tem um valor indiscutivelmente superior ao de todos os direitos subjectivos sentimentaes e que o medo da força é que rege o mundo.

A esta doutrina, de que damos apenas pallidissimo resumo, Grasset, sem invadir os dominios da metaphysica, oppõe um systema de argumentos invulneraveis e que teem a vantagem sobre os do materialista de serem muito mais comprehensíveis: qualidade que seria difficil attribuir á demonstração de uma chimera. O medico philosopho responde ao biologo expondo as differenças psychicas substanciaes que não permitem concluir pela assimilação completa do determinismo humano pelo determinismo universal, e discute com os factos, negando a possibilidade de separar a civilisação humana da aptidão moral: o que dá á es-

pecie uma situação singular e inconfundível entre os sêres vivos. Se a moral constitue uma parte importantissima das causalidades que aperfeiçoaram as condições da especie humana nas suas relações com a natureza, forçoso é admittir que a lei moral não pôde considerar-se illusoria, absurda e contraria ao desenvolvimento da humanidade. Ao contrario do que fez Dantec, o que é preciso é considerar e observar a lucta — embora vã! — da especie para submeter ás leis moraes as leis biologicas, descobrindo na guerra actual a affirmação in-contradictavel desse esforço.

Dantec, vendo um lobo devorar uma ovelha conclue que o lobo exerce um direito. Ora, essa pôde ser a doutrina do lobo, mas nunca foi a doutrina do homem.

Certamente, o homem constata o facto natural de um lobo poder devorar a ovelha, pois que o lobo obêdece ao seu appetite e é dotado da força necessaria para satisfazel-o. Mas o homem não se limita a essa constatação elementar, ao alcance de qualquer animal inferior. Elle reconhece tambem que está no seu poder impedir que a ovelha seja devorada pelo lobo. A moral é, justamente, a somma de conquistas obtidas pelo homem sobre a tyrannia dos seus instinctos. Se a força constituísse para o homem um imperativo cathegorico, não haveria

tentativas de resistencia contra a força. Poderá objectar-se que as nações em lucta com a Allemanha acabaram por appellar para a força como unico processo de vencer, utilizando em proveito proprio a mesma doutrina em que se baseia a aggressão do adversario. Mas essa objecção não passa de um sophisma, pois que a improvisada organização militar dos alliados tem em vista fortalecer o direito para que elle não seja escravizado pela força. Claramente, a guerra actual, com o sacrificio de tantos milhões de vidas, testemunha a persistencia, embora precaria, da moral e não a sua ruina.

Nas novas gerações que não foram e não serão purificadas pelo sacrificio sobre a vasta superficie illesa da terra, Dantec tem, porêm, numero grandissimo de discipulos, para os quaes a doutrina exposta por Grasset no seu tratado dos «Limites da Biologia» não passa de uma interpretação theologica da sciencia. Assim, a controversia philosophica de Dantec e Grasset — da qual a guerra representa uma gigantesca exemplificação armada ainda semi-ininteligivel para muitos — prolongar-se ha nas consciencias, e esta guerra devoradora, quando consumada nos campos sangrentos de batalha, não estará extincta nas arenas tumultuarias do pensamento, pois que no fundo outra cousa ella não é senão uma formidavel polemica moral...

Luto pelo Tzar

Nos primeiros tempos da guerra não faltaram os especialistas da historia, da sociologia e da politica, fortemente apoiados pelos economistas e financeiros, que previam como uma das consequencias do formidavel embate dos povos o fortalecimento das aristocracias, o retrocesso ás formulas archaicas do absolutismo, um irresistivel movimento de reacção contra o governo indisciplinado e anarchico das democracias. A guerra viera demonstrar a necessidade de especialisar e instruir no exercicio do mando e na consciencia do poder uma classe privilegiada, que na hora dos cataclismos servisse de caridade ao edificio nacional. Os theoristas precipitadamente accusaram as democracias e a sua incuravel desordem social como culpadas dos revezes com que os germanos iam abrindo, numa quasi marcha triumphal, ao som de hymnos wagnerianos, caminho para Paris. Era infalivel

que os paizes onde já não subsistia qualquer respeito pelo poder, onde a consciencia de responsabilidade se diluira até quasi dissolver-se, onde a noção de uma excessiva liberdade individual aniquilara a cohesão e disciplina sem as quaes os povos são simples turbas, se encontrariam fóra das condições de enfrentar povos armados e organizados, civica e militarmente, como o povo romano, e animados de um patriotismo inquebrantavel e impiedoso.

A estes prognosticos a democracia respondeu victoriosamente pela prova sem replica: pelo facto. Quando a guerra, no seu exordio terrivel, parecia reabrir o caminho ao despotismo, ás aristocracias da espada, a uma especie de néo-feudalismo menos romantico do que o de Napoleão, subitamente ella abateu, subverteu e calcou o unico poder pessoal subsistente, o mais caracterizado, ao mesmo tempo symbolo e realidade a mais authentica do absolutismo; e até entre os segmentos tão cohesivos, tão solidamente unidos pelo ferro e pelo querer da massa allemã, a democracia vai-se introduzindo insidiosamente.

Perante o desmoronar estrondoso do imperio russo, o posto mais interessante para a vigilancia do historiador consistia em observar a repercussão que essa tragedia politica ia ter nas monarchias sobreviventes, a intensidade com que

ella ia echoar entre a familia dos reis. Ora, o que o historiador observou foi a Inglaterra tradicional e monarchica, a grande nação que, á semelhança de Roma, sempre legitimamente se ufanára do seu patriciado politico, dos seus estadistas aristocraticos, acompanhar a França no seu jubilo republicano pela queda do imperio dos tzares, glorificando os libertadores do povo russo e accusando o fraco mas lealissimo Nicoláo Romanoff, primo irmão de Jorge V, aliado da França — que Paris recebera com manifestações estrondosas de enthusiasmo — de ser um instrumento de traição, um escravo da tzarina: espiã coroada que a Allemanha collocara, com olhos de lynce, no throno imperial da Russia, para fazer deter, na hora propria, a um aceno do sceptro, os exercitos victoriosos e lançar-os ás ciladas de Hindenburg. Ainda nas vesperas da revolução, a imprensa de França e de Inglaterra apresentavam ao mundo o tzar Nicoláo como um amigo incorruptivel. As revistas de Londres não perdiam occasião de lembrar o estreito parentesco — aliás confirmado numa parecença physica flagrante — dos soberanos de Inglaterra e da Russia, filhos de duas princezas dinamarquezas. Era quasi uma alliança de familia que se prolongava na fraternidade das armas. Por sua vez, em Paris, o imperador Nicoláo deixara recordações inolvidaveis.

O presidente de França era hospede do tzar, em Petrogrado, quando sobre as victimas do crime de Sarajevo se estava já architectando a catastrophe punitiva. E quem poderia ter ousado prophetisar a Nicoláo, vendo-o atravessar a praça da Concordia na carruagem presidencial, acclamado pelo povo de Paris, que elle seria desthronado e morto como aquelle outro fraco e bom Luiz XVI, que naquella mesma praça da Concordia fôra guilhotinado por entre as vaias parisienses e os cantos das *tricoteuses*?

Em 1917, os monarchas e os monarchistas disseram o mesmo que os seus avós tinham dito em 1793: que a culpa era de Nicoláo Romanoff, como um seculo antes fôra de Luiz de Bourbon...

Que póde um homem contra os homens? O tempo caminha e tudo caminha no sentido do tempo. Não passa de um entretenimento de historiador — e por vezes dos mais perigosos — procurar leis illusorias para explicar os factos; vaidade ou pedanteria pretender julgar o que aconteceu por comparação ou analogia com meras hypotheses. As apparentes similitudes constantes da historia são perpetuas repetições que nada nos ensinam, porque tudo na vida dos homens é incerto, inconstante e movediço, e nunca reaparece duas vezes, na instabilidade de elementos identicos, o mesmo ponto de vista.

A victoria legitima e salutar da democracia nesta guerra, que se tornou em um symbolico conflicto entre as forças do passado e as forças do futuro, nada tem de commum com a revolução russa, nem o tzar Nicoláo foi executado por ordem do «soviet» boçal de Ekaterinburg para salvar a democracia em perigo. Esse prisioneiro inerme e amargurado, tão suppliciado de injustiças, de privações e de ultrajes, era, porém, o irmão — embora destituído dos seus titulos e poderes — dos soberanos da Inglaterra, da Allemanha, da Austria e da Italia, e o que na sombria tragedia em que se consumou a sua vida mais surprehende é o egoismo culpado ou a impotencia humilhante desses monarchas, da familia dos soberanos, que nada tentaram para salvar o seu irmão desventurado do martyrio e da execução, para que, desde o primeiro dia, o tzar Nicoláo caminhava de mãos atadas. Primeiro, durante mezes, com o principe de Lvov no governo, e ainda depois com Kerensky, o rei de Inglaterra poderia ter salvo o filho da irmã mais querida de sua mãe. Depois do advento do tenebroso Lenine, o imperador da Allemanha poderia salvar o prisioneiro dos «soviets», filho daquelle outro tzar que, no leito de morte, lhe pedira para ser sempre o seu amigo fraternal; amizade sagrada, pois que fôra promettida a um moribundo, e que o kaiser invocava na ves-

pera da declaração de guerra, exhortando o tzar a que ordenasse a desmobilização dos seus exercitos, impedindo a guerra imminente.

Mas, ou por impotencia ou por egoismo, exactamente como quando Luiz XVI e Maria Antonietta iam ser julgados e guilhotinados, do alto dos thronos, onde illusoriamente reinam alguns fantasmas de monarchas, nenhuma mão poderosa ou apiedada se estendeu para o tzar prisioneiro. Deixaram-no executar, em holocausto a uma concepção sanguinaria da liberdade... e tomaram luto pelo parente morto.

Os humildes são ingratos por não agradecerem aos poderosos as lições e proficuos ensinamentos que delles continuamente recebem...

De como o homem do anno 2.000 será o espectador da guerra actual

No *Figaro*, de Paris, Jullien Benda sustentava, ha mezes, num artigo convincente, escripto nessa nitida linguagem, de uma transparencia cristallina de agua pouco profunda, com que escrevem em França, indistinctamente, os philosophos e os jornalistas, que só os homens do anno 2.000 assistirão com palpitante emoção e plena consciencia aos formidaveis acontecimentos de que estamos sendo as testemunhas distrahidas e inconscientes.

Este apparente paradoxo não é apenas literalmente defensavel, como exprime tambem um phenomeno de ha muito analysado e classificado na psychologia e na historia. Para poderem ser observados, os acontecimentos exigem a vasta perspectiva do tempo. A retina não póde abranger um grande edificio sem que delle nos afastemos. Está ao alcance de um collegial e mesmo de um jornalista perceber que um

homem encostado á pyramide de Kéops não verá mais do que alguns palmos de um muro de pedra, enquanto outro homem, postado a dois kilometros de distancia, contemplará de um só relance, da base ao vertice, a pyramide inteira. Em historia, o tempo corresponde ao espaço da visão optica.

Não ha, hoje, um historiador inglez que aproveite para o estudo de Napoleão, do seu genio e da sua politica, o inexgotavel archivo de libelos em que os pamphletarios, os poetas satyricos e os ironistas britannicos pintaram o vencedor de Wagan e de Austerlitz como um ogre sanguisedento, monstruoso e ignobil, sem escrupulos e sem entranhas, polluido por todos os vicios, e lançado no mundo por Satanaz para suppliciar e vilipendiar o gen ro humano. Os narradores da revolução franceza córam de vêr Maria Antonieta apresentada á França pelo tribunal de algozes que a condemnou, como uma meretriz incestuosa que não recuara diante do acto hediondo de perverser o proprio filho. As paixões reconduzem o homem á ferocidade a mais bestial, e não passam de insensatos ou de covardes aquelles que acatam o julgamento iniquo da paixão. Fazer biographia ou historia é, quasi sempre, limpar da crosta da calumnia, da mentira e do erro as scenas e as figuras historicas.

Indubitavelmente, os homens de amanhã, ao analysar a conducta e o pensamento da maioria dos homens de hoje, testemunhas cegas e mesquinhas da maior das tragedias, despresal-os-hão. Isso não obsta a que esses mesmos homens não sejam capazes de commetter as mesmas iniquidades que verberarão em nós.

Já Anatole France, no romance *Os deuses têm séde* — em que desenvolveu o mesmo pensamento philosophico do conto *O procurador da Judêa*, denunciara com os amargores da ironia essa incapacidade da especie humana de comprehender ou medir a importancia dos mais transcendentos acontecimentos de que é espectadora. A nossa mentalidade é tão modesta e somos a tal ponto destituídos da faculdade de julgar equitativamente os homens e os factos, que pode consummar-se a tragedia do Golgotha, sem que o imperio romano presentisse que uma nova moral, uma nova religião, uma nova civilização, um novo mundo, emfim, ia resultar daquelle supplicio de um innocente, que o sceptico Poncio Pilatos deixara crucificar como impio e blasphemo numa cidade da Judêa. Os companheiros de Bonaparte em Brienne estavam tão longe de imaginar que aquelle cadete pallido e taciturno viria a ser imperador de França, como os sublimes soldados que batalharam, ha quatro annos, no Marne, eram in-

capazes de adivinhar as consequencias univertsaes que resultariam do seu heroismo. Porventura, os mestres jesuitas de Robespierre, ou os professores de Richelieu no collegio de Navarra, ou os confrades de José Bonifacio na Academia Real das Sciencias, de Lisboa, suspeitaram o porvir desses homens predestinados? Seria facil demonstrar que a verdade historica é quasi invariavelmente diversa do que a imaginaram os contemporaneos. A luz da verdade é como a luz das estrellas, que leva annos e seculos para chegar até nós. Está superabundantemente provado que os actores ou testemunhas presencias dos acontecimentos historicos são, precisamente, os que menos os entendem. O publicista francez cita os exemplos mais notaveis, como o de Joinville, não entendendo a significação politica das cruzadas, e Froissard não suspeitando a importancia do apparecimento da artilheria. A esses exemplos correntes poderemos juntar um de nossa casa e dos mais impressionantes: Camões não presentindo o alcance da descoberta da America que, muito mais do que a India fabulosa, perpetuaria a memoria da epopéa maritima dos *Lusiadas*.

Jámais, porém, tivemos, como agora, prova tão flagrante da incomprehensão do homem perante as metamorphoses mundiaes de que elle é o agente. Em volta da arena ensanguentada

onde se desenrola o *match* fabuloso dos povos civilizados, os milhões de espectadores têm, ou altercado sem nexos, ou vivido com impassibilidade. A guerra tem dado ensejo a que se abuse em proporções atemorizantes da incultura aterradoras e da credulidade infantil das multidões, e a que o homem se mostre em toda a hedionda crueldade dos seus instinctos desencadeados, movendo-se como o antropeide redivivo entre os esplendores da civilização que elle mesmo creara, acommettido por um delirio destruidor.

A nossa impotencia para abranger os horizontes da nova humanidade que vai surgir do cataclismo ; a inanidade dos diagnosticos sobre o resultado das transformações que se operam á nossa vista ; a nossa incapacidade de sentir prolongadamente a angustia moral e purificadora da tragedia incomensuravel : tudo isto ultrapassa os limites marcados pelo sarcasmo amarissimo de Swift á mesquinhez humana.

Mas assistimos nós, devéras, aos extraordinarios acontecimentos de que, neste momento, é theatro a terra e protagonista e comparsa a especie humana? Não. Nós vemos menos do que o soldado enterrado na trincheira com a horrida mascara afivelada no rosto. Nós não assistimos á guerra, como Honorio não assistiu á invasão dos barbaros, como Tiberio não assistiu ao nascer do christianismo, como Luthero

não assistiu á reforma, como Condorcet não assistiu á revolução franceza. Em compensação, quem assiste ás irrupções dos barbaros somos nós, que podemos assignalar a sua importancia historica e a funcção que ellas exerceram na marcha reagente da civilisação christã; quem assiste á revolução franceza somos ainda nós, que a podemos julgar pelas suas consequencias, que assistimos a todo o seu desenvolvimento, que conhecemos todas as suas peripecias, que medimos a influencia exercida pelos homens que a prepararam e deflagraram, que vemos Carlota Corday assassinar Marat e o mesmo carrasco que guilhotinou Dantou guilhotinar Robespierre, e a mesma guilhotina que cortou a cabeça de Luiz XVI cortar a cabeça do seu juiz.

Os que ainda não nasceram, esses verão a guerra actual em toda a sua amplidão, e a poderão julgar nas suas causas e nos seus resultados, sem a intervenção deformadora da paixão: espelho convexo, onde as figuras e os acontecimentos se reflectem com proporções monstruosas. Esses, que ainda não nasceram, é que vão ser os juizes competentes das nossas acções e os espectadores do drama a que estamos assistindo como fantoches inconscientes. A guerra está se representando no palco ensanguentado da Europa para a humanidade do anno 2.000.

Grand-Guignol russo

Evidentemente, é uma *blague*, mas as *blagues* de Simão Barata não são, apenas, entretenimentos de uma fantasia desvairada, mas também e quasi sempre uma pintura de imaginação sobre um desenho ou esboço philosophico. Era assim que Hoffmann, Pöe e D'Isle Adam realizavam literatura; e embora Simão Barata não seja propriamente um literato, mas um discutidor de opiniões em incessante pesquisa de idéas originaes — comquanto frequentemente delirantes — tenho observado que, se este theorista quizesse dar-se ao trabalho de expôr por escripto as suas allucinações, ellas conseguiriam prender a attenção de alguns homens superiormente sensatos.

Este ponto de vista nada tem que cause estranheza. Geralmente, só nos interessamos, no dominio intellectual, pelo que fere ou contraria as nossas idéas ou opiniões em circulação. Na literatura universal ha, como no commercio,

grandes armazens populares com immensa clientela: os «Printemps», «Samaritaine», «Parc Royal» e «Whiteleys» das idéas, onde se vestem as maiorias a um preco modico e fixo. Mas nunca desses estabelecimentos modelares saiu a iniciativa de uma nova moda. A sua divisa é servir o gosto do publico e não dirigil-o ou oriental-o. Esta funcção é attributo, muitas vezes ruinoso, de outro commercio, correspondente em literatura e philosophia aos artistas e pensadores originaes e poderosos, capazes de ostentarem um altivo desprezo pela mediocridade vulgar das maiorias. Estes grandes espiritos, porque avistam o que é ainda invisivel para os sentidos da multidão, e porque falam uma linguagem diversa ou mesmo ininteligivel, attraem as atenções. Infelizmente, esta regra tem sido applicada em grande escala pelos falsificadores do talento, e todos nós conhecemos charlatães e demagogos das letras, que conquistam celebidades, embora vergonhosas e degradantes, ferindo e contrariando as opiniões e os cultos das maiorias. Infallivelmente acontece, nestes casos, que esses attentados não se praticam contra os erros e os vicios da opinião publica, mas contra as suas raras virtudes.

Simão Barata não se scandalizará porque hesito em classifical-o entre os creadores de idéas, tanto mais que elle não faz profissão

da publicidade e ostenta contra ella um desdem acerbo e intransigente. Mas, se este tão erudito como obscuro humanista consentisse em arrancar a mascara ironica sob que se occulta o seu pensamento e a mascara sceptica, debaixo da qual se dissimula o seu sentimento, e quizesse arrostar — vencendo as nauseas da sua orgulhosa intelligencia — com os attritos da publicidade, é quasi certo que conseguiria conquistar a meia duzia de leitores a que pôde ambicionar um homem probo e de talento, incontaminavel á banalidade.

Elle, porém, considera que tudo o que valia a pena escrever-se já foi escripto e que, em materia de arte e literatura, os mais nobres esforços da civilização moderna se concentraram na ambiciosa e extenuante tarefa de resuscitar e repetir a literatura e a arte tres vezes millenarias da Grecia. Simão Barata sustenta que a literatura é um incessante plagio ou um jogo vão — e nem sempre inoffensivo — de palavras, e que só, talvez, a immoralidade conserva regiões inexploradas em literatura, guardadas pela vigilancia do decôro e da hypocrisia. Isto mesmo é, todavia, discutivel...

Estas divagações, que reconheço serem fastidiosas, pareceram-me convenientes á interpretação da narrativa que hontem ouvi do meu amigo Simão Barata, no salão de espera de um

cinema onde se representava mudamente, com mais voluptuosidade do que philosophia, a soberana lição de scepticismo que é a *Thais*, de Anatole France.

E' este, sem mais preambulos, o surpreendente caso que me confiou Simão Barata: elle *sabe* como foram mortas a ex-imperatriz da Russia Alexandra Feodorovna e as suas quatro filhas! Esse sacrificio propiciatorio de sangue real, esse festim de carnes tenras e virgens, servido em holocausto ao anarchismo, foi-lhe descripto com todos os pormenores por uma *testemunha presencial*... Procurarei conservar o mais aproximadamente possivel, nesta versão jornalística, a sobriedade feroz da narrativa de Simão Barata, eliminando-lhe os detalhes por demais arripiadores, de modo a facilitar ao leitor que ria, e puder, da sua *blague* macabra. Foi na madrugada do dia 15, sexta-feira, que Simão Barata — tendo lido ao deitar-se, nos jornaes da noite, o telegramma de Londres, communicando o assassinio da ex-czarina e de suas quatro filhas — viu em sonho um homem pallido, ensanguentado e de louros cabellos desgrehados, vestindo um uniforme de official do exercito russo, que se sentou numa cadeira, aos pés da sua cama.

— Perguntei-lhe quem era e o que queria de mim, modesto traductor de Emersen e de Ma-

cauley, philosopho amator e pacifico, tão pouco dado aos recreios de Marte que nem sequer pertencia ao Tiro de Imprensa, e o espectro, colando em mim os vitreos olhos azues e mexendo os labios côr de cêra, disse chamar-se Boris Oblonski, antigo cadete da Academia Imperial Nicoláo, promovido a capitão na vespera da batalha de Tannenberg, onde fôra ferido na cabeça por um estilhaço de obuz.

Fôra dos poucos officiaes que as ambulancias em fuga tinham recolhido, depois da batalha em que se epilogou a invasão assoladora da Prussia Oriental. Durante um mez, no hospital de Kovno, o capitão de lanceiros da guarda, Boris Oblonski, estivera oscilando, como um pendulo, entre a vida e a morte.

O espectaculo repulsivo das batalhas, a nausea do sangue, o horror incutido pelas atrocidades em que o delirio da guerra lança o homem, converteendo-o numa besta-féra (e principalmente, deduz Simão Barata, a trepanação do hospital de Kovno), haviam feito do soldado um pacifista, libertando-o da servidão hereditaria. Elle seria o ultimo Oblonski que tinha subido á ara do sacrificio. Nas reuniões secretas revolucionarias, primeiro em Minski, depois em Petrogrado, Boris convertera-se em um apostolo inflamado da paz. Chamava aos soldados seus irmãos, beijava-os na face. Todos haviam ju-

rado sobre os santos icones nunca mais derramarem uma gota de sangue. Consagrara-se á grande causa da libertação da humanidade. Kropotkine, Tchernichevsky, Bakounine, eram os mestres da sua consciencia. A fraternidade humana apparecia-lhe como o unico idéal digno do sacrificio. O homem fôra, originariamente, innocente e pacifico. Haviam sido os ambiciosos de poder e os dominadores que o tinham exercitado e disciplinado para as luctas. As aristocracias, fundadoras das autocracias, eram as culpadas de todas as miserias e de todas as dôres humanas. Ah! no dia em que a bandeira vermelha da Revolução, signal da redempção humana, fôra arvorada nos palacios de Taurida e do Inverno, quanto elle chorara de felicidade! Pela primeira vez, desde a infancia, lavara o rosto com lagrimas. Tornara-se ainda preciso luctar contra a traição de Kerensky, o apostata, que ousara prégar a continuação iniqua da guerra, mas o traidor fôra vencido, e Lenine decretara o desarmamento, mandara recolher os soldados aos lares, abolira a pena de morte, igualara os homens, distribuira as terras pelos servos da gleba... A nova era incruenta principiava, sendo preciso propagar por toda a Russia, immersa na superstição, a doutrina da felicidade universal. Boris reclamou um posto de sacrificio e foi mandado commandar, mais como

um pai do que como soldado, a guarnição de Nigné, logarejo entre Ekaterinburgo e Perm, nos confins dos Uraes, As feridas de Tannenberg tinham, porém, inesperadamente reaberto e Boris Oblonsky, prostrado no leito, com a cabeça embrulhada em ligaduras, esperava a morte. Ao delirio quasi permanente em que, de vagar, se extinguia, chegavam vagas e dispersas noticias da obra santa, como os rumores de uma apotheose longinqua. As antigas nações, incorporadas pela cobiça dos Romanoff, encontrando em Petrogrado um poder paternal, haviam recobrado sem iucta a independencia, A antiga Russia tenebrosa dos Tzares multiplicava-se em nações livres e felizes. Elle abençoava Deus e Lenine. Não tardaria que os povos guerreiros da Europa central e occidental seguissem o exemplo edificante da Russia e reconhecessem a iniquidade do derramamento do sangue humano. No extase em que vivia, isolado do mundo, só o amargurava pensar que não duraria o bastante para assistir ao proximo advento da concordia universal. Preparava-se para a morte com a consolação de haver contribuido para applacar a ferocidade humana e converter os guerreiros em mansas ovelhas... Foi nesse extase de allucinação, que era como uma longa e dulcissima agonia, que uma manhã elle soube que Alexandra Feodorovna e as

quatro filhas tinham chegado de Ekaterinburgo, e estavam hospedadas na séde do Soviet. Pela memoria de Boris Oblonski passaram as visões do passado: as revistas militares; a czarina, a cavallo, com o uniforme de coronela de lanceiros, trotando á frente dos esquadrões; as noites do theatro da Opera, em que a imperatriz apparecia no camarote imperial, aureolada de diamantes. . . Boris Oblonski não quiz morrer sem ver a czarina irmã de todas as mulheres, livre da etiqueta de terror que dantes enclausurava a sua artificial grandeza, vivendo com o seu marido e os seus filhos em paz, sob os olhos de Deus e entre as bençãos do povo: imagem grandiosamente simples da igualdade e da felicidade universaes. Vestindo o uniforme, Boris Oblonski, com a cabeça atada de ligaduras, dirigiu-se ao Soviet. Um alto escarcéo de multidão enchia a villa de Nigné. *São acclamações!* - pensou o pacifista visionario. Eil-o na praça da villa, em frente ao edificio do Soviet. Uma multidão de demonios humanos vocifera e pede a morte das Romanoff, fugidas de Ekaterinburgo. Durante momentos, de olhos esgazeados, o revolucionario contempla a plebe em delirio, reclamando a morte de uma mãe e de quatro crianças. Nunca na guerra contemplara um tão odioso espectaculo. Batem-lhe os dentes de pavor, sente latejar na cabeça a chaga

de Tannenberg e ouve a voz heroica e hereditaria do sangue. O soldado resurge no moribundo e precipita-se, abre caminho por entre os chacaes e as hyenas. Diante do seu uniforme, a guarda, que defende a entrada, deixa-o passar. Os gritos das victimas guiam-no pelo sombrio corredor do carcere. Ha uma voz quasi infantil que geme: *Mamã! Mamã!* E elle vê, caida no chão, ensanguentada, a czarina. O sangue sae-lhe em borbotões pela boca, e nessa fonte de sangue materno se tinge de vermelho a cabeça linda da granduqueza Tattiana, abraçada ao cadaver, e que um soldado vai esmigalhar com a coronha da arma, enquanto a granduqueza Olga se debate defendendo as irmãs mais novas, paralyzadas de terror... Boris Oblonski precipita-se, clamando: *Assassinos! Assassinos!* Agarram-no, e enquanto o sangue verte da sua heroica ferida reaberta, elle assiste á scena horripilante, cujos atrozes pormenores Simão Barata me reproduziu...

Terminada a narrativa, o espectro de Boris Oblonski desvanecera-se.

— Você acredita que as coisas se tenham passado como esse espectro as contou? — perguntei a Simão Barata.

— Não sei. Boris Oblonski estava doido. Só um doido teria procedido com tamanha impru-

dencia. Não se póde dar credito ao que dizem os doidos, mesmo depois de mortos, mas ninguém tem o direito de duvidar da crueldade humana.

Um caso de amor

A's noites, no salão do «Avenida Palace», em Lisboa, em frente de um *whiskey and soda*, enterrado numa Maple de marroquim vermelho, o consul da Argentina presidia a um pequeno cenaculo onde se cultivava a nobre arte, hoje em plena decadencia, da conversa.

Theobaldo Checchi era um conversador de grande estylo e um erudito, tão capaz de reproduzir de memoria uma anedocta de Brantôme como qualquer famosa passagem de Virgilio, e com quem só rivalizava no talento de narrar, evocar e commentar historia e literatura, esse outro grande mestre da conversa, que é o Sr. Gastão da Cunha, embaixador do Brasil.

Diversas vezes, durante a minha breve passagem por Lisboa, no anno passado, assisti a essas sessões nocturnas da pequena «academia Checchi», realizadas no salão Maple do «Avenida Palace», e que se prolongavam, em ani-

mação crescente, até depois da meia noite, quando já se haviam apagado, no regimen de economia decretado pela guerra, aquellas luzes excessivas que nos salões do hotel fazem parte da ornamentação. Na penumbra em que ficava mergulhada a grande sala apenas um casal romanesco de amantes, isolado a um canto, absorvido num dialogo tão interminavel como o das peças amorosas de Bataille (e só interrompido pelos eloquentes silencios em que as mãos se apertam como élos de uma cadeia) prolongava com o cenaculo Checchi a vigilia nocturna, tão propicia ao talento e ao amor — pois parece provado que as grandes obras de arte, na literatura como na musica, foram creadas, quasi todas, no silencio inspirador da noite, como é no mysterio nocturno que o casal humano tem trocado os beijos mais estonteadores com que a especie idealiza e embelleza o instincto animal da reprodução.

Theobaldo Checchi olhava aquelles amantes com uma expressão paternal. Elle sabia falar do amor como de tudo, com a experiencia de todas as illusões com que pode entreter-se a imaginação humana. Italiano de nascimento, jornalista e escriptor theatral na mocidade, Checchi guardava na arte da conversa, em que se aposentara o seu talento militante de critico, a vivacidade e o pitoresco de um improvi-

sador e a argucia subtil de um analysta. Sentia-se, ao escutar a conversa daquelle velho, que elle era o producto intellectual de uma civilização velhissima, fatigada de erudição e de requinte. Daquelle mundo greco-latino, de que era um sobrevivente, Checchi guardava uma benevolencia sceptica e um epicurismo delicado, sem a liga impura da sexualidade, e que só se attinge no declinar da vida. A esses dotes intellectuaes, que seriam bastantes para comporem uma personalidade distincta, isolada na vulgaridade, Checchi offerencia ainda uma attracção magnetica sobre as imaginações. Succederalhe no periodo aureo de uma carreira ephemera e brilhante, nessa grande hora da vida em que o talento vive sob a acção impetuosa e ascensional da mocidade, sob a influencia idealista de uma fé illimitada, esta coisa deliciosamente terrivel, gloriosamente perigosa: apaixonar-se por uma mulher que ia ser a deusa da scena italiana, por uma actriz que ia alvoroçar e emocionar o publico universal com a sua arte sublime. Essa mulher, de cujo genio elle fôra o primeiro a soffrer o sortilegio, chamava-se Eleonora Duse, e foi com o nome de Duse-Checchi que o Brasil a conheceu pela primeira vez.

A historia dessa união de artistas nenhum delles jamais a contou á semelhança de Musset

e da Sand, que do seu profanado conflicto amoroso fizeram mais dois romances. Mas a Duse não conservou por muito tempo unido á gloria do seu nome o nome de Checchi. A rainha do palco quebrou depressa esse grilhão que prendia o seu nome. Depois de haver pago com uma filha o tributo matrimonial, a Duse divorciou-se e seguiu, emancipada, a deslumbrante trajetoria de astro. O destino reservava-lhe o castigo pungente de soffrer no fim da vida, no momento doloroso das abdições, uma paixão amorosa por um poeta glorioso, igual á que por ella padecera o joven escriptor Theobaldo Checchi...

Durante trinta annos, a comediante admiravel, a «Ristori do naturalismo», a «nova Rachel» saudada pela critica e pelas platéas mais illustres da Europa e da America como a mais perfeita actriz do seu tempo, como a reformadora da arte de representar, que applicara no theatro os processos athenienses da sobriedade e do equilibrio, rompendo com a rhetorica mimica, apagando a emphase da gesticulação, viveu á luz do proscenio as grandes heroínas do drama moderno e as figuras classicas das comedias de Goldoni. Dumas Filho escreveu-lhe uma carta celebre. Ibsen chamou-lhe «a sua collaboradora» e pediu-lhe para ir a Christiania representar a *Casa de boneca* e a *Hedda Ga-*

bler. As rainhas receberam-na nos seus palacios. Em Lisboa, a duqueza camareira-mór convidava-a para jantar com frequencia á sua mesa. Sardou ia beijar-lhe a mão ao palco. Sarah Bernhardt annunciava-a ao publico de Paris como «la sublime comédiénne». D'Annunzio dedicava-lhe uma tragedia.

Na Argentina, para onde se expatriara, Checchi, o marido, obtinha, pelo seu talento e pelas amisades poderosas que o protegiam, entrar no quadro dos funcionarios consulares. Era a carreira incomparavel para um exilado por amor, pois que lhe permittia afastar-se do idolo o maximo que, no nosso pequeno planeta, podem afastar-se os dois grãos de areia a que correspondem no universo duas creaturas humanas. Nos longinquos consulados do extremo Oriente, o marido repudiado podia desopprimir-se da perseguição suppliciante daquella gloria, certo de não encontrar nos jornaes e nas *vitrines* das lojas o retrato da infiel, de não ler o seu nome (odioso ou idolatrado. . . ?) nos annuncios de theatro, nas odes dos poetas, na apotheose dos criticos e nos cartazes das ruas. Aquella celebridade que a Italia apresentava ao mundo como uma das vivas glorias da sua arte, elle tivera-a nos braços com o extase dolorido da iniciação amorosa da mulher. Essa memoria perturbava ainda aquelle coração, como uma

braza conservada na cinza, ou o coração do consul Checchi atravessava com a lendaria impassibilidade das salamandras o lume das recordações?

Nunca o pude saber. Diversas vezes tentei, usando de variados estratagemas, prescrutar o segredo daquella alma hermeticamente fechada, sem nunca haver descoberto um indício sequer da sobrevivencia de uma paixão amorosa naquelle organismo em ruina, que concentrara no cerebro o resto do seu esplendor, como um occaso chammejante. Nunca o vi recuar diante de um thema de conversa que insidiosamente o collocasse em contacto com as recordações da esposa gloriosa. Aquelle fino letrado, que reverenciava na ironia a soberana do mundo e considerava Luciano o antepassado de todos os espiritos requintados, o helleno que resurge no limiar dos seculos barbaros, acolhendo com um gesto harmonioso as idades tenebrosas da theologia e dos palimpsestos, parecia ligar mais importancia a um epigramma do que a essa longinqua existencia em que fruira os gozos inolvidaveis da celebridade e do amor. Naturalmente, esquecera a infiel. O tempo, o grande cauterizador, cicatrizara a ferida amorosa. Possivelmente Checchi procurara e encontrara no esquecimento a unica vingança perfeita dos corações offendidos. Coisa alguma subsistia

naquelle velho sceptico, evadido de um drama de amor, da melancolia com que se ornamentam as almas sentimentaes. Checchi era um humorista erudito, que consentia em divertir-se segundo a fórmula de Pascal, duvidando com o philosopho que o riso excessivo ou a alegria excessiva conviesse aos homens mortaes. O amante juvenil, o Romeu-Boccacio, que estreitara contra o peito, tremula e exaltada de amor, uma mulher de genio, convertera-se num epicurista entretido em torneios rhetoricos, saboreando epigrammas e versos latinos, emquanto ella, a infiel, se apagava ao longe, sózinha, nessa vesperal tristeza em que se desvanecem as estrellas. . .

Ora, acontece muitas vezes que é, depois da morte, que as creaturas deixam de ser para nós sombras indistinctas. Theobaldo Checchi morreu em Lisboa, num dos ultimos dias de agosto. Abriam-lhe o testamento e nelle encontraram, aberto tambem, o seu coração. Checchi instituiu a Duse herdeira da sua fortuna.

E' só agora, quando elle já não existe, que eu o conheço. Esta constatação seria pueril, se não a pudessemos applicar com abundancia e frequencia na vida a uma multidão de casos, e se ella não se prestasse a contribuir para a composição desse sentimento, tão raro no homem, como o radio na natureza, que se chama a equidade.

O Belga

(Sobre a canção de Jean Bastia,
dedicada ao rei Alberto)

Como o pintou Teniers, assim se conservava o bom povo flamengo: alegre, expansivo, trabalhador, optimista. A terra era boa também: um torrão succulento, com reluzente hulha nas entranhas, pastos á superficie, bem regados de agoas: terra humosa e farta onde pasciam os gados e fructificavam os hortejos e os poma-res, com prados floridos, canaes silenciosos e campos de trigo, cevada e centeio, de onde se elevavam os murmurios das espigas fricciona-das pelo vento. Cerveja limpida, leite gordo, uma raça forte e sanguinea, mulheres ternas, rosadas e loiras como os modelos de Rubens, um espirito associativo ancestral, o bem estar e o bom humor, a simplicidade da velha repu-blica dos Paizes Unidos, uma riqueza honesta ganha pelo trabalho, um grande aceio e uma

grande fartura, o velho sensualismo flamengo misturado a uma fé ingenua. Cidades industriais e laboriosas entremeadas de palacios das corporações, datando da Renascença, e com cathedraes no estylo gothico «flammejante». Um commercio prospero e uma arte antiga. Pinturas de van Eych, van der Weyden, Memling, Metsys, Rubens, Jordaens, van Dyck e Breughel; tapeçarias, armarios de carvalho esculpidos como tabernaculos. Minas, cutelarias, fabricas de armas. Danças, orphéons, kermesses. Uma feliz democracia preparada por uma antiga aristocracia. Era a Belgica: era o belga.

Timide, courtois et poli,
 C'est le pacifiste accompli
 Le belge.
 Sans que son amour de la paix
 Soit de la bravoure au rabais,
 Le belge
 Aux portes, il sait s'effacer
 Afin de vous laisser passer
 Le belge . . .

Um dia, porém, um estrondo de armas envolve a Belgica feliz e o Wotan teutonico grita ao belga cordeal e hospitaleiro: — «Deixa passar a torrente dos meus exercitos. Nada resistirá ao meu poder omnipotente. A minha força te recompensará pela tua aquiescencia. Atravez

das tuas planícies a minha espada irá embeber-se no coração da França. Com a ajuda da tua fraqueza atrelarei o mundo ao meu carro triumphal!»

Mas a Belgica tem um rei alto e pallido, loiro e myope, que, pela avó paterna, Luiza d'Orleans, é bisneto de um rei da França, e pela mãe recebeu o sangue leonino de Murat, cujos globulos heroicos haviam suplantado os globulos godos dos Hohenzollern e dos Coburgos. E o rei pallido diz ao gigante allemão:—A Belgica não faltará á fé dos seus tratados e não te deixará violar o seu direito sem por elle combater e verter o seu sangue!»

A Belgica ouviu a voz do seu rei e lembrou-se...! Lembrou-se de ter sido a Gallia Belgica, a alliada dos francos, a residencia de Clovis, rei dos francos de Tournay, e depois de todas as Gallias. Lembrou-se de Carlos Magno. Lembrou-se das éras heroicas, quando os cavalleiros belgas se alistavam nas cruzadas do Oriente, e quando Baudoin, conde da Flandres, se fazia coroar imperador de Constantinopla. Lembrou-se de Carlos o Temerario, de cuja filha, Maria de Borgonha, ia brotar o tronco de Carlos V. Lembrou-se dos antepassados que haviam luctado contra os arcabuseiros de Philippe II e os esbirros do Duque d'Alba. Lembrou-se de 1792, dos exercitos republicanos de

França expulsando os austriacos e cantando a
Marselhesa . . .

Et quand les prussiens sont venus
Il a dit on ne passe plus !
Le belge
Auprès du colosse allemand
Il est petit infiniment
Le belge,
Mais le colosse a vacillé
Quand hardiment l'a défié
Le belge.

O mundo, espantado, extasiado e horrorizado pela sublime coragem do grande rei da pequena Belgica, tapou os olhos para não ver o estupro brutal da nação pura, o desmoronar das fortalezas que eram a sua cintura de castidade, a passagem dos hunos através dos prados floridos, das cearas maduras, das cidades laboriosas ; os supplicios, as execuções, as hecatombes, os incendios, as populações em fuga, sem lar, sem pão, e o rei sem palacio e já quasi sem reino, luctando com um punhado de soldados contra o maior exercito do mundo.

De l'enfant au fusil de bois
Il a renouvelé l'exploit
Le belge,
Mais le huian noir est méchant
Il a massacré tout ; enfant
Et belge !

Um grito de piedade e de horror echoou pelo mundo, repercutiu de nação em nação e de continente em continente. Um tufão de ferro e fogo passava por sobre a terra alegre, prospera e feliz das rendeiras de Bruges e Malines, das kermesses de Teniers, das cathedraes gothicas, dos operarios pacificos e dos canaes silenciosos.

A tempestade bellica avançava com os seus trovões de artilheria, os seus raios de fogo ateando incendios, desmoronando os monumentos, vertendo o sangue, semeando o terror, a caminho da França. E a nação pygméa defrontava o gigante germanico, retardando-lhe a marcha, dando tempo a que a alma heroica da França completamente acordasse e se erguesse, invencivel e intrepida, deante do perigo mortal que a ameaçava. . . Uma, depois de outra, as cidades cahiam, como degladiadoras feridas e subjugadas: Liége, Bruxellas, Antuerpia, Louvain. . . O fumo dos incendios enegrecia os céos de luto. Os gemidos, os soluços e os lamentos das viúvas e dos orphãos substituíam os cantares e as danças das folgazãs kermesses. As hordas de Attila proseguiram na sua marcha assoladora de cyclone, derramando-se pelas planicies flamengas. O exercito de luxo da Inglaterra é dizimado, quasi anniquilado. A onda germanica espraia-se em leque, attinge já

a região dos canaes, por onde desceria como uma catadupa sobre o litoral da Mancha. Como deter o tufão equestre dos hulanos? Exhausta, ensanguentada, pizada pelas botas dos regimentos bavaros, saxonios, wurtemberguezes e prussianos, a Belgica reune as ultimas forças para fechar as portas da França ao invasor...

Dans Bruxelles il a toujours vu
Um petit homme bien branchu

Le belge,

Qui, dans un geste incontinent
Maunekenpissait gravement

Le belge

Ce fut une leçon pour lui;
Ouvrant les écluses, de nuit,

Le belge.

Il s'est pour mouiller le Kaiser
Fait aider par l'eau de la mer.

A Gallia Belgica salvara a França, sua antiga aliada e suzerana das éras merovingias. A pequena Belgica salvara a liberdade do mundo e a civilização latina, de que a França é o altar, mas ficara prisioneira. O seu rei vagueava numa duna. O seu povo debatia-se no captivo. Sobre elle descarregou-se a ira do colosso. Fôra aquelle grão de areia que atrazara a marcha do cataclismo, que fizera emperrar o carro de guerra de Wotan. Não houve supplicio que lhe fosse poupado. A colera germanica enfurecia-se com a inquebrantavel altivez da-

quelle pequeno povo de burguezes, camponezes e operarios, que não trepidara em immolar-se pela honra. O flamengo já luctara contra Filippe II de Hespanha. Não o fazia morrer de medo luctar contra Guilherme II da Allemanha.

Il put admirer dans Anvers
La douleur peinte en pleines chairs
Le belge.

Sa belle «Descente de Croix»
L'a rempli d'un sublime émoi
Le belge.

Il a fait mieux, il a construit
Une croix vivante pour lui
Le belge.

Et puis il s'ait fait attacher
Sur cette croix pour nous sauver
Le belge!

Ha quatro annos, sobre essa cruz de honra e martyrio que elle mesmo preparou por suas mãos, o povo belga soffre, contorce-se de dôres, mas nunca o algoz lhe ouviu uma supplica ou conseguiu d'elle que repudiasse a sua fé na justiça ou se confessasse arrependido do sacrificio sublime. Ha quatro annos que no palacio do exilado rei cavalleiro, o governador allemão troveja as suas ameaças, redige e assigna as proclamações do terror, os decretos de confisco e de morte. E o belga confia e, no potro dos supplicios, recalando os gemidos, escarnece da força. O burgomestre de Bruxellas fala

de cabeça erguida ao falso Cesar germanico. E' que o belga conhecera, ha vinte seculos, o veridico Cesar romano. A Allemanha improviza uma imprensa allemã para converter e envenenar os rebeldes. Então, os pamphletos clandestinos multiplicam-se. A Allemanha encarcera os belgas entre grades de bayonetas, mas todos os dias, um a um, os belgas, sorrateiramente, fogem da ratoeira e vão reunir-se ás hostes do rei cavalleiro. O carcereiro allemão redobra de severidade implacavel. As mulheres são fuziladas como os homens. As cidades são punidas com tributos. As fabricas são demolidas. A Belgica está convertida num presidio.

Mais le jour, peut-être demain,
Que nous abatrons le Germain,
O belges!
Quel beau festin nous ferons là
Quand on se le partagera
Mes belges!
Quels coups de lambic nous boirons
Quand nous le déchiqueterons
Bons belges,
Avec les ongles et le bec
Godferdam! Viens-tu faire avec?
Le belge!

Em fim, das dunas de Furnes e Dixmude, o exercito do pallido rei cavalleiro avança aos accordes da Brabançonne. Aquelle exercito é a Belgica que vem reconquistar a Belgica, é o

povo belga de volta aos seus lares! Desde os tempos biblicos, em que Jehovah intervinha no destino dos povos e mandava os seus anjos commandar as batalhas, nunca no mundo se viu cousa igual. Aquelle exercito de um povo aprisionado, perante o qual os allemães recuam, são dez seculos de historia em movimento, é toda a historia belga rediviva, galvanizada. O que os allemães vêem avançar na região dos canaes são os descendentes dos guerreiros francos e gaulezes de Clovis e de Carlos Magno, dos cavalleiros feudaes do Brabante, de Namur e da Flandres, dos companheiros mysticos de Godofredo de Bouillon, dos archeiros e peões de Carlos o Temerario, dos soldados republicanos dos Paizes unidos, a propria alma da Gallia Belgica, armada! E deante daquelle exercito, organizado pelos poderes invisiveis, a Allemanha, offegante das carnificinas, exhausta de tanto matar e destruir, comprehende, emfim, que Deus desvaira aquelles que quer perder, e que é uma façanha superior a todas as forças guerreiras subjugar uma pequena nação em cuja alma immortal palpita o amor da Liberdade.

...le jour, peut-être demain,
 Que nous abatrons le Germain,
 O belges!
 Quel beau festin nous ferons là
 Quand on se le partagera
 Mes belges!

Amphictyonia

No discurso pronunciado pelo presidente Wilson por ocasião do lançamento do quarto empréstimo da *Liberdade*, o dictador do idéalismo traçou as linhas geraes a que deverá obedecer a architectura juridica e politica da Sociedade das Nações, estabelecendo a nova doutrina destinada a regular a liquidação do prélio internacional de accordo com as aspirações dos povos que nelle estão derramando copiosamente o sangue.

A idéa de uma sociedade de nações tem feito sorrir os frios homens experientes e os estadistas insensibilizados na escola tradicional dos Machiavel, Talleyrand, Metternich, Bismarck e outros genios da astucia e da dominação. Esse sorriso incredulo tem mesmo aflorado aos labios de alguns consternados idéalistas, que a imaginam uma chimera adstricta ao dominio nebuloso e rhetorico das theocracias e das metaphysi-

cas. Os menos scepticos (os menos saturados de uma civilização que, nas regiões do pensamento, pela acuidade progressiva das faculdades analyticas, caminha acceleradamente para a Duvida), reconhecem que o presidente Wilson se encontra em condições excepcionaes, nesta hora da historia da humanidade, para converter em uma realidade salutar a sua theoria. Esses insistem, porém, na necessidade de se procurarem as soluções praticas que evitem as decepções e a ruina do sonho generoso no inevitavel conflicto a que será submettido contra as inconscientes e aterradoras forças biologicas: os instictos plasmaticos de lucta, competição e selecção a que se acha escravizado o descendente civilizado do homem das cavernas.

Para aquelles que tenham, com relativa frequencia, conduzido a sua intelligencia a passear nas aléas e veredas do jardim embalsamado e deslumbrante do classissismo, a sociedade de nações, concebida pelo presidente Wilson, acordará reminiscencias de uma congenere associação de povos que vigorou nesse encantado paiz onde tudo o que é bello e nobre já existiu, nessa morta e sempre viva patria das artes e da philosophia onde cinzelaram divinas estatuas os Praxiteles e Phidias, onde cantou as suas estrophes épicas o aéde Homero, onde Eschylo, Euripedes e Sophocles computzeram as suas tra-

gedias sublimes e terrificantes, onde Alexandre e Philippe commandaram exercitos de bellos athletas, onde legislaram Lycurgo, Solon e Demosthenes, nessa Grecia encantada e immortal de que são ainda cidadãos posthumos os artistas e os pensadores maiores do nosso tempo.

Chamava-se ella, então, Amphictyonia; substantivo harmonioso que significa «Reunião de povos vizinhos», e não a esqueceram os humanistas quando da America chegaram á Europa as noticias velozes de que o presidente Wilson premeditava transformar o mundo, organizando uma colossal e poderosa Amphictyonia. Em Paris, que é a Athenas moderna, *Polybo*, no «Figaro», passando em revista as varias tentativas de uma confederação da Europa, resumia com espirituosa elegancia a historia infeliz dessa experiencia classica dos amphictyões.

Qualquer encyclopedia nos ensina que as velhas lendas, sem as quaes não havia realidade possivel na Hellade, attribuem ao heroe Amphictyon, filho de Deucalion — o povoador da terra devastada pelo diluvio — a fundação da Amphicyonia, que assim haveria sido contemporanea das primeiras rixas e das primeiras guerras da Grecia antiga, logo depois de extincta a idade heroica dos Argonautas, do cyclo thebano e da guerra de Troia, em que subsistiu o feudalismo patriarchal, quando se constitui-

ram as cidades autonomas, confederadas no seculo V, na lucta victoriosa contra os potentados asiaticos.

Doze povos, grandes e pequenos, faziam parte da Amphictyonia, pois a concepção barbara de que aos grandes cabem direitos inacessiveis aos pequenos não era possivel n'essa lapidar e equitativa civilização hellenica onde tudo, politica e arte, se revestia de proporções impeccavelmente harmoniosas.

Na assembléa dos amphictyões, que se reunia duas vezes por anno, pela primavera e pelo outono, nas Termopylas e no santuario de Apollo, em Delphos, proximo á fonte de Castalia, inspiradora dos poetas, os modestos locrianos fraternalmente se sentavam ao lado dos volorosos thessalicos, dos rudes doricos, dos simples beocios e dos jonicos scintilantes. Eschimo transmittiu-nos o juramento dos delegados politicos da Amphictyonia, que se encontra trasladado para as linguas vivas e commentado nas obras correntes e accessiveis dos Grote, Curtius, Muller e Croiset. Esses delegados compromettiam-se a não destruir nenhuma cidade amphictyonica, a não interceptar as aguas potaveis quer em tempo de guerra, quer na paz; e se algum povo transgredisse estas obrigações marchariam contra elle as hoplites dos restantes e destruiriam, punitivamente, as suas cida-

des, seus lares e seus santuarios. Este compromisso era garantido, não por uma policia armada e executiva, mas por uma simples, se bem que terrifica, imprecação :

«Se alguém, cidade ou cidadão, transgredir esta lei ou violar este juramento, contra o transgressor ou perjuro se voltem as coleras de Apollo, Latona e Athenéa Pronaia ! Que suas terras fiquem estereis ! Que suas mulheres e seus rebanhos só dêem á luz monstros ! Que para sempre sejam suplantados na guerra, nas demandas e nas deliberações publicas ! Que sejam exterminados e com elles extincta a sua raça ! Que as divindades repillam as suas offendas !»

Pavoroso, sem duvida, mas demasiadamente platonico. Estas maldições, que podiam intimidar o helleno, não atemorizariam o germano. Parece, mesmo, que nem o pesado beocio, nem os bellicosos thessalicos, e muito menos os brilhantes jonicos se deixaram aterrar por aquellas assustadoras imprecações. E' o que se deduz das palavras sarcasticas do maior estadista da Republica Atheniense, o eloquente Demosthenes, que foi a primeira victima illustre dos demagogos : esses eternos adoradores da fealdade e da desordem. Demosthenes considerava que as decisões amphictyonicas ficariam letra morta de todas as vezes que um povo

poderoso não tivesse interesse em executar-as ou fazel-as cumprir. Machiavel nada adiantou sobre Demosthenes. O genio florentino nada acrescentou de novo ao genio atheniense. E, todavia, essa Amphictyonia, que Demosthenes considerava reduzida a um «estado de sombra», era um aggregado de povos de raças irmãs, tão parecidos entre elles como o normando e o bretão o podem ser do marsehez e do provençal. Direis que para Demosthenes a julgar tão desanimadamente é porque essa sociedade de nações hellenicis contava demasiado com as suas divindades tutelares para resolver suas pendencias terrenas e esquecera que, momentos ha em que uma afiada lamina de gladio ou uma aguçada ponta de lança dão mais pratico resultado que a fugaz ira de um Deus. As turbas só respeitam a força e sempre abusaram da equidade. Demosthenes falou muito e magnificamente. Os homens, porém, esqueceram as suas palavras. *Verba volant.*

A Amphictyonia dispunha, é certo, de direitos a levantar um exercito, nomear um generalissimo, citar os refractarios para comparecerem diante do tribunal e punil-os, quer com pesados tributos, quer mesmo com expedições disciplinares. Mas, esse direito só existia no papyrus, como algumas leis da actualidade que só existem no papel. Demosthenes já adivi-

nhava a Allemanha rasgando, como um farrapo, os compromissos sollemnes para com a Belgica. Dirão os eruditos que a Amphictyonia, em seus primeiros tempos, executou *manu militari* algumas das suas sentenças e obrigou os lacedemonios a restituir aos thebanos a Alsacia-Lorena. . . , quero dizer, a Cadméa, pagando ainda uma indemnização de mil talentos. Parece, tambem, que os megarianos foram punidos por terem assaltado uma theoria enviada a Delphos e trucidado os theoros pelos modernos processos maxfnilistas, e tambem os habitantes de Cirrha, culpados de profanarem o sagrado recinto de Apollo. Mas já nos tempos das guerras médicas, a Amphictyonia não passava de uma academia politica. Quando Themistocles, o guerreiro a quem «os louros de Miltiades tiravam o somno», e a quem coube a gloria de salvar a Grecia, venceu os persas em Salamina, os pacifistas amphictyões limitaram-se a dedicar-lhe estatuas e a redigir bellos epitaphios. Mais tarde foi ainda peor. Philippe da Macedonta corrompeu os amphictyonios com bellas phrases e bellos presentes, e da primeira sociedade de nações só nos restam os epigrammas de Demosthenes e, em raros musæus, algumas moedas com o omphalos de Delphos, sob a qual se senta Apollo, com um ramo de louros na mão esquerda e a grande lyra de sete cordas aos pés.

Quando se recorda a Grecia logo surgem desse cemiterio alvos espectros que nos falam numa sabia e formosa linguagem e nos dizem palavras judiciosas que podemos applicar com proveito ás coisas de hoje. Não iremos até comparar ao imperador dos germanos o bellicoso Themistocles, victima do seu orgulho, banido e votado ao ostracismo, perseguido de paiz em paiz, obrigado a procurar asylo na côrte de Artaxerxes, nem mesmo o rei macedonio, o aliado de Annibal e adversario dos latinos, derrotado nas planicies de Cynocephalos por um Foch romano chamado Flaminio, e condemnado a renunciar ás suas possessões e ás suas allianças, a pagar pesados tributos, a licenciar o exercito e a marinha, e que morreu devorado por atrozes remorsos.

E' bem verdade que nada existe de novo no mundo depois da Grecia, nem mesmo o presidente Wilson e a Sociedade de Nações. Aquelles que se precipitaram a considerar como americana a concepção wilsoniana não se lembravam da Amphietyonia. Depois que a Duncan resuscitou nos seus bailados as bellas attitudes classicas da estatuaria hellenica, as pessoas que se presumem de bom gosto -- cujo numero é incomparavelmente maior ao daquellas que se presumem de eruditas -- ficou sabendo que a Grecia fôra a patria das maravilhosas attitudes

esthetics. Bom foi que ellas o ficassem sabendo, mas pena é que os admiradores da Duncan se tenham contentado em saber tão pouco e continuem acreditando que as dansas foram a unica das gloriosas instituições hellenicis digna de ser transmittida á humanidade actual.

Do principio de autoridade

Em um destes dias de simulacro de cidade assediada, immersa no panico, com que nos surprehendeu uma epidemia de grippe, representada com a mais terrificante *mise-en-scène* no estylo *grand guignol*, encontrei na Avenida, apertado num funebre fraque preto e com uma palidez que tanto podia ser friorenta, como febril, o meu erudito amigo Simão Barata.

Depois de indagar da sua preciosa saude e de saber que elle descera á Avenida apenas para presenciar os aspectos medievaes de uma cidade peccadora, victima das coleras celestes, interpellei Simão Barata, com os enthusiasmos de uma victoria a que se associara o sangue da minha raça, ou, menos emphaticamente, o sangue da minha tribu.

-- Que diz o philosopho a este glorioso mez

de outubro, em que, na Europa, caem as folhas das arvores e os imperios?

O meu amigo encarou-me e sorriu, com aquelle seu sorriso que nunca ninguem soube quando traduz satisfação ou ironia.

— Sempre pensei como Voltaire, quando dizia a Mme. Deffand: «*J'aime encore mieux avoir des rentes sur la France que sur la Prusse*». O mez de outubro nunca foi propicio á ex-douta e ex-poderosa Allemanha. Ha cento e doze annos, neste mesmo mez de outubro, os vencedores de Iena e de Auerstadt entravam na capital da Prussia pela porta de Halle, cobertos de poeira e de gloria.

la contar-me como, vindo detrás das collinas de Tempelhof, onde acampara, o corpo de exercito do marechal Davout, levando á frente as bandas marciaes, as aguias, os tambores e os porta-machados, entrara em Berlim, no dia 25 de outubro de 1806, mas eu preferia ás lições de historia a opinião de Simão Barata sobre o desenlace épico e as consequencias moraes e politicas desta guerra de gigantes, em comparação da qual parecem brinquedos de criança as campanhas napoleonicas.

— Que mais sabemos, por ora, da guerra, além do seu desenvolvimento militar? Até hoje, quasi só possuímos a versão jornalística

da guerra. Quando se medita sobre a historia da Europa, vê-se que as tres quartas partes do seculo XIX foram governadas por tres unicos homens: Talleyrand, Metternich e Bismarck. Foram tres homens sem entranhas e sem escrupulos. Qualquer dos tres mereceu ter sido enforcado diversas vezes. Nas mãos diabolicas do primeiro, Napoleão, os imperadores da Austria e da Russia, o rei da Prussia, Luiz XVIII, Carlos X e Luiz Felipe, foram simples titeres. Metternich foi o estadista da astucia, como Bismarck foi o estadista da brutalidade. Todos tiveram os seus fantoches reaes, vestidos com sumptuosos mantos de herminia, que moviam por meio de invisiveis cordeis. Ignoramos ainda de quem o czar e o kaiser foram os titeres tragicos. A abdição está na logica da carreira semi-louca e semi-heroica do imperador. Mas não abdicará como Sylla, no apogeu do poder. *Finis coronat opus.*

Por que Simão Barata não escrevia para a *Revista Americana* ou para a *Revista do Brasil*, um artigo, um grande artigo, um sensacional artigo sobre a guerra?

Elle, então, parou, sacudiu a cabeça com um obstinado horror pela publicidade.

— Sempre invejei aos politicos o feliz privilegio de poderem (sem errarem na sua alta

missão e sem desacatarem os principios da sua arbitraria sciencia) dizer o que não sentem e occultar o que pensam. As proporções da sua gloria correspondem quasi sempre ás dessa capacidade de isolamento sentimental e dissimulação do pensamento. Dos sêres duplices se fizeram os grandes estadistas da velha escola. . . que ainda não foi substituida na pratica por uma escola nova. Se, como pretendem alguns philosophos, a superioridade suprema do homem consiste na necessidade de ser governado, quanto mais forte fôr o governo, mais perfeitamente se realiza a condição dessa superioridade humana, e seria desacreditar a autoridade do governo tornal-a intelligivel ás multidões. Basta que seja sensivel.

«Com o escriptor succede precisamente o contrario do que acontece com o politico. Refiro-me, bem entendido, ao que se esforça por exprimir com arte e subtileza elegantes, em bella e clara prosodia, numa polida linguagem, pensamentos judiciosos ou idéas originaes. O escriptor tem que viver do commercio das suas idéas. A sua gloria, grande ou mesquinha, mas sempre desconsoladora, mesmo quando não illusoria, tem de adquirir-se pela expansão (e não pelo retraimento) dos seus sentimentos. A discreção é uma vir-

tude politica, não literaria. A profissão do artista essa é, na ordem espiritual, qualquer coisa de parecido na ordem corporal com a cortesã. Ella atavia e embelleza o corpo para o seu mercado, como o artista embelleza e ornamenta para o publico as suas idéas. Ambos se dão ou se vendem. Aliás, sempre as grandes cortezãs, desde Aspasia, foram as amigas reverentes dos grandes artistas, nem este paralelo pôde humilhar os escriptores, pois qualquer theologo testemunhará que muitas cortezãs entraram no céu, e perderíamos o tempo procurando no *Flos Sanctorum* os nomes de Platão, Virgilio, Horacio ou Dante.

«Esta servidão de sinceridade em que está o escriptor é o calcanhar de Achilles da arte de escrever. Occasiões se offerecem para o escriptor em que dizer o que sente é tão perigoso como para o politico dizer o que pensa. Ha quatro annos que todas as pennas do universo occidental (pois que ha outro universo oriental), desde as mais illustres ás mais modestas, abdicaram da sua gloriosa autonomia, para servirem docilmente a politica e a patria. Se Anatole France escrevesse e publicasse agora *Les opinions de M. Jérôme Coignard*, seria lapidado, e todos podemos ter a certeza de que o phrenetico idealismo politico que esta guerra gerou nas suas fétidas entra-

nhas, fará ainda correr rios de lagrimas, de sangue e de tinta.

«A cada momento nos podemos certificar quanto a humanidade actual vive — ou morre — na incompreensão dos dolorosos acontecimentos que se desenrolam, ha quatro annos, no nosso pequeno planeta e que só serviram, talvez, para mostrar a formidavel resistencia do homem ao soffrimento, e o eterno prestigio da autoridade, exaltado neste barbaro choque de povos.

«De facto, foram alguns homens que, desta vez ainda, moveram milhões de homens, dispondo dos seus haveres e das suas vidas. No seu gabinete da *White House*, o presidente Wilson, com o simples aspecto de um pastor anglicano, é uma tão poderosa incarnação de força motriz como o homem de Potsdam sentado num throno, sob um docel de veludo, com um capacete de prata na cabeça. Mesmo viu-se o simples magistrado vencer e derrubar o *Imperator*.

«Um dos erros mais graves que a literatura da guerra poz em circulação consistiu em resuscitar a velha questão metaphysica do poder pessoal. Nunca o poder dimanou exclusivamente das energias do despota. Até nos mais vetustos regimens de absolutismo, como o Egypto dos Pharaós, vemos que da reli-

gião advieram aos tyrannos as condições favoráveis ao exercício do seu despotismo super-humano. Napoleão serviu-se da Revolução Franceza para dar ao grandioso desvario da sua ambição o aspecto de uma lucta entre as idéas revolucionarias e as autocracias europeas. As suas campanhas eram, realmente, a propaganda guerreira da Revolução. Por outro lado, todavia, na autocracia como na democracia ha sempre poder pessoal, pois que é sempre uma minoria minuscula de homens — e ás vezes um só homem — que põe em movimento as colossaes forças destruidoras ou constructoras das sociedades humanas. Cada convulsão politica é dominada por uma chimerica ou um interesse. Essa aspiração, ou seja a Reforma ou a Revolução Franceza, é creada ou dirigida por alguns homens. O poder não póde ser abstracto. Tem de ser incarnado. Nunca se viu numa perfeita democracia, desde a republica Atheniense até á republica Suissa, uma opinião popular, espontanea e unanime, improvizar uma orientação governativa. O que se vê nas mais exemplares democracias, como nos Estados Unidos, é um homem, com a cooperação subalterna de outros homens, crear um movimento de opinião nacional favoravel á pratica das idéas. Comparado a esse magistrado omnipotente, em que os Alliados

vêem um novo Demosthenes, o kaiser não passa de um instrumento passivo ao serviço de uma concepção politica archaica, intoleravel para o nosso raciocinio juridico, mas que, apesar de todos os seus monstruosos defeitos, produzira uma das mais prosperas civilizações contemporaneas. Sem duvida, esse feudalismo militar, esse despotismo de caserna, essa disciplina rigida atrophalara o sentimento, a belleza e a arte em toda a Allemanha. Para os allemães, o individuo era creado para o Estado, emquanto que para nós o Estado é — por uma radiosa miragem — creado para o individuo. A sua civilização era quasi toda materialista e precedida por um fetiche como as religiões dos selvagens. Isso, não impediu que essa Allemanha feudal e eriçada de baionetas contivesse o heroismo de Liebknecht, tão valeroso perante o Reichstag como Luthero na dieta de Worms... Demolindo o templo do ultimo Cesar, será para desejar que se preservem intactos os altares da autoridade, condição essencial da liberdade.

Chegado a este ponto da sua divagação, Barata calou-se. A reticencia desse silencio durou o tempo necessario para elle accender um cigarro de palha e abotoar o fraque.

A chuva recommencara a cair. Na avenida quasi deserta, de lojas fechadas, apenas os gru-

pos pacientes augmentavam ás portas das phar-macias.

Barata subiu a gola do fraque funebre.

— Você acredita que Londres, ou Paris, ou Berlim, ao fim de um anno da mais mortifera das guerras, apresentasse o aspecto de desolação desta brilhante capital, onde grassa, ha uma semana, uma epidemia de grippe? Não ha pão, não ha leite, não ha carne, não se encontra uma gallinha, e não ha remedios... Ahi tem você a imagem sinistra das consequencias de um colapso, embora instantaneo, no principio previdente da autoridade, que rege as sociedades humanas. Em grande escala, esse colapso produziria a anarchia e a fome. O homem só não é um animal inferior quando é governado. Acreditemos na palavra do philosopho, que vê na necessidade que tem o homem de ser governado a unica prova visivel da sua superioridade sobre os restantes sêres vivos.

Hamlet no cemiterio

Vêde, Horacio! Tapai o rosto com a capa... Conservai só os olhos descobertos para contemplarem o sinistro espectáculo... O fétido dos cadáveres entontece, tão certo é que, uma vez a alma desprendida do corpo, este mostra não ser senão materia putrida e repugnante!

Tinham os dois attingido um pequeno comoro e os seus vultos sombrios destacavam no palôr do crepusculo. Em frente, estendia-se um descampado onde turmas de penitenciarios, vigiados por soldados, abriam covas, removiam toscos caixões empilhados na terra. Nos ultimos planos do quadro tetrico, os monumentos funerarios da necropole alvejavam entre os ciprestes, coroados de cruces e de imagens emblematicas.

— Aproximemo-nos, Horacio. Dos vivos ha mais que reascar que dos mortos, se bem que o homem seja, por natureza, tão maligno

que mesmo depois de morto os seus restos empestam os ares e podem provocar devastações maleficas... Alguem duvidará de que tudo o que pára apodrece? Vêde a agua, que emquanto é viva e corrente, refrigera e vivifica. Immobilizai a agua e logo do paúl ou do pantano se exhalam miasmas deleterios.

Os dois vultos avançavam por entre os sepulchros, a passo lento, como se seguissem um funerio e invisivel cortejo.

Aquelle que até ali falara, apoiado ao braço do compamheiro, tinha a esbelta e senhoril elegancia de um principe, recoberto de vestes luctuosas. No rosto emaciado, emoldurado de cabellos louros, debaixo da sombra de um largo feltro negro, de pluma, seus olhos azues brilhavam com um fulgor febril. Um gibão preto, golpeado de veludo, vestia-o até aos joelhos. Do cinturão pendia-lhe uma espada de copos de taça. Um manto preto, traçado no peito, escondia-lhe o rosto até aos olhos.

O vento carregado de emanações pestilentas agitava os negros mantos e as plumas dos feltros.

— Senhor, paremos! O cheiro nauseabundo que exhalam tantos cadaveres insepultos não pôde ser supportado pelo olfato dos vivos...

Aquelle a quem Horacio tratava por senhor meneou a cabeça.

— E por quê? Se aquelle cheiro é o nosso! Nós havemos de cheirar assim, um dia! O espectáculo da morte é a melhor lição de humildade. Os homens soberbos deveriam ser forçados á contemplação dos mortos até se lhes dobrar a altivez! Já viste algum coveiro orgulhoso? Sabeis que o grande imperador Constantino tinha no seu quarto um esqueleto? Era um monarcha sapiente e magnanimo. Eu creio que esse esqueleto o inspirava nas suas leis sabias e equanimes! Para quem os sabe ouvir, os esqueletos são eloquentes como um Demosthenes ou um Cicero... Olhai, Horacio, aquelle coveiro occupado na mais estranha tarefa. Abre os caixões para tirar d'elles os seus proprietarios e, assim despojados daquella habitação estreita, derradeiro vestigio dos bens terrenos, os atira, como immundicie, para a valla... Os meus cabellos arripiam-se! E' talvez um doido. Aproximemo-nos...

Andaram os dois mais uns passo no descampado, acercando-se do homem vivo, occupado em enterrar os homens mortos. Ao lado da cova aberta no barro vermelho, como immensa chaga sanguinolenta, estavam pousados na herva doze caixões de madeira tosca, sem quaesquer emblemas que exprimissem piedade christã, e pelos largos intersticios das tabuas podiam ver-se os semblantes horrorosos dos defuntos. Outros

desses barbaros ataúdes estavam já vasilios. Com um lenço encarnado amarrado no rosto, que lhe preservava o nariz e a boca, o coveiro atirava para o fundo da valla pás de terra vermelha.

Aconchegando mais ás faces palidas os mantos negros, os dois pararam á beira da cova.

— Interrogai-o, Horacio. De tão absorvido na sua funebre tarefa, nem sequer deu pela nossa presença! Elle se imagina o unico vivo entre os mortos...

Horacio tocou-lhe com a mão no hombro.

— Boa tarde, bom homem!

O coveiro ergueu a cabeça e puxou o lenço vermelho para o queixo.

— Porque tiras os mortos dos seus pobres caixões para os enterraes? Não lhes pertencem as tumbas?

O coveiro cuspiu nas palmas das mãos, atirou uma pá de terra para cima de um cadaver de mulher, que parecia ainda espreitar o mundo (talvez um filho) com avidos olhos vitreos, de pupilas dilatadas.

— Por que os tiro do caixão? Porque o caixão não pertence ao morto... Porque um corpo, dentro do caixão, precisa de mais do dobro da terra e não chegaria um anno todo e todo o cemiterio para enterrar, cada um na sua cova, os mortos desta semana...

Hamlet disse ao ouvido de Horacio:

— Este coveiro, como todos os coveiros, tem a sua philosophia. Deixai-me falar com elle. . .

— Tens talvez razão no que dizes. Mas, não te parece falta de respeito pelos mortos o que fazes?

— Elles não se queixam.

E o coveiro, que abrira um dos caixões toscos de madeira, começou arrancando de dentro d'elle um corpo esquelético, vestido de andrajos.

Os dois, áquelle espectaculo, recuaram, apressados de horror, cobrindo os olhos com os mantos, até que, logo depois do baque do corpo na valla, se recommçou a ouvir o rumor da terra caindo sobre os restos humanos.

Hamlet descobriu, então, o rosto emaciado.

— Peça ao Altissimo que me reserve um coveiro mais misericordioso para com os meus restos do que tu!

— Pedi-lhe, antes, para não vos deixar morrer em tempo de epidemia. E que ganharieis em que vos enterrassem com lagrimas? O meu officio é enterrar os mortos e não choral-os.

— Ruim officio!

— E' melhor ser coveiro que carcereiro.

— Sim! Os teus presos não fogem. Quantos mortos estão sendo sepultados por dia?

— Os que é possível. . . Mas se me perguntais quantos mortos nos mandam para enterrar,

poderei responder-vos com mais acerto. Devem andar, nesta semana, por uns quinhentos por dia.

— Tendes mais trabalho, agora, para enterrar, do que as mulheres para dar á luz! E quantos coveiros são?

— Eramos oitenta e tres. Somos, hoje, perto de quatrocentos. A terra, por aqui, é um barro duro. Custa a cavar.

— O officio é duro como a terra. Onde foram encontrar os trezentos coveiros?

— Nas cadeias. Outros caçaram-os na rua. Hontem, um desses novos, fugiu, com berros que atroavam os ares. Estava louco. Este é um officio que requer pratica . . . E se quereis ver os condemnados, ide por esta rua... Lá ao fim...

O coveiro apontou com a mão terrosa e fétida, cobriu de novo o nariz e a boca com o sordido lenço encarnado e puxou para a beira da cova um pequenino caixão de criança, sobre o qual zumbia um enxame de moscas verdes.

— Tende saude! disse Hamlet, que luctava com o vento, embuçado no manto.

Os dois afastaram-se. A ventania erguia-lhes nas costas, como grandes azas negras, as capas luctuosas. A luz crepuscular invadia já a mansão da morte. Caminhavam ambos calados, e á medida que avançavam tornavam-se mais distin-

ctos os rumores de vozes, o ruído das enxadas e picaretas, o rodar de pesados veículos : toda uma actividade sinistra que alterava o habitual silencio das necropoles.

Subito, os dois estacaram, tremulos e boquiabertos, perante um aterrorizador espectaculo. De duas carroças cheias de defuntos, os improvisados coveiros, sob a vigilancia dos soldados, descarregavam os corpos. Havia já um montão de cadaveres de pestiferos sobre a terra, á beira de grandes vallas profundas. De ambos os lados, no campo mortuario, viam-se caixões dispersos e homens que cavavam sepulturas.

— Não recueis de medo ! Aproximemo-nos, embora com os cabellos em pé ! Sentis, como eu, dentro de vós, os ossos estremecerem nas carnes ? Covardia humana, que ainda não se habituou ao pavor da morte, depois de tantos milhares de annos que o Todo Poderoso creou a vida e a morte !

— Paremos, senhor ! Os mortos parecem olhar-nos ! Fugamos, meu senhor, destas paragens sinistras . . .

— Ainda um momento ! Deixai que minha alma se penetre de uma piedade que perdure a vida inteira. Deixai que a minha altivez de homem vivo se humilhe perante estes despojos ! Vêde Horacio ! Estes homens que acreditavam no poder da sua força, estes homens capazes de lu-

ctar com as feras, como elles são o pasto das moscas! Estas mulheres, que perderam metade da vida, mesmo as mais pobres, a embellezar-se, como a morte as faz aterradoras! Força humana, ao que ficais reduzida! Belleza humana, quão depressa te transmudas em repulsivas apparencias! Vêde, Horacio, o pavor que o homem morto causa ao homem vivo! E para se chegar a isto, quanta lucta, quanta miseria, quanta dor, quanta crueldade, quanta baixeza e quanta ignominia! Dizer-se que *isto* faz guerras: que *isto* intriga, calumnia, tortura o semelhante, que *isto* tem soberba e vaidade, inveja e ira!

—Fujamos, senhor! Já as lagrimas escorrem pelas vossas faces...

— Não é de horror, Horacio. E' de piedade, é de humildade, é de contricção!

E na noite que descia sobre o campo dos mortos, os dois vultos sombrios, com os mantos esvoaçando como azas negras, afastaram-se por entre as cruces, os mausoléos e os jazigos.

A victoria posthuma de Machiavelo

Na sua calorosa proclamação á colonia italiana, participando-lhe a realização surpreendente e vertiginosa do sonho da unidade patria pela annexação das provincias irridentas, o ministro da Italia, depois de citar Dante e Petrarca, invoca a figura grandiosamente dramatica de Machiavelo como uma das tres cariathides que sustentam, no limiar da Renascença, o portico imponente dessa aspiração historica.

A invocação, neste momento de illusionismo politico, do theorista genial do «Opusculo dei principati», confere direitos a um jornalista (cuja modesta profissão é jogar com idéas e palavras como os malabaristas de circo jogam com cutelos acerados e bolhas de sabão) para salientar quanto o triumpho retumbante da Italia, numa era contaminada pelas theorias as mais dissolventes, condiz, volvidos quatro seculos, com a

doutrina do tratado dedicado a Lourenço de Médicis pelo exilado de S. Cassiano, o antigo secretario da chancellaria da republica aristocratica de Florença.

O Machiavelo que o Sr. ministro da Italia invocou não é o monstro creado pela imaginação diffamatoria e pelo despeito colerico dos theologos do seculo XVI, defensores acerrimos do poder politico da Igreja, nem o tentador terrivel, conselheiro dos tyrannos, que o romantismo benevolente procurou puerilmente redimir de imaginarios e monstruosos erros, considerando-o o producto intellectual e moral de sinistros e corruptos tempos. Não é o Machiavelo do cardeal inglez Reginald Pole, que escrevia as maximas do «Principe» ditadas pelo diabo, o Machiavelo queimado em effigie na Baviera e cujas obras immortaes, interdictas pelo concilio de Trento, um benedictino aconselhava fossem encadernadas em pelle de serpente.

O Machiavelo invocado nesta hora radiosa do triumpho italiano é o theorista constructor de patrias, o conceptor do Estado, o autor da «Exhortação ao principe para libertar a Italia dos barbaros», que assim se intitula o ultimo titulo do famoso «Opusculo dei principati», que Paul de Saint Victor considerava um hymno digno de Tyrteu, reboando como um côro heroico de trombetas e de cujos accordes imponentes

se exhala a solemnidade fatal de um sacrificio propiciatorio para a salvação dos povos.

Os homens educados na corrente das idéas modernas, habituados a pesquisar e enfrentar a verdade, e que, dissipadas as fantasmagorias do passado, luctam contra as fantasmagorias do presente, comprehendem que a humanidade é devedora a Machiavello «de haver escripto o que o homem faz e não o que deveria fazer». Foi preciso um novo ambiente intellectual e a lição dos seculos para julgar com a exactidão que procede da investigação imparcial o politico florentino. Quando novamente a senda interrompida no campo das idéas reata os processos de Aristoteles e Polybo para nos permitir uma noção exacta dos phenomenos da vida social, Machiavello, agigantado pelo vituperio e diatribes de quatro seculos e submettido a uma anatomia critica, não é mais a esphinge enigmatica e não mais nos apparece, como a Montesquieu, um anachronismo, um genio tenebroso do mal, cinico e sem entranchas, admirador dos crimes transcendentales de Cesar Borgia, que manejava o punhal e os venenos como expedientes politicos. As suas doutrinas já não se mostram apenas destinadas a servir de norma ao despotismo do soberano em lucta contra o feudalismo e o municipalismo, mas o verdadeiro formulario para a organização do

Estado, o evangelho do poder e da autoridade com bases jurídicas, únicos alicerces sólidos das nações. D. João II, de Portugal, assassinando nos paços de Setúbal o duque de Vizeu e mandando decapitar em Évora o duque de Bragança, applicou uma politica analogá dos principios machiavelicos para a construcção do Estado, na sua lucta contra os poderes dos senhores e das cidades. Do mesmo modo procedeu Luiz XI. Mas Machiavelo não foi, apenas, o politico inexoravel do tenebroso seculo xv. De todas as vezes, ainda na época contemporanea, que um chefe de Estado se encontra nas condições de precisar de fortalecer o principio da autoridade para vencer a anarchia ou destruir germens de desaggregação, recorre á doutrina machiavelica, como fez no Brasil o marechal Floriano. Nenhuma prova mais concludente da persistente efficacia das theorias do secretario do Conselho dos Dez, de Florença, póde apresentar-se do que o remate, no seculo xx, da obra que elle genialmente concebera da unificação italiana.

Não espero que me advirtam de que Machiavelo não attingiu, na sua trilogia do «Tratado do Principe», dos «Commentarios ás Décadas de Tito Livio», e «A Arte da Guerra», as perspectivas de uma peninsula italica unificada em um poderoso Estado, mas esse resultado mara-

vilhoso cabe no desenvolvimento logico das suas formidaveis theorias. Os patriotas italianos do seculo XIX não fizeram outra coisa senão executar a doutrina machiavelica da integração do Estado forte. A entrada da Italia na guerra em maio de 1915, atravessando com os seus exercitos o Isonzo e conduzindo num primeiro impeto as suas forças até Monfalcone e ás regiões de Goritza e Gradisca, em ataque aos seus alliados da vespera, fez-se dentro das theorias classicas de Machiavelo, em obediencia aos inflexiveis interesses do Estado, sob a inspiração do sagrado egoismo da patria, em flagrante opposição ás doutrinas idealistas divulgadas pelo socialismo pacifista e ás theorias economicas da escola de Norman Angell.

Quando se proclamava a incapacidade da guerra para resolver os pleitos das nações e realizar as suas aspirações tradicionaes, os principios machiavelicos, applicados pela Italia, dão-lhe a posse dos territorios reivindicados e o dominio do Adriatico.

Certamente, isto não invalida a exactidão da doutrina angelliana nem desmorona as esperanças generosas dos nobres sonhadores da concordia universal, mas demonstra a solidez resistente dos raciocinios profundos de Machiavelo, offerecendo-nos um exemplo triumphante da sua applicação.

A doutrina machiavelica toda ella tende á organização do Estado pela constituição de um poder effectivo e dominador, sobrepondo-se á concurrencia de outros poderes, que o debilitem. Machiavello tinha diante d'elle a Italia do Renascimento, pulverizada em dominios feudaes e submettida á concepção moral e theologica da Igreja. O seu objectivo era libertar a península italica do jugo conflictuoso dos pequenos principes e da influencia anti-juridica da Curia: ideaes que só foram completamente attingidos no seculo XIX. E' verdade que elle se preoccupa pouco com os direitos do povo, que hoje constituem o thema de toda a rhetorica politica dos *bourreurs de crânes*, mas como penetrantemente constatou Orestes Ferrara, a abstracção Povo só se tornou possivel depois de fundado e consolidado o Estado. Seria nada menos que sobrehumano que Machiavello, depois de genialmente haver exposto a theoria politica do Estado, houvesse, no limiar do seculo XVI, previsto os longinquos phenomenos que sobreviriam pela acção das reivindicações sociaes e das evolutivas concepções juridicas dentro do organismo desse mesmo Estado, como a revolução franceza e o communismo russo.

Tal facto não imprime um character anachronico á concepção machiavelica, applicavel á necessidade primordial do periodo historico seu

contemporaneo e que reclamava a integração do Estado com uma base juridica. Só dois seculos depois principiou a cuidar-se da organização defensiva da Liberdade, e isso não impediu que a substancia doutrinaria do «Opusculo dei Principati», chamado o codigo dos tyrannos, tenha perdurado até aos nossos dias. A actual guerra restabeleceu até certo ponto a autoridade attribuida ao Principe por Machiavello. Os poderes que assumiram nos nossos dias um Clemenceau e um Lloyd George, embora disfarçados por formas democraticas, são na realidade os fortes, efficazes e salutarees poderes do Principe, taes como os entendia Machiavello, incarnações da verdadeira e summa autoridade.

Machiavello, longe de ser o homem do seu tempo, é, devéras, um precursor. A sua moral e os seus sentimentos são vetustos e proprios da sua época impiedosa. Convenho em que os processos que elle preconiza são obsoletos e barbaros. Mas as suas theorias não foram reduzidas ao estado de cadaveres no decurso de quatro seculos. A crueldade aterrorizadora e a violencia tyrannica dos meios aconselhados para attingir os altos fins politicos, essas, sim, apresentam o estigma da época. Todavia, o que tem importancia não é a bainha onde se guarda a espada, mas a lamina que ella encerra.

Por que havemos de vêr em Machiavelo um apologista irreductivel da tyrannia? Elle appellava para o unico instrumento efficaz de transformação politica, no seu tempo: o principe. O que o interessa são os fins a attingir. Machiavelo não é um cultor de chimeras e não se entretém com utopias. E' um espirito pratico, racionalista e amante da verdade, como o romano e o grego, que concebeu e redigiu maximas politicas com o mesmo desassombro com que Miguel Angelo pintou nas abobodas de S. Pedro as suas figuras gigantescas. Para os pensadores e politicos do nosso tempo, curados do sentimentalismo ideologo, grandeza patria e machiavelismo tornaram-se quasi synonymos. Machiavelo considera que os governos fortes são os penhores das nações livres e deplora a fraca e retalhada Italia, que se degladia e debilita em vãs disputas. Pela segurança e rigor dos seus principios, Machiavelo é o politico, não só da pequena Florença e da conflictuosa Italia da Renascença, como o politico de todos os tempos e de todas as nações.

Nas democracias contemporaneas, como nos antigos imperios, existem os discipulos militantes, (embora tambem de Tartufo) do theorista florentino. A astucia regula-se ainda pelo seu codigo e todos os dias o menos penetrante observador pode assistir ás machinações dos

profissionais da politica e ao tecer das suas cónicas intrigas.

Precursor do movimento constructivo italiano, que, desde 1821, vem cumprindo na Italia o seu cyclo, agora encerrado, os edificadores do Estado italiano invocaram frequentemente a sua dramatica sombra tutelar na lucta contra o estrangeiro dominador. Machiavello foi posto nos altares revolucionarios. O mesmo aconteceu a Pombal, que foi o maior sustentaculo do absolutismo real e um discipulo militante de Machiavello (não só na doutrina como tambem nos processos) e a quem os republicanos portuguezes votaram um monumento apotheotico.

Singular destino o deste grande Machiavello, tão digno de meditar-se como a sua obra, onde resplandece o rutilante espirito greco-latino! Os contemporaneos deixam-n'o vegetar no ostracismo, degradando o seu genio nas tavernas, bebendo e jogando com os vagabundos; os Médicis, por muito tempo, desdenham dos seus talentos formidaveis, a posteridade conspurca-o de anathemas e assignala-o como um monstro. O pedestal que o ergue da obscuridade é um pelourinho. O seculo XVI, dominado pela igreja, excommungou-o como materialista. O seculo XVII, presidido pela reacção do espirito critico, viu apenas nelle o apologista do despotismo. O seculo XVIII, anarchisado pelo idealismo das

reivindicações populares, execrou-o pela impassibilidade com que assistira á subversão das liberdades populares por occasião do regresso triumphante dos Médicis a Florença. Como podia elle imaginar, quando modestamente atravessava com a sua samarra preta a ponte Vecchi, a caminho da cancellaria, que viria a ser, um dia, o conselheiro dos dominadores do mundo ! Como poderia elle prevêr, quando acamara dava com a ralé nas espeluncas de S. Casiano, que os imperadores, os reis e os chancelleres dormiriam com as suas obras á cabeceira do leito ! Como poderia elle suspeitar, quando, finalmente reconciliado com os poderosos, o papa o encarrega da organização de um exercito na liga formada contra Carlos v, que o dia chegaria, volvidos quatro seculos, em que a Italia, organizada num estado conforme as suas doutrinas, venceria o descendente de Carlos v e em que os restos ainda grandiosos do Sacro Imperio ruiam, desmoronados, aos pés dos povos italianos ! Quem lhe teria podido prophetizar que em pleno dominio da desmoralização da guerra e da força para resolver as pendencias historicas e as aspirações dos povos, a Italia rehabilitaria a guerra, realizando com a victoria, nos precisos termos da theoria machiavelica, a sua suprema e secular aspiração ! Com razão póde dizer-se que, ao fim de quatro se-

culos, o Principe, ouvindo a exhortação de Machiavello, seguindo á risca os seus conselhos, guiando-se pelos interesses sagrados do Estado e pelo fecundo egoismo da patria, libertou virilmente a Italia dos barbaros, seus alliados da vespera !

A grande illusão

Pouco antes que o vulcão militar da Allema-
nha entrasse em irrupção, sepultando sob as
lavas, quaes outras Herculano e Pompéa, as
cidades francezas e belgas, um pensador bri-
tannico, Norman Angell, publicava um pequeno
livro para demonstrar *urbi et orbi*, com irrefu-
taveis argumentos, que no estado actual da so-
ciedade moderna uma guerra seria para todas
as nações que a tentassem uma operação pre-
judicial e até ruínosa, e que mesmo para os
vencedores uma campanha guerreira não pode-
ria trazer quaesquer vantagens ou recompen-
sas.

Vindo a lume, por uma ironia do destino,
quarenta e oito mezes, apenas, antes do defla-
gramento do maior conflicto armado que jámais
houve na terra e em que pelejaram os peque-
nos e irrequietos habitantes do planeta, inven-
tores das nações, o breve mas succulento livro

de Norman Angell foi recebido nos meios políticos europeus com estrepitosos applausos. Os jornaes de todos os partidos, acudindo á celeuma dos socialistas, que ovacionavam o novo S. Jorge pelo golpe mortal que desferira no collo do Dragão da guerra, dedicaram-lhe innumeraveis e laudatorios artigos. Os eruditos collaboradores das cincoenta «Revistas dos Dois Mundos», que sob diversos nomes e em diversos idiomas se publicam na Europa, apoderaram-se do thema do sociologo britannico e serviram-no aos leitores analysado ao microscopio, interpretado em todas as suas subtilezas e commentado em todas as modalidades da sua doutrina. A «Grande Illusão» foi citada nos debates palamentares, collocada em victorioso confronto com a volumosa obra sentimental e chimerica dos pacifistas idéologos, apontada ao mundo como um novo Evangelho. Jaurés, regressando de Inglaterra, mencionava num dos seus discursões o successo ruidoso que a obra de Norman Angell estava obtendo do lado de lá da Mancha, onde nos *meetings* laboristas, como nos salões dos grandes clubs de Piccadilly, em Oxford e Cambridge como em Westminster, vehemente se discutia e unanimemente se applaudia a obra do novo Swift.

Jaurés não exaggerava, apesar de seu magnifico talento de ampliação rhetorica. A fleumatica

Inglaterra, onde a celebridade — a não ser para os artistas de *music-hall* — é tão lenta e custosa, erguera nos escudos da fama o, ainda na vespera desconhecido, autor da «Grande Ilusão». O rei Eduardo, que tinha a bonhomia peculiar aos espiritos scepticos e professava, como um epicurista, o mais nobre horror pela violencia, fóra o primeiro a elogiar e a assignalar o livro aos seus ministros e aos seus amigos intimos. Quem conhece a superstição tradicionalista do inglez, esse pode imaginar o fervor de admiração com que o leitor britannico travou conhecimento com as idéas de um escriptor recommendado pelo soberano. Logo se disse que nos dominios da economia politica a «Grande Ilusão» constituia um acontecimento equivalente ao representado no campo da sciencia biologica pela «Origem das Species», de Darwin. Norman Angell, ao mesmo tempo que demolia os dogmas do truculento militarismo, mostrava a vacuidade e puerilidade da propaganda pacifista, toda em contradição com as verdades elementares. Desprezando a escolastica pedante dos rhetores e desdenhando da metaphysica dos humanitaristas, elle tratava o problema da paz e da guerra frente a frente, no terreno do interesse, como um negocio. Este formidavel derrubador de preconceitos usava, como martelo, o bom-senso. Isto conciliou-lhe

o respeito do inglez, que sempre nutriu uma irascivel desconfiança pelos iconoclastas. O *Daily Chronicle*, no auge do entusiasmo, declarava não existir de momento, na Europa mais vantajosa applicação para uma moeda de *half-a-crown*, do que a da aquisição da obra de Angell. Pelo menos na Inglaterra, não se pode ir mais longe no elogio e no entusiasmo. O obscuro pensador via-se, de um dia para outro, comparado a Cobden e a Swift, meditado pelos reis e pelos estadistas; e como tinha a fortuna de pertencer á sensata raça anglo-saxonia, não conheceu o desgosto, a que não conseguiria esquivar-se, se tivesse nascido em outros paizes nossos conhecidos, de se ver injuriado e tratado de imbecil por um qualquer jornalista avido de popularidade — e só isso faltou á solidez da sua gloria, tal como nós entendemos uma authentica gloria literaria.

Não foi apenas nos paizes anglo-saxonios e latinos, que a these de Norman Angell resistiu victoriosamente ás mais severas analyses. Professores das universidades allemãs e membros do Reichstag declararam com aquelle tom dogmatico proprio da pesada raça germanica, tão ciosa da sua sapiencia, que as verdades enunciadas pelo publicista britannico eram incontradictaveis e estabeleciam a doutrina basica de uma futura politica internacional. O profes-

sor Karl von Bar confessava-se em perfeito accordo com os dois pontos fundamentaes da «Grande Illusão», a saber: 1.º, que no estado presente da organização social, a tentativa de destruir o commercio e a industria de uma nação custaria ao vencedor tão avultados senão maiores prejuizos do que ao vencido; 2.º, que a força physica é, nas pendencias humanas, um factor em progressivo declinio. O membro do Reichstag, Dr. Otto Mugdan, foi de opinião que a demonstração do sociologo inglez era peremptoria no que concerna a «futilidade economica das conquistas». Pelo que respeita aos dominios coloniaes, Bismarck antecipara-se ao escriptor inglez quando advertira ao povo allemão de que uma colonia não valia o dedo minino de um granadeiro da Pomerania e quando sentenceara, ante o afan colonizador francez na Africa, que nenhum mal adviria de que o gallo franco esgravatasse as areias africanas.

Poderíamos multiplicar as transcripções e referencias, colhidas no prefacio da ultima edição ingleza da «Grande Illusão» e que demonstram a unanimidade da opinião critica universal sobre a theoria sustentada com tão admiravel nitidez expositiva pelo magistral argumentador britannico. Em synthese, essa theoria, solidamente architectada sobre os phenomenos economicos — unicos de natureza universal e pre-

valescentes em toda a mecanica social — demonstra a falsidade do axioma mundialmente aceite como veridico pelos politicos, tanto na Allemanha de Clausewitz, como na Inglaterra de Harrison, como nos Estados Unidos do almirante Mahan, e segundo o qual a estabilidade financeira e industrial, a prosperidade e o bem-estar de uma nação, emfim, dependem da sua força defensiva contra as aggressões de outras nações, que, no caso de se lhes deparar a oportunidade, experimentarão commetter essa aggressão na crença de verem augmentado o seu poder e, consequentemente, a sua prosperidade, á custa do paiz vencido.

Não poderia ser-me attribuida a intenção pueril de condensar, *ad usum delphini*, o que já é um prodigio de condensação doutrinaria; tanto mais tratando-se de uma obra que nenhum homem culto tem o direito de ignorar, de tal maneira ella se universalizou e tornou accessivel em multiplas edições de vulgarização.

Invocando a obra de Norman Angell, pretendendo apenas constatar que o conflicto europeu se produziu em pleno e universal dominio das theorias anglo-saxonias, germanicas e latinas, cuja falsidade o escriptor inglez demonstrara com o applauso quasi uniforme dos politicos, sociologos e economistas europeus, o que vem

provar que a força dos preconceitos accumulados é superior á da razão, mesmo em pleitos onde se chocam os mais formidaveis interesses materiaes, tão certo parece ser que a corrente impetuosa e avassaladora das formulas em que se vasaram as doutrinas politicas da força, por analogia com as leis biologicas da lucta, submerge quaesquer resistencias que lhe opponham a consciencia humana, illuminada pelas luzes regeneradoras da verdade, e onde se mostra que o mais sanguinolento prelio internacional foi presidido pela potencia indomavel dos habitos e dos instinctos e não pela intelligencia, de que o homem se affirma tão legitimamente orgulhoso.

Um dos ensinamentos que se colhem na obra de Angell é a prova documentada da universalização do preconceito da força como garantia da estabilidade, preservação e prosperidade das nações, e ainda actualmente o verificamos no Brasil, pois não só essa doutrina classica serviu de fulcro á politica do barão do Rio Branco, como é nella que se apoiam os propagandistas da expansão do poder militar e naval brasileiro, como essencial expressão da sua personalidade politica no concerto das nações e em harmonia com a sua grandeza territorial e as suas aspirações no porvir.

O major do exercito britannico, Stewart

Murray, no seu livro *Future Peace of the Anglo-Saxons*, exprimindo as opiniões correntes nas altas esferas políticas e militares da Europa, antes da guerra, escreveu estas palavras elucidativas, que podiam ser subscriptas por qualquer dos philosophos allemães, que educaram no culto da força a mentalidade germanica: «O principio admittido na pratica pelos homens de Estado, se bem que elles o não confessem abertamente, foi enunciado com brutal franqueza por Machiavelo: «Um principe prudente não deve cumprir a sua palavra quando ella se mostrar contraria aos seus interesses, nem quando deixaram de subsistir as razões que o levaram a tomar taes compromissos». O principe de Bismarck disse pouco mais ou menos a mesma coisa, embora com menor brutalidade. É no cesto dos papeis que acabam por cair os tratados, e uma coisa que, em um dado momento, pode ser deitada ao cesto dos papeis, não cõstitue senão uma fragilima salvaguarda á nossa segurança nacional. Ha, entretanto, grande numero dos nossos concidadãos que falam dos tratados como se estivessem certos de que nunca poderão ser rasgados. Estes homens, dignos de elogio, mas perigosissimos, são idealistas demasiado bons e demasiado innocentes para um mundo duro e cruel, onde a força é a primeira das leis. E,

todavia, existem desses homens, actualmente, no Parlamento britannico. Esperemos que elles de lá desapareçam num futuro proximo!»

Foi contra essas iniquas, immoraes e universaes idéas que Norman Angell se bateu, e a derrota da potencia allemã, posta em confronto com a gloria da pequena Belgica, parece confirmar a sua benemerita demonstração ácerca da decadencia da força como factor preponderante na victoria dos povos. Foi a politica das allianças, que, em ultima analyse, tornou possivel a mais demente das guerras, e essa politica era toda baseada no equilibrio de forças.

Se as theorias incontraditaveis de Norman Angell não impediram esta guerra esteril e ruinosa, haverá logar para suppor que ellas evidenciarão a sua veracidade rigorosa nas consequencias *post-bellum*? que os principios formulados pelo analysta britannico serão applicados na liquidação da contenda gigantesca, que assim ficaria constituindo o maior dos erros politicos, dissipando, finalmente, a grande illusão em que até agora viveram os povos fortes, martyres da sua propria força...?»

A guerra dos imponderaveis

Com inconsolavel magoa fui testemunha ocasional do incidente occorrido numa casa de chá da Avenida e que levou ao hospital, com uma fractura no craneo, o erudito publicista, traductor dos «Ensaio», de Macauley, e commentador penetratissimo de Emmerson, Dr. Simão Heliodoro da Silva Barata, conhecido no mundo bellicoso das letras pela abreviatura de Simão Barata. Verifico com allivio que o deploravel incidente, de que saíram quebradas algumas chavenaês, uma bengala e uma cabeça, não teve a repercussão que eu receiava, dado o valor mental dessa cabeça.

Simão Barata é, com todos os seus exotismos, uma individualidade superior. D'ahi a sua impopularidade, Os jornaes raramente publicam um artigo de Barata. Aliás, esses artigos tem o condão magnifico de desagradarem. O leitor de jornal prefere sempre o escriptor que lhe inter-

preta as opiniões ao que procura impor-lhe as suas opiniões pessoaes. Simão Barata, servido por infallivel instincto psychologico, sabe que o caminho mais rapido para o applauso dos cenaculos e para a admiração elementar das multidões é a escravidão ao logar comunum: unica que conduz o escravo aos mais altos destinos. Vivendo pobre, sem ambições e com um guarda-roupa modesto, desprezando a opinião aphoristica de Oscar Wilde, o radioso «King of Life», de que «um homem bem vestido tem sempre genio», sem nunca se afastar do mais indulgente desdem pelos seus semelhantes, convivendo quasi exclusivamente com as suas idéas, Simão Barata nunca molhou a sua orgulhosa penna no tinteiro para escrever o nome de um inimigo. Altivo erro! Quando se tem inimigos, é da maior conveniencia exploral-os em nosso proveito. O odio literario actua como um jacto estridente de holophote. O elogio póde, ás vezes, não dissipar a obscuridade que envolve um nome. O odio é expansivo. Simão Barata não pôde, sequer, explorar o odio fecundo dos seus inimigos. Era odiado e invejado silenciosamente. A sombra que sempre occultou o seu talento velou tambem, agora, o seu injusto infortunio.

E' facil de comprehender como Simão Barata, obstinado em servir a frugal verdade a homens famintos de illusão, devoradores sofregos de

miragens, nutridos de mentiras e de utopias, tivesse podido, numa hora de electrizantes exaltações, em que os logares communs assumem o imperativo categorico de dogmas, determinar os protestos de alguns exaltados patriotas.

Vejamos cautelosamente de que natureza eram as opiniões que valeram a Simão Barata uma contundente bengalada no parietal esquerdo. Ignoro os antecedentes da conversa em que o encontrei empenhado no momento em que occupei uma das mesas ao lado daquella em que o erudito publicista expunha a um jornalista intrepidamente illetrado as suas theorias, que revelavam mais do que imprudente desprezo pela opinião publica, a innocencia de um idéologo.

Percebi que, das mesas contiguas, se escutava com indissimulada éstranheza a prelecção audaciosa daquelle homem rachitico, muito embora nessas theorias nada houvesse capaz de suscitar protestos e inspirar animosidade a uma pessoa sensafa. Barata entretinha-se a fazer a reabilitação da força, negando que tivesse sido a força que saíra vencida na guerra, mas, pelo contrario, uma Allemanha exhausta, com as entranhas carcomidas pela fome e á qual os pangermanistas não podiam mais inocular o oleo camphorado da esperanza na victoria.

-- Foi a força da intelligencia que venceu a myopia dos politicos germanicos — dizia Simão

Barata. Foi a força fecunda do dinheiro e do alimento que venceu a Allemanha arruinada e famelica. Foi a força dos exercitos do forte Foch que venceu a força debilitada dos exercitos do esgotado Ludendorff. Enquanto a força pesou para o lado allemão na balança da guerra, a Allemanha venceu as batalhas e avassalou os povos, desamparada do Direito e da Justiça. Foi necessario fortificar a Justiça e o Direito, armal-os de ponto em branco, para que, por sua vez, triumphassem da Iniquidade. Desmoralizar a força é um perigo maior do que endeusal-a. Não desaprendamos a lição da guerra. Venere-mos a força. Ella governa o mundo. Que diabo querem vocês pôr no lugar da força? Cada dia espero ver um bonifrate pacifista exhibir o leonino Foch como um cordeiro. Reconheço que um cordeiro é um animal sympathico, mas destinado a ser comido pelo lobo e pelo seu irmão homem. Tudo o que vive é força em movimento. Essa energia debilita-se, repara-se e desloca-se incessantemente. A Allemanha foi vencida depois que esgotou os seus reservatorios de força e quando os alliados, sommando á força da França e da Inglaterra as forças intactas, ple-toricas e irresistiveis dos Estados Unidos, pas-saram do equilibrio á preponderancia. Você de-véras acredita que a força não proseguirá a sua missão através dos periodos longos e mesmo

interminaveis da paz e que a Allemanha não restaurará as suas forças e não as applicará com o mesmo methodo á lucta das supremacias no trabalho? A' vista da enormidade das indemnizações que se calcula serão exigidas á Allemanha, já se diz nos jornaes que a Allemanha vegetará na miseria durante um seculo. E' preciso não conhecer as leis economicas para asseverar taes absurdos. O prejuizo que essa miseria causaria aos alliados seria tão descommunal, que os economistas e financeiros inglezes, americanos e francezes protestariam contra a applicação da pena ruinosa. Se as indemnizações reclamadas pelos alliados não fossem destinadas a restaurar as fontes economicas destruidas pela furia assoladora dos exercitos, e, por consequencia, absorvidas na economia universal, constituiriam um prejuizo talvez maior ao da propria guerra. Os dez mil milhões de dollars que a Allemanha terá de pagar não enriquecerão os alliados, nem são exigidos como indemnização ás despesas propriamente da guerra, mas designadamente applicaveis á reparação das forças economicas desaparecidas, com o que tambem lucrará a população allemã. A guerra franco-prussiana de 1870 revelou com surprehendente clareza os phenomenos mais assombrosos e até ahi reconditos das leis economicas, que anteciparam a convalescença finan-

ceira do paiz vencido sobre o paiz vencedor. Vinte mezes depois do pagamento da ultima prestação dos cinco biliões de francos do tributo de guerra, a taxa do desconto era mais elevada em Berlim do que em Paris. No anno de 1876, o commercio e a industria allemães encontravam-se em condições tão precarias que dezenas de milhares de operarios vagueavam nas ruas sem trabalho, sendo necessario, para acudir á miseria proletaria, que o governo estabelecesse sopas communaes. Se a victoria de 1870 não enriqueceu a Allemanha, em compensação a derrota de 1918, máo grado a indemnização formidavel, a enriquecerá, não tenha você duvidas, pois que vai allivial-a das despezas collossaes da manutenção do exercito e porque vai desviar para o trabalho productivo as centenas de milhares de actividades esterilizadas nas casernas, e porque sempre será muito mais facil desarmar a Allemanha vencida do que os alliados victoriosos. Se você applicar a theoria das forças indestructiveis da natureza ao problema social creado pela derrota do imperialismo allemão, poderá entrever a difusão de prosperidade que essa derrota trará aos povos vencidos e condemnados a um pacifismo reparador . . . , digamos mesmo, ameaçador ! E' preciso tambem contar com a solidariedade universal do operariado, a menos que você ignore

que a maior força nascida do mundo moderno é o socialismo, de onde póde concluir-se que a Allemanha, organizando-se em uma democracia socialista, obtem, *ipso facto*, allianças poderosas nos proprios povos que luctaram heroicamente contra ella. . .

Foi nesta altura da prelecção de Barata que os primeiros protestos surgiram das mesas mais proximas. Outro, menos innocente, haveria desistido de continuar. Elle, porém, diante do jornalista estupefacto e em meio dos sussurros de protesto, continuava falando, como um revolucionario declamando idéas numa barricada, entre o sibilar das balas.

— Você pensa, então, que se exterminam as Carthagos de hoje como no tempo romano, quando já Scipião chorava sobre as ruinas, que eram o pedestal da sua gloria? O mundo caminhou depois do grande Scipião e comprehendeu, finalmente, a razão das suas lagrimas. Os alliaados não venceram a guerra para conspurcarem a força com que a ganharam. A força continuará governando o mundo. Os alliaados vão applical-a no trabalho, que é a lucta permanente, e é no trabalho que a Allemanha vai restaurar as suas forças combalidas. A guerra proseguirá, podendo dizer-se que já recommçou, pois não ha no mundo uma pausa na lucta dos homens pela vida, e a paz não impedirá que

morrão todos os sobreviventes da guerra, destruídos pelo tempo, inflexível devorador dos fracos e eterno restaurador das forças da natureza. A esta guerra de exercitos lentamente organizados ou nascidos de improvizações estu- pendas, dotados com prodigios de mecanica, para os quaes trabalhavam, num desafio de ge- nio destructivo, como os cyclones nas forjas do Vulcano, os engenheiros e os chimicos, suc- cederá uma guerra desarmada: a guerra dos imponderaveis, a guerra vivificadora em que tropejarão as bigornas nas fundições e arsenaes, em que echoarão as picaretas nas galerias das minas, em que zumbirão, como cardumes de aéroplanos, os milhões de teares, a grande guerra da industria e do commercio, a grande lucta do cerebro e do musculo, o gigantesco desafio da intelligencia, da tenacidade e da am- bição humanas! E tão certo é que não se podem amputar da solidariedade dos interesses huma- nos sessenta milhões de homens, que já agora, quando ainda não acabámos de amaldiçoar o povo allemão, já os estadistas alliados pensam, acima de tudo, em dar-lhe pão, em preservá-lo da anarchia e em salvá-lo!

Barata não pôde proseguir. Um inimigo da Força, que elle, o rachitico Barata, reveren- ciava, avançou para o philosopho, num paro- xismo de furia allucinada, e sobre a cabeça do

pensador descarregou uma, duas, tres bengaladas vingadoras.

Tivemos que arrancar-lhe das mãos exasperadas Simão Barata, escorrendo sangue. Reboavam as acclamações ao aggressor. Ainda tremulo de colera, muito palido, elle gozava o seu triumpho, e já vozes exaltadas exigiam da orchestra que tocasse a *Marselheza*...

Como seria possivel convencer aquelle heroe do patriotismo de que, justamente, as palavras que elle punira eram a apotheose super-idealista da victoria fecunda e generosa dos allia-dos, concorrendo sob a disciplina das incoerciveis leis da lucta pela vida para o congraçamento da humanidade, toda ella submittida ao mesmo destino de ganhar o seu pão com o suor do seu rosto?

O meu amigo anarchista

Tal como o eminente philologo e humanista Mr. de Bergeret, nunca desperdicei o ensejo de instruir a minha ignorancia ouvindo a opinião do operario, convicto de que elle é a cellula de uma força reorganizadora — outros dizem convulsionadora — das senis sociedades humanas, contemporaneas das mais velhas ruinas. A essa força acredito estar reservada uma grandissima, se bem que ainda obscura, missão sobre a terra. Parece-me, por menos que nisso pense, que a organização social pouco adiantou desde o legislador romano. Vivemos e prosperamos dirigidos pelos mortos e acabamos de assistir a uma catastrophe gigantesca, toda ella dominada e deflagrada por concepções ancestraes. Por aqui se vê que não é tão inoffensivo, como á primeira vista se afigura, ser governado pelos mortos, muito embora es-

te regimen offereça a vantagem consideravel da estabilidade. Os mortos são a unica coisa invariavel. A volubildade humana, eis um defeito que não podemos attribuir aos mortos. Todavia, uma tão previdente subordinação a seculares e milenarias doutrinas quasi immutaveis, não pode evitar grandes metamorphoses nas condições em que se realiza a existencia das commuidades humanas. A' força armada e classica, chamada o exercito, á qual se devem as principaes conquistas da nossa velha civilização, é inevitavel que succederá, com o andar dos tempos, uma outra força em progressivo desenvolvimento, e por ventura muito mais ameaçadora, porque não é recrutada, equipada e utilizada pelo Estado. Esta força popular não póde confundir-se com essa outra potencia, denominada o Povo, que se tornou consciente no fim do seculo XVIII. A Revolução Franceza foi a expressão politica da soberania popular. A Revolução Social é a sua expressão economica. Então, o povo reclamava direitos. Hoje, exige lucros. A' abstracção juridica das regalias substituiu-se um realismo utilitario. Comprehende-se. A civilização contemporanea é essencialmente dominada pelos factores economicos. Os juristas ainda parecem governal-a, mas o facto delles pleitearem, através dos seculos e das revoluções, as mes-

mas causas e os mesmos principios, basta para desacredital-os, ou, pelo menos, para diminuir o seu prestigio. A civilização, que durante longas éras se norteou no sentido juridico, que era o da Liberdade e dos Direitos, hoje, que essa concepção da Liberdade começa a dilatar-se para além dos limites quasi invariaveis dessas leis e desses direitos e os quebra por por sua acção expansiva, exerce-se no sentido do bem estar material.

O mundo moderno, depois do desenvolvimento das industrias e dos meios de communição, agglomerou tantas riquezas, que já não ha meio de escondel-as e conserval-as ignoradas dos desfavorecidos da fortuna, nem já os actuaes Pharaós podem fazer construir por escravos, sob o estimulo sibilante do azorrague, as suas pyramides.

As riquezas phenomenaes do seculo XX revelaram-se por todas as fórmãs: na alimentação, no vestuario, na habitação e na accessibilidade dos prazeres da vida. As cidades, com seus parques, jardins, avenidas, museus e theatros, habituaram os pobres ao gozo de confortos que lhes desenvolveram a aspiração de prolongal-os da vida publica até á existencia domestica. As necessidades de uma civilização onde os aspectos materiaes occupam tão preponderante logar exigem, em progressão inau-

dita, a multiplicação dos operarios. A civilização moderna creou o proletariado e não póde viver sem elle. Foi o trabalho do operario que agglomerou a colossal riqueza do mundo contemporaneo. Ora, se o Estado póde evitar os perigos do militarismo pela reduccão ou extincção do exercito, a civilização não póde evitar o perigo socialista pelo licenciamento dos operarios. Materia prima da civilização, o operario aspira a beneficiar intensamente della. Concorrendo para a sua existencia, elle exige um quinhão de propriedade sobre o que considera a sua obra.

Indiscutivelmente, as classes operarias sustentam uma causa, que terá, qualquer dia, uma solução favoravel. Mas como entende o operario alcançal-a? Sobre este ponto essencial não me parece que elle tenha encontrado o processo racional e efficaz. Para me elucidar e instruir — não sobre seus objectivos, mas sobre o seu systema, — nunca deixo de interrogar, sempre que posso, o proletario. Confesso, porém, que pouco, muito pouco, tenho adiantado na minha instrucção por este processo. Esta decepção induziu-me a suppor que a burguezia intellectual está muito mais ao par dos problemas proletarios do que o proprio proletariado, e até a imaginar, por multiplos indicios, que a causa operaria se encontra muito mais proxima

de solução na intelligencia burgueza do que no fanatismo proletario.

Devo confessar que os operarios com quem me tenho entretido sobre estes assumptos não são precisamente os que conhecem de cór a doutrida marxista e os philosophos da anarchia, tão semelhantes aos inexoraveis philosophos allemães da guerra. Esses poucos adiantaram á minha curiosidade com a repetição oral de doutrinas que conheço por escripto. Escolho, de preferencia, aquelles operarios que, guiados por um simples instincto de justiça social, são os guerreiros militantes da legião proletaria, e capazes de saberem, em razão dos sacrificios que fazem pela sua causa, o que della esperam.

Theodorico Moraes é um desses heroes humildes da causa socialista, com o fanatismo antigo de um Sovanarola, capaz de affrontar a fogueira. Operario electricista, Moraes é um chefe de familia exemplar, cujas virtudes e habilidade pude apreciar desde que o encarregaram de uma instalação electrica em minha casa. Emquanto elle collocava os fuziveis, os isoladores e os interruptores e desenrolava os fios conductores de energia e de luz através de paredes e tectos, conversavamos. Foi assim que eu soube que Moraes era anarchista, frequentava as aulas nocturnas do Instituto Elec-

tro-Technico e estava convencido da victoria proxima das reivindicações libertarias. Nunca obtive que elle justificasse os motivos dessa crença. Elle era, obtusamente, cegamente, um crente. A sua fé bastava-lhe. Não a examinava nem a discutia. Moraes, que sabia evitar os perigos de um curto-circuito e manejava a electricidade com tanta prudencia, com o temor intelligente dos contactos com a terra, parecia não receiar os curto-circuitos provaveis da sua doutrina, que ameaçava destruir a sua propria causa. A minha experiencia illudava-me sobre o papel preponderante desempenhado no mundo pela fé, e eu respeitava a ignorancia daquella crença, presentindo-lhe os perigos ameaçadores, inseparaveis do fanatismo.

Hontem, porém, um opportuno accidente na instalação electrica collocou-me, de novo, em presença de Moraes, mandado a minha casa para fazer a reparação necessaria. O momento era excepcionalmente favoravel para reatar as nossas conversas e, enquanto elle substitua o fuzivel de um interruptor, perguntei-lhe:

— Que foi isso que para ahi fizeram, Moraes?

O operario encarou-me, reflectiu e disse-me:

— O senhor não affirma que a força governa o mundo?

— Mas não é a força da dynamite, Moraes.

Não ha nada mais perigoso do que experimentar a força. Corre-se sempre o risco de encontrar outra força maior.

— Nós batemo-nos por um idéal.

— Os vossos adversarios tambem se batem por um idéal, que custou rios de sangue. Mas a verdade é que vocês não se batem por um idéal, mas por um interesse.

— E os que nos atacam?

— Distingamos, Moraes. Elles não os atacam. Defendem-se. As organizações burguezas são essencialmente defensivas, ao contrario das organizações aristocraticas e populares, que são igualmente aggressivas. No resto, estamos de accordo. Elles, como vocês, luctam pelo seu interesse. E eu penso que, analysando bem as coisas, vocês só não triumpham porque ainda não destronaram as miragens, que são as vossas peiores inimigas e cuja adopção imprime ao idéal libertario o character mesquinho da cobiça. Os proletarios ainda acreditam no poder do ouro e symbolizam no ouro a força dos seus oppressores. Ora, você sabe que o ouro é um simples metal que se convencionou ter um prodigioso valor. Nada impediria que, amanhã, uma vez que os operarios se apoderassem do ouro, os burguezes decretassem a sua desvalorização e o substituissem ou pelo chumbo vil ou por meros rec-

tangulos de papel, onde uma simples assignatura, debaixo dalguns algarismos, representaria o trabalho de milhares de vidas. Até agora vocês só conseguiram, pelos seus processos de lucta, justificar a repressão, pois os accusam de só pretenderem arrebatat pela violencia aquillo de que a burguezia não deseja ser espoliada. A força de que precisam de apoderar-se para dominar o mundo é a da intelligencia, e enquanto a não conquistarem tudo será baldado e os proletarios, armados de bombas, nem por isso deixarão de ser os escravos da intelligencia omnipotente. Você imagina que só existe injustiça social? Não será injustiça que ha tantos centos de milhares de annos a terra ande á volta do sol? Por que não ha de o sol andar agora á volta da terra?

— E os nossos direitos?

— Esses, sim, porque o direito é a propria base da sociedade que vocês condemnam. Invocando o direito, não precisam de bombas para ser ouvidos pelos burguezes. O burguez tem grande respeito pelas formulas e pelas convenções; deixa-se manietar e dominar facilmente pelo preconceito. A bomba, porém, exaspera-o. O burguez é medroso menos quando o ameaçam. Quanto mais se distanciarem das suas doutrinas, mais os operarios se aproximarão dos seus objectivos.

— Nós sacrificamo-nos por um ideal! repetiu Moraes, obstinado, refugiando-se na sua fé.

— Outra vez, Moraes!?

Elle olhou-me com desconfiança e, subitamente, como se houvera encontrado o argumento triumphante, pousou a turquez e disse-me:

— Nestes quatro annos quantos milhares de innocentes morreram por ideaes menos justos do que os nossos? O Estado, que tem canhões, não admittre que nós tenhamos bombas. Nós tambem somos um exercito!

— Perigoso engano, Moraes! Os soldados trabalham na mais terrivel das industrias e ganham menos por mez do que o mais modesto operario da cidade ganha numa semana. Emquanto houver desses soldados que defendem á razão de 600 réis por dia as sociedades e as patrias, vocês não poderão constituir um exercito, porque nas vossas bandeiras inscreveram como legenda — «maior salario».

— A dynamite fala alto!

— Mais alto falam os gemidos das vossas mulheres e dos vossos filhos, Moraes. Todos nós temos um patrão: a necessidade. Mas você já realizou o milagre, embora anarchista, de restaurar a luz em minha casa, e faço votos para que seus filhos herdem a sua habilidade reparadora e possam diffundir a luz sobre a terra...

O systema do proconsul Publius Magnus

Por um dia ardente das calendas de julho, á hora meridiana, quando por falta de occupação —pois mediocrementemente o interessava a poesia— Publius Magnus lia algumas odes de Horacio, o insularius annunciou-lhe a presença de um visitante, que dizia chamar-se Caius Lentulus e conhecel-o de Antiochia, onde Publius fôra proconsul até á morte recente de Claudio, quando deixára o governo para repousar durante alguns mezes, nas montanhas, das suas formidaveis e triumphantes intrigas.

Publius, tanto porque se aborrecia no isolamento, como porque tinha por principio ser accessivel a quantos o procuravam, e a todos acolher com apparente benevolencia, deu ordem para que introduzissem Caius Lentulus, embora não se lembrasse de havel-o conhecido algum dia. Esse era o unico inconveniente do systema

que adoptara de sempre franquear a sua porta aos pretendentes, aulicos, lisongeadores e intrigantes, sem excepção dos amigos. Esquecia-os depressa. Durante os annos que governara no Oriente, multidões tinham passado, genuflectidas, por diante dos seus olhos languidos de felino. Impossivel seria a um mortal reter de memoria os nomes de toda essa escoria, que acompanha os poderosos como a espuma acompanha a onda. Sorrira, indifferentemente, para milhares de homens, e só demorara em alguns delles a attenção pelo tempo necessario para extrair-lhes o segredo ou inutilizar-lhes o merito. Habituará-se a considerar os homens como meros instrumentos dos seus planos. Cedo descobrira quanto era facil manejar com as paixões, os vicios, as cobiças e as vaidades, e com o tempo chegára a convencer-se de que só do talento e do character tem que recear a ambição dos poderosos, pois não ha soberba comparavel á da virtude, quando alliada da intelligencia. Nutrindo contra elles uma desconfiança instinctiva, Publius Magnus entendia que um politico habil nunca deve prestigiar ou apoiar os homens incorruptiveis, senão emquanto isso fôr indispensavle, e sempre precisa de ter atrelada á sua munificencia, como uma matilha, alguns escribas, alguns letrados e alguns agitadores sem escrupulos, e até, em certas occa-

siões, alguns sicarios. Não porque Publius Magnus fosse de natureza cruel, pois que os espectáculos ferozes e excitantes do circo, tão uteis para conservar a virilidade romana, o divertiam tão pouco como a poesia. Sómente, lisongeando-se de não ser sanguinario, elle entendia não dever ser contrariado. Ai das formigas que se encontravam no caminho do seu carro! Como Tulia, teria sido capaz de passar sobre o cadaver paterno. A lembrança dos dias difficeis estimulava a sua ambição inflexivel. Não ha ambicioso mais obstinado e implacavel do que aquelle que conheceu o infortunio. Habitudo a respeitar os poderosos, impacientava-o qualquer resistencia ao seu poder, mas poucas vezes usara da força de preferencia á astucia e nunca deixára de experimentar a corrupção antes de recorrer á violencia.

Emquanto aguardava o visitante, Publius Magnus, indolentemente reclinado no triclinio, recordava os annos passados no governo de Antiochia, que tanto haviam augmentado a sua fama de politico sagaz. Essas recordações mergulhavam-no numa beatitude feliz. Sempre diligenciara emprestar ao poder romano, de que era representante, os modos affaveis, a urbanidade captivante e o espirito de conciliação que tinham feito a gloria de Julius Cesar. Nunca ninguem, quando resolvido a obedecer-lhe, se

afastara delle com desagrado ou queixa. Soubera conservar a serenidade precisa para sorrir aos seus amigos e deplorara sempre, em publico, que a represalia fosse uma conducta tradicionalmente imposta á autoridade. Quando partira de Antiochia, o povo espalhara jasmims e nardo no caminho da sua liteira, e mais do que um, entre aquelles a quem havia perseguido, viera beijar-lhe as mãos, attribuindo o infortunio a causas alheias á sua vontade soberana. Considerava-se um justo, attendendo a que tudo na vida é apparencia, e admittia como devidas as estatuas que um dia, certamente, lhe seriam erigidas, em memoria da sua equidade e da sua clemencia. . .

Finalmente, á porta do atrio, entre as columnas jonicas, ligadas por um festão de cheirosos louros, Caius Lentulus appareceu, e logo no seu olhar duro e na sua attitude, emquanto trocavam os *aves* e *salves* do estylo, Publius Magnus, que já pensava em mandar vir uma amphora de phalerno para brindar o seu hospede, comprehendeu, não sem surpresa, que o não trouxera a gratidão e não vinha proster-nar-se diante da sua gloria aquelle desconhecido visitante. Porque, embora lhe estudasse attentamente as feições, com o mento apoiado no punho, o não reconhecia — tão certo é que raramente o homem conhece os seus peiores

inimigos e guarda a lembrança do mal que faz.

— Vindes de Antiochia? — perguntou-lhe, debruçado no triclinio.

— Venho das prisões de Antiochia. Não deveis admirar-vos de não me reconhecer. Vós não frêquentaveis os carceres. O vosso compadecido coração não arrostaria aquelle quadro tenebroso, nem o vosso delicado olfacto supportaria o fétido das masmorras de Antiochia, cheias de escremento e de vérmina.

— Fazeis-me justiça! — disse Magnus com allivio. Quando cheguei a Roma, antes mesmo de apresentar-me ao senado, subi ao Capitolio para render graças a Jupiter, *optimus maximus*, pelo dom de um character indulgente e pacifico.

Caius sacudiu a cabeça grisalha, riu ferozmente, e estendendo o braço descarnado, com o gesto de Cicero quando accusava Catilina, falou em voz arfante e rouca:

— Dez lóngos annos, enquanto vós, ó clemente, edificaveis a vossa reputação de grande politico, morei no carcere, porque não vos convinha que vivesse em liberdade em Antiochia um cidadão romano, capaz de denunciar os vossos abusos, de comprehender os vossos perfidos estratagemas, de desmascarar a vossa hypocrisia e de contrariar a vossa ambição! Durante estes dez annos acariciei a minha vin-

gança, como as mães acariciam os filhos, e levei a estudar as palavras que deveria, um dia, dizer-vos.

Publius Magnus ergueu-se, com a physionomia decomposta pelo pavor de um attentado. Caius, porém, aplacou-o, abrindo a tunica e mostrando o peito nú.

— Não trago armas commigo. E' com a verdade que hei de punir-vos, porque vos collocarei frente a frente ao remorso e deixarei que elle vos devore o figado !

Publius Magnus recuperou a calma, voltou a sentar-se, sorrindo d'aquelle manso idealista que vinha de Antiochia castigal-o com o remorso.

— Se vindes para julgar-me, accusai-me. Eu me defenderei como é de direito a um patricio romano. Agora me recordo de vós. Tão certo como estarmos os dois aqui, eu vos mandei offerecer que escolhesseis entre o captiveiro e um cargo de procurador na Armenia, e tendo podido destruir-vos, como nocivo aos interesses do Estado, vos poupei a vida e com ella o odio que nutris contra mim.

— A transacção que me offercestes era indigna de um homem livre ! — retorquiui Caius, com arrebatamento. Vós me querieis como cumplice de vossos desmandos e escravo de vosso poder. Fostes mandado fazer um governo de

pacificação e logo começastes por impor pesados tributos, por infligir vexames e decretar confiscos.

— Defendi os interesses de Roma!

— Defendestes os vossos! A palavra romana foi por vós desmoralizada!

— Era preciso pagar as legiões e jugular a anarchia. Que sabeis de politica e de governo? Com as vossas palavras insensatas justificaes o meu procedimento. Muitas vezes os homens de principios, como vós, são a ruina das nações, porque tudo subordinam e sacrificam ás suas doutrinas, onde só o interesse do Estado deve preponderar.

— Enriquecestes!

— A riqueza é necessaria ao prestigio da autoridade. Os homens pobres enfraquecem o poder.

— Vós os prostituistes, cercando-vos de homens venaes.

— Não podia' chamar os deuses para me servirem. Que culpa tenho de que o junco flexivel cresça nos charcos? Os negocios do Estado é preciso avalial-os pelo seu resultado e não nos seus processos. Não acreditais, certamente, na virtude dos soldados, e com esses soldados mercenarios os generaes romanos têm ganho gloriosas campanhas.

— Sois um sophista impudente.

— Cito-vos factos e revelo-vos os segredos da politica.

— Deixastes de cumprir todas as vossas promessas !

— O dever de um homem de governo não é fazer o que prometeu, mas o que lhe determina a conveniencia do Estado.

— A vossa grandeza era adquirida e conservada pelo custo das maiores baixezas. Vivieis com o terror covarde dos homens máos e, tanto para os não açular, como para vos compensar dos seus vexames, ostentaveis um desprezo altivo e cruel pelos homens bons !

Publius Magnus acenou com a cabeça.

—E' que os homens máos fazem valer a sua maldade para a vender. Por que não vendem os homens bons a sua bondade ?

Caius fitou-o com o olhar de altivo desprezo.

—A sciencia da vossa vida consistiu sempre em lisongear os perigosos e abusar dos bens intencionados. Cumulastes de benesses, de dadivas e de honras os homens da mais baixa moral, os delapidadores, os intrigantes, os libertinos e os profissionaes da calumnia. Na ancia de evitar inimigos, um dia nomeastes procurador um liberto. Tudo de vós se conseguia com ameaças. Atemorizar-vos era o caminho mais curto para alcançar a vossa munificencia. Fi-

zestes da corrupção um systema. O vosso cynismo divertia-se a premiar a insolencia !

— Tendes razão ! — disse Publius Magnus, erguendo-se do triclinio, com a paciencia que dá o exercicio do poder. Por isso vou emendar-me e começar castigando os que me injuriam !

E erguendo o braço em direcção ao atrio, ordenou aos escravos que acudiram ao seu aceno :

— Levem este homem e vergastem-no !

FIM

INDICE

	Pag.
I O Supplicio da Esperança.....	5
II Savoir.....	9
III Over the Top.....	25
IV O Elogio a Lenine.....	39
V A Lucta dos Titans e dos Olympics.....	53
VI Mocidade de França.....	59
VII Á Baioneta!.....	67
VIII A Phenix Polaca.....	75
IX Do Monroismo ao Wilsonismo.....	84
X A Doutrina Wilsoniana ..	93
XI A Moral e a guerra ..	100
XII Luto pelo Tzar.....	107
XIII De como o homem do anno 2.000 será o es- pectador da guerra actual.....	113
XIV Grand-Guignol russo.....	119
XV Um caso de amor ..	129
XVI O Belga.....	136
XVII Amphictyonia.....	145
XVIII Do principio de auctoridade ..	154
XIX Hamlet no cemiterio.....	163
XX A victoria posthuma de Machiavelo ..	171
XXI A Grande Illusão ..	182
XXII A guerra dos imponderaveis ..	191
XXIII O meu amigo anarchista ..	200
XXIV O systema do Proconsul Publius Magnus..	209

INDEX

104	The ... of ...
105	The ... of ...
106	The ... of ...
107	The ... of ...
108	The ... of ...
109	The ... of ...
110	The ... of ...
111	The ... of ...
112	The ... of ...
113	The ... of ...
114	The ... of ...
115	The ... of ...
116	The ... of ...
117	The ... of ...
118	The ... of ...
119	The ... of ...
120	The ... of ...
121	The ... of ...
122	The ... of ...
123	The ... of ...
124	The ... of ...
125	The ... of ...
126	The ... of ...
127	The ... of ...
128	The ... of ...
129	The ... of ...
130	The ... of ...
131	The ... of ...
132	The ... of ...
133	The ... of ...
134	The ... of ...
135	The ... of ...
136	The ... of ...
137	The ... of ...
138	The ... of ...
139	The ... of ...
140	The ... of ...
141	The ... of ...
142	The ... of ...
143	The ... of ...
144	The ... of ...
145	The ... of ...
146	The ... of ...
147	The ... of ...
148	The ... of ...
149	The ... of ...
150	The ... of ...
151	The ... of ...
152	The ... of ...
153	The ... of ...
154	The ... of ...
155	The ... of ...
156	The ... of ...
157	The ... of ...
158	The ... of ...
159	The ... of ...
160	The ... of ...
161	The ... of ...
162	The ... of ...
163	The ... of ...
164	The ... of ...
165	The ... of ...
166	The ... of ...
167	The ... of ...
168	The ... of ...
169	The ... of ...
170	The ... of ...
171	The ... of ...
172	The ... of ...
173	The ... of ...
174	The ... of ...
175	The ... of ...
176	The ... of ...
177	The ... of ...
178	The ... of ...
179	The ... of ...
180	The ... of ...
181	The ... of ...
182	The ... of ...
183	The ... of ...
184	The ... of ...
185	The ... of ...
186	The ... of ...
187	The ... of ...
188	The ... of ...
189	The ... of ...
190	The ... of ...
191	The ... of ...
192	The ... of ...
193	The ... of ...
194	The ... of ...
195	The ... of ...
196	The ... of ...
197	The ... of ...
198	The ... of ...
199	The ... of ...
200	The ... of ...

PORTUGAL-BRASIL L.^{da}

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA — 132, Rua do Ouro, 138

A. Correia d'Oliveira		
<i>Parabolas</i> , enc.....	1\$00	
<i>O Pinheiro Exilado</i>	\$50	
<i>Ara</i> , enc.....	1\$00	
Afonso Lopes Vieira		
<i>Animaes nossos amigos</i> , (ilustrações de Raul Lino).....	1\$20	
<i>O Pão e as Rosas</i>	\$80	
Alberto d'Oliveira		
<i>Eça de Queiroz</i>	1\$00	
Alberto Teles		
<i>Camilo Castelo Branco na Cadeia da Relação do Porto</i>	\$80	
Antonio Cabral		
<i>Camilo Desconhecido</i>	1\$50	
Augusto Fuschini		
<i>A Architectura religiosa na Idade media</i>	1\$50	
Camara Lima		
<i>Beco do Fala-Só</i>	1\$00	
Carlos Malheiro Dias		
<i>A Verdade Nua</i>	1\$00	
<i>A Esperança e a Morte</i>	1\$00	
Celso Vieira		
<i>O Semeador</i>	1\$00	
Coelho de Carvalho		
<i>A Eneida de Vergilio</i>	1\$00	
Conde de Monsaraz		
Obras do Conde de Monsaraz:		
<i>Catharina d'Athayde — O Grande Marquez — Lenda do Jesuitismo</i> 2 vol., broc. 1\$50, enc.....	2\$40	
Conde de Sabugosa		
<i>Embrechados</i> , broc. 1\$00, cart.....	2\$40	
<i>Gente d'Algo</i> (2. ^a edição).....	1\$50	
Consiglieri Pedroso		
<i>Contos Populares Portuguezes</i>	1\$50	
Eduardo de Aguilar		
<i>Tragedias de Roma</i>	1\$50	
Egas Moniz		
<i>Um ano de politica</i>		
<i>A Vida Sexual</i>	2\$00	
H. Lopes de Mendonça		
<i>Sangue Portuguez</i>	0\$00	
Iracema		
<i>Cartas de Mulher</i>	1\$00	
João de Castro		
<i>Jornadas pelo Minho</i>	\$60	
João Chagas		
<i>Bom Humor</i>	1\$00	
João do Rio		
<i>A Mulher e os Espelhos</i>	1\$00	
Julio de Castilho		
<i>Fastos Portuguezes</i>	\$80	
Julio Dantas		
<i>Espadas e Rosas</i>	1\$00	
Justino de Montalvão		
<i>França de Dor e de Gloria</i>	\$80	
Manuel de Sousa Pinto		
<i>Castelo do Amor</i>	1\$00	
Paulo de Gardenia		
<i>Leticia</i>	\$80	
Samuel Maia		
<i>Sexo Forte</i>	1\$00	
Urbano Rodrigues		
<i>A Duqueza da Baeta</i>	1\$00	
<i>Coração</i>	\$70	
TEATRO:		
Augusto de Castro		
<i>Amor á Antiga</i> , 4 actos.....	\$60	
Carlos de Moura Cabral		
<i>Comedia Intima</i> , 1 acto.....	\$20	
H. Lopes de Mendonça		
<i>Nó Cego</i> , 3 actos.....	\$40	
Julio Dantas		
<i>Carlota Joaquina</i> , 1 acto.....	\$40	
Marcelino Mesquita		
<i>Almas Doentes</i> , 2 actos.....	\$40	
Urbano Rodrigues		
<i>A posse — A Ultima Aventura — Maria da Graça</i>	\$80	
Vaseo Mendonça Alves		
<i>Promessa</i> , 4 actos.....	\$60	
NÓ PRELO:		
Augusto de Castro		
<i>Conversar</i> (Sobre Amores, Ironias, Viagens).....		
Basilio Teles		
<i>A Sciencia e o Atonismo</i>		
Eduardo Schwalback		
<i>A Historia da Carochinha</i>		
D. João de Castro		
<i>A Comedia de Lisboa</i>		
João do Rio		
<i>Rosario da Ilusão</i>		
Maria Amalia Vaz de Carvalho		
<i>Paginas Escolhidas</i>		
Manoel da Silva Gaió		
<i>De Roma e suas conquistas</i>		
Sousa Costa		
<i>Paginas de Sangue</i>		